

---

# INDICADORES IBGE

volume B  
número 1  
janeiro de 1989  
publicação mensal

---

## SUMÁRIO

---

### 3 LEITURA RÁPIDA

5 ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR – INPC, ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR AMPLO – IPCA E ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR – IPC

11 Tabelas (variação geral; principais contribuições na variação mensal; números índices e variações; pesos, variação mensal dos grupos, subgrupos e itens).

---

21 PESQUISA MENSAL DE EMPREGO – PME

30 Tabelas (taxa de desemprego, ocupados, conta-própria e rendimento médio).

---

45 INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA

59 Tabelas (produção física – Brasil e produção física por regiões).

---

73 SISTEMA NACIONAL DE PESQUISA DE CUSTOS E ÍNDICES DA CONSTRUÇÃO CIVIL – SINAPI

76 Tabelas (custo médio, número índice e variações percentuais; custos de projetos; salários-hora das categorias – novembro-89).

---

89 ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

92 Tabelas (área, produção e rendimento médio – um confronto entre estimativas; confronto de safras com estimativas; cereais e leguminosas, e oleaginosas – confronto de safras com estimativas; prognóstico para a safra/89; abate de animais, produção de leite e ovos).

---

97 SUPLEMENTO I – DESEMPENHO DA INDÚSTRIA CATARIENSE NO PERÍODO DE 1981/88

---

111 SUPLEMENTO II – PRODUÇÃO ANIMAL – SITUAÇÃO RECENTE E PERSPECTIVAS.

---

### CONVENÇÃO

– Quando, pela natureza do fenômeno, não puder existir o dado.

---

## **EQUIPE**

### **DEPARTAMENTO DE AGROPECUÁRIA**

**Redatores: Bruno Marcus Rangel Pessanha  
Elvio Valente  
Jairo Augusto Silva  
Terezinha Iza Cezar**

### **DEPARTAMENTO DE EMPREGO E RENDIMENTO**

**Redatores: Shyrlene Ramos  
Delma Alves Escalera**

### **DEPARTAMENTO DE ÍNDICES DE PREÇOS**

**Redatores: Eulina Nunes dos Santos  
Luiz Fernando de Oliveira Fonseca  
Vânia Maria Carelli Prata**

**Colaboradores: Equipe Técnica do Projeto SNIPC**

### **DEPARTAMENTO DE INDÚSTRIA**

**Redatores: Ivan Gelabert Barbosa  
José Leonídio M. Souza Santos  
Maria Tereza Reis Ribeiro  
Myrian Thereza Ferreira  
Nilo Lopes de Macedo  
Paulo Gonzaga M. de Carvalho  
Rosângela Carnevale  
Sílvio Sales de Oliveira Silva  
Tereza Cristina Machado Mendes**

**Colaboradores: Carlos Alberto C. da Fonseca  
Heloísa de V. Medina**

**Programação visual**

**Pedro Paulo Machado**

#### **Produção Gráfica, Distribuição e Vendas**

**Centro de Documentação e Disseminação de Informações  
Av. Beira Mar, 436 – 6º andar – Rio de Janeiro – RJ  
CEP 20 021 – Tel.: (021) 533-3094**

**Números atrasados, NCz\$ 0,45**

# LENTURA RÁPIDA

Em dezembro, o INPC e o IPC — indexador oficial da economia — apresentaram variações de 28,43% e de 28,79%, respectivamente. Em relação ao INPC, as maiores pressões foram exercidas pelo grupo Saúde e Cuidados Pessoais (32,52%), seguido pelo grupo Transporte e Comunicação (31,20%), onde se destaca o aumento das tarifas dos ônibus urbanos (31,77%). No caso do IPC, foi o grupo Despesas Pessoais aquele que mais colaborou para o resultado de dezembro, com uma elevação de 33,00%.

Cabe observar que a inflação desse mês refletiu alguns fatores conjunturais significativos que colaboraram para a elevação de preços como: as festas de fim de ano, o pagamento do 13º salário, assim como as pressões exercidas pelos encargos sociais estabelecidos pela nova Constituição e a expectativa de ganhos reais para o salário mínimo. Com os resultados de dezembro, a inflação fecha o ano de 1988 com uma taxa de 993,28%, pelo INPC, e de 933,62%, pelo IPC.

Em novembro, a taxa de desemprego aberto (que é a proporção da população economicamente ativa procurando trabalho na semana de referência da pesquisa) foi de 3,32%, menor que a do mês anterior (3,65%) e inferior à de novembro de 1987, que foi de 3,63%. A diminuição da taxa de desemprego nos últimos meses do ano reflete a sazonalidade própria desse período, quando a pressão no mercado para obtenção de trabalho é menor. Já a queda em relação ao mesmo mês do ano anterior pode advir da perda de poder aquisitivo, o

que leva as pessoas a evitarem a desocupação e ingressarem no mercado informal de trabalho.

Em outubro, observa-se que, à exceção de Salvador que registrou um pequeno crescimento, todas as demais regiões metropolitanas apresentaram decréscimos nos rendimentos médios reais do trabalho principal em relação ao mês anterior. Com referência a outubro de 1987, no entanto, o comportamento é inverso: todas as regiões apresentaram aumentos, destacando-se São Paulo (8,5%) e Rio de Janeiro (7,2%).

A indústria, em novembro de 1988, apresentou, pelo terceiro mês consecutivo, queda de desempenho, com uma taxa de -1,6%, utilizando-se a série com ajuste sazonal. Em relação ao mesmo mês do ano anterior, a taxa de decréscimo é de 7,1%. A queda foi generalizada: dos 49 subsetores industriais pesquisados, apenas 14 — mais articulados às exportações de manufaturados — conseguiram apresentar taxas positivas na comparação com o mesmo período de 1987. Com esse resultado, o acumulado janeiro/novembro apresenta retração de -3,3% no Setor Industrial, derrubando a breve recuperação presenciada no trimestre junho/agosto e quebrando o padrão de relativa estabilidade do patamar de produção industrial estabelecido desde o segundo semestre de 1987.

A análise dos indicadores conjunturais da indústria por regiões confirma o panorama geral de retração de atividade, sendo o Paraná a única localidade, das dez investigadas, que registrou resultado

positivo (6,2%) com referência a novembro de 1987. Todas as demais sofreram reduções que variam entre - 1,8%, em Minas Gerais, e - 17,9%, na Bahia.

Nas estimativas de dezembro para a agricultura, destaca-se o comportamento da safra de grãos que pelo segundo ano superará o patamar de 65 milhões, bastante superior ao alcançado em safras passadas. Em 1988, o volume alcançado é da ordem de 65,6 milhões de toneladas, representando um crescimento de 1,63% em comparação com a safra de 1987. O terceiro prognóstico da produção agrícola para o Centro-sul e Rondônia aponta para um acréscimo de 11,88% na produção de soja em 1989 (22,4 milhões de t). Caso se confirme esse resultado, a safra de grãos de 89 superará os 70,0 milhões de t. Com referência à pecuária, os resultados de novembro demonstraram decréscimo no abate de animais, com exceção dos bovinos, fruto não apenas do inverno rigoroso e da seca prolongada que se abateram sobre a Região Centro-sul, como também da instabilidade econômica ocorrida durante o ano. Pelos mesmos motivos também apresentou decréscimo a produção de leite destinada à indústria, repetindo o mesmo comportamento já observado nos três meses anteriores.

Com as últimas informações sobre as lavouras (dezembro) e sobre a pecuária (novembro), o Produto Real de

Agropecuária, em 1988, sofrerá uma queda de cerca de 0,23%, sendo que as lavouras tiveram decréscimo de 1,70% e a produção animal um crescimento de 2,05%.

O Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil (SINAPI) registrou, em novembro, o custo de Cz\$ 102.656,93 por metro quadrado, com uma variação de 30,81% em relação a outubro. Com esse crescimento — o mais alto do ano — a taxa acumulada de janeiro a novembro é de 758,09%. Na composição do custo médio, a parcela relativa à mão-de-obra cresceu 30,58% (Cz\$ 22.039,54) e a de materiais 30,87% (Cz\$ 80.617,39).

O presente número de Indicadores IBGE traz ainda dois suplementos. Dando continuidade à divulgação dos indicadores regionais da indústria, que contemplou no último número dessa revista o Estado do Paraná, o primeiro suplemento é um estudo sobre o comportamento industrial de Santa Catarina no período 1981/88 a partir dos dados da Pesquisa Industrial Mensal — Produção Física. O segundo suplemento é uma análise sobre a situação conjuntural da produção animal e as possíveis perspectivas para esse setor da economia.

Rio de Janeiro, RJ, janeiro de 1989

Os Editores

---

**NOTA** — Em referência aos dados publicados no número de dezembro de 1988, deverão ser observadas as seguintes correções: páginas 12 e 13, tabela 3

onde se lê

INPC  
IPCA  
IPC

leia-se

IPC  
INPC  
IPCA

---

# ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR, ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR AMPLIO E ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR

## RESULTADOS DO INPC E DO IPCA

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor — INPC — do mês de dezembro de 1988 apresentou variação de 28,43%, superior aos 28,15% registrados no INPC de novembro e o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo — IPCA — variou 28,70%.

Os resultados acumulados encontram-se na tabela abaixo.

Os maiores índices regionais foram registrados em Recife (32,28%) e Salvador (31,92%), onde os produtos alimentícios variaram 32,36% e 33,51%, respectivamente. O menor índice regional ficou com Porto Alegre (26,44%).

Dentre os sete grupos que compõem o INPC, o menor resultado foi o de Habitação (22,59%), e as maiores variações ficaram

## VARIAÇÕES DO INPC E DO IPCA, COM ÍNDICES ACUMULADOS

ÍNDICES	VARIAÇÃO (%)				NÚMERO ÍNDICE (março/86 = 100)
	Acumulado em três meses	Acumulado em seis meses	Acumulado no ano	Acumulado em doze meses	
INPC sem empréstimo compulsório .....	108,71	293,12	994,32	994,32	6 450,49
INPC com empréstimo compulsório .....	108,51	292,75	993,28	993,28	6 450,49
IPCA sem empréstimo compulsório .....	107,02	291,10	981,14	981,14	6 658,76
IPCA com empréstimo compulsório .....	106,84	290,77	980,21	980,21	6 658,76

com Saúde e Cuidados Pessoais (32,52%), onde os artigos de higiene pessoal atingiram variação de 37,43%, e com Transporte e Comunicação (31,20%), com destaque para os ônibus urbanos (31,77%).

Ressalta-se que o INPC de dezembro refletiu as elevações de preços propiciadas pelo período das festas de final de ano, a exemplo das carnes de porco (42,41%), carnes industrializadas (38,41%), bacalhau (37,40%), etc. Observa-se, também, uma pressão exercida pelos encargos sociais estabelecidos pela nova Constituição, promulgada no dia 05 de outubro de 1988, além do pagamento do 13º salário e expectativa de ganhos reais para o salário mínimo, observada com maior nitidez no item serviços pessoais (31,00%).

Assim, de janeiro a dezembro, o INPC acumulou uma variação de 993,28%. Na perspectiva *últimos seis meses* a variação foi de 292,75%.

O grupo dos produtos alimentícios teve variação de 28,58% e os comentários são:

**Arroz** — a variação de 30,68% confirma a tendência de alta. A CFP realizou na Bolsa de Cereais de São Paulo, em 14-12-88, o último leilão de arroz do ano. Ao que tudo indica, os estoques da CFP estão chegando ao fim, coincidindo com o período de entressafra do produto — janeiro/fevereiro.

**Derivados de trigo** — o trigo em grão e a farinha de trigo tiveram seus preços reajustados em 25% nos dias 02-12-88 e 05-12-88, respectivamente. Os resultados dos principais derivados no INPC de dezembro encontram-se a seguir, registrando-se que a variação do pão francês se refere aos reajustes de 22,40% e 25,00%, em vigor, a partir de 22-11-88 e 22-12-88.

Macarrão.....	27,01%
Farinha de trigo.....	24,51%
Biscoitos.....	25,36%
Pão francês.....	21,97%
Pão doce.....	20,53%

**Farinha de mandioca** — com grande influência nas Regiões Metropolitanas do Nordeste, a variação da farinha de mandioca situou-se em 29,56%, acumulando 91,98% em novembro e dezembro. A escassez da raiz de mandioca no mercado

está provocando alta acentuada nos preços. A quebra na produção em todo o país e o desestímulo ao plantio devido aos preços pouco atraentes explicam a escassez. Algumas indústrias estão paralisando suas atividades por falta de matéria-prima.

**Açúcar** — a variação de 23,11% refere-se ao reajuste de 25,00% concedido pelo IAA em 02-12-88.

**Carnes** — com 34,32% de variação, a carne bovina continuou com seus preços em alta. O período é de entressafra e os preços nos primeiros quinze dias do mês registraram altas consecutivas no atacado. A previsão, segundo noticiário, é de que os preços cresçam menos a partir da entrada da nova safra.

**Carnes industrializadas** — a variação de 38,41% nas carnes industrializadas deve-se, além do crescimento de preços das carnes bovina e suína, à maior demanda por ocasião das festas de final de ano.

**Frango e ovos** — os preços do frango e dos ovos apresentaram variações de 29,89% e 26,62%, respectivamente. Estes resultados são inferiores aos do mês de novembro, quando o frango situou-se em 36,66% e os ovos registraram 38,41%.

**Leite e derivados** — a variação de 25,39% no leite pasteurizado corresponde aos reajustes médios de 24,60% e 25%, concedidos em 17-11-88 e 17-12-88, respectivamente. Os resultados dos principais derivados foram:

Leite em pó integral.....	33,04%
Leite em pó desengordurado..	35,96%
Queijo tipo minas.....	16,10%
Manteiga.....	31,81%

**Óleo de soja** — apresentou variação de 32,77%. Os preços vêm sendo pressionados pela perspectiva de quebra na próxima safra brasileira, em decorrência da seca no Paraná.

**Café moído** — os preços do café aumentaram 25,71%. A alta também vem sendo provocada pela quebra da próxima safra.

**Enlatados e conservas** — apresentaram 35,24% de variação. Os resultados dos principais produtos foram:

Sardinha em lata.....	38,35%
Carne de boi em lata.....	41,11%
Salsicha em lata.....	35,13%

**Alimentação fora do domicílio** — a variação de 31,49% deve-se, além de outros custos, aos aumentos nos preços dos produtos alimentícios em geral. Os resultados foram:

Refeição consumida em restaurante .....	32,69%
Lanche consumido em restaurante .....	30,96%
Café da manhã consumido em restaurante .....	25,90%

Os produtos não alimentícios apresentaram 28,30% de variação no INPC de dezembro. Os comentários por grupo são os seguintes:

**Habitação** — a variação de 22,59% foi pressionada pelo crescimento de preços dos artigos de limpeza (30,22%) e dos artigos para reparos (27,64%). A variação de 22,75% registrada na gasolina e a variação de 22,60% registrada no gás de bujão referem-se aos reajustes de 01-12-88. Quanto à energia elétrica, a variação de 25,00% foi decorrente do reajuste de 25,00% de 01-12-88. Os aluguéis residenciais registraram 8,82% de variação.

**Artigos de Residência** — os preços aumentaram 29,37%, destacando-se os artigos de mobiliário (35,42%), os utensílios e enfeites (32,72%) e os aparelhos de TV e Som (30,08%).

**Vestuário** — os preços dos artigos de vestuário aumentaram 29,37%. Os destaques foram:

Roupas masculinas .....	29,71%
Roupas femininas .....	28,14%
Calçados .....	30,31%

**Transporte e Comunicação** — a variação do grupo situou-se em 31,20%, pressionado, principalmente, pelo resultado apresentado pelos ônibus urbanos (31,77%), com destaque para São Paulo, com 50,00% de variação, em decorrência do reajuste concedido em 04-12-88. Destacaram-se, ainda, os automóveis usados com 31,76%. Quanto aos automóveis novos, a variação de 27,67% refere-se ao reajuste médio de 30,00% concedido pelo CIP em 30-11-88, com um desconto médio de 3,5% sobre o preço fixado, adotado pelos fabricantes a

fim de aderir ao limite de 26,50% fixado pelo pacto contra a inflação, que por sua vez foi suspenso por algumas montadoras na terceira semana de dezembro.

**Saúde e Cuidados Pessoais** — com 32,52%, foi o grupo que apresentou a maior variação do mês de dezembro, destacando-se os artigos de higiene pessoal (37,43%), os serviços médicos (34,11%) e os produtos farmacêuticos (26,72%), cujos preços foram reajustados em 24,15% no dia 08-11-88 e 25,00% em 07-12-88.

**Despesas Pessoais** — apresentou variação de 28,93% devido, principalmente, ao crescimento de preços das mensalidades das associações esportivas (25,07%) e dos cigarros, cuja variação de 27,52% refere-se aos reajustes de 26,00% e 24,84% concedidos em 18-11-88 e 18-12-88, respectivamente, além do item educação (38,79%), destacando-se a variação de 43,77% nas mensalidades e matrículas de cursos formais, que acumulou 232,33% em relação ao primeiro semestre do ano.

---

## RESULTADOS DO IPC

---

O Índice de Preços ao Consumidor — IPC — do mês de dezembro de 1988 apresentou variação de 28,79%, superior aos 26,92% registrados no mês de novembro. O menor índice regional ficou com São Paulo (27,87%) e o maior foi registrado em Belém (35,37%), onde os preços dos produtos alimentícios tiveram crescimento de 39,95%.

Dentre os sete grupos que compõem o IPC, o menor resultado foi o de Habitação (21,34%), enquanto o grupo Despesas Pessoais apresentou a maior variação (33,00%).

Ressalta-se que o IPC de dezembro refletiu as elevações de preços propiciadas pelo período das festas de final de ano, a exemplo das carnes de porco (47,05%), carnes industrializadas (38,79%), bacalhau (44,56%), etc. Observa-se, também, forte pressão exercida pelos encargos sociais estabelecidos pela nova Constituição, promulgada no dia 05 de outubro de 1988, além do pagamento do 13º salário e expectativa de ganhos reais para o salário mínimo. Estas

pressões podem ser observadas com maior nitidez em Saúde e Cuidados Pessoais (31,59%) e Despesas Pessoais (33,00%), grupos que concentram a maior parte dos serviços.

Assim, de janeiro a dezembro, o IPC acumulou uma variação de 933,62%. Na perspectiva *últimos seis meses* a variação foi de 286,06%.

O grupo dos produtos alimentícios teve variação de 29,76% e os comentários são:

**Arroz** — a variação de 31,59% confirma a tendência de alta. A CFP realizou na Bolsa de Cereais de São Paulo, em 14-12-88, o último leilão de arroz do ano. Ao que tudo indica, os estoques da CFP estão chegando ao fim, coincidindo com o período de entressafra do produto — janeiro/fevereiro.

**Derivados de trigo** — o trigo em grão e a farinha de trigo tiveram seus preços reajustados em 25% nos dias 02-12-88 e 05-12-88, respectivamente. Os resultados dos principais derivados no IPC de novembro encontram-se a seguir, registrando-se que a variação do pão francês se refere aos reajustes de 26,60% e 22,40%, em vigor a partir de 22-10-88 e 22-11-88.

Macarrão.....	31,59%
Farinha de trigo.....	23,54%
Biscoitos.....	27,48%
Pão francês.....	24,15%
Pão doce.....	19,55%

**Farinha de mandioca** — com grande influência nas Regiões Metropolitanas do Nordeste, a variação da farinha de mandioca situou-se em 35,37%, acumulando 94,28% em novembro e dezembro. A escassez da raiz de mandioca no mercado está provocando alta acentuada nos preços. A quebra na produção em todo o país e o desestímulo ao plantio devido aos preços pouco atraentes explicam a escassez. Algumas indústrias estão paralisando suas atividades por falta de matéria-prima.

**Açúcar** — a variação de 28,02% refere-se aos reajustes de 30,55% e 25,00% concedidos pelo IAA em 27-10-88 e em 02-12-88, respectivamente.

**Carnes** — com 37,01% de variação, a carne bovina continuou com seus preços em alta. O mês de novembro é considerado

pico da entressafra e os preços registraram altas consecutivas no atacado. O gado confinado em todo o país já foi praticamente abatido e vários frigoríficos estão abatendo gado do pasto. Segundo o noticiário, a oferta é reduzida e a previsão é de que a nova safra entre no mercado a partir do final de dezembro.

**Carnes industrializadas** — a variação de 38,79% nas carnes industrializadas deve-se, além do crescimento de preços das carnes bovina e suína, à maior demanda por ocasião das festas de final de ano.

**Frango e ovos** — os preços do frango e dos ovos apresentaram variações de 28,23% e 26,66%, respectivamente. Estes resultados são inferiores aos do mês de novembro, quando o frango situou-se em 36,66% e os ovos registraram 38,41%.

**Leite e derivados** — a variação de 24,43% no leite pasteurizado corresponde ao reajuste médio de 24,60% concedido em 17-11-88. Os resultados dos principais derivados foram:

Leite em pó integral.....	56,37%
Leite em pó desengordurado ..	44,37%
Queijo tipo minas.....	20,85%
Queijo tipo prato.....	20,51%
Manteiga.....	48,71%

**Óleo de soja** — apresentou variação de 37,28%, superior aos 22,57% registrados no IPC de novembro. Os preços vêm sendo pressionados pela perspectiva de quebra na próxima safra brasileira, em decorrência da seca no Paraná.

**Café moído** — os preços do café aumentaram 26,41%. A alta também vem sendo provocada pela quebra da próxima safra.

**Enlatados e conservas** — apresentaram 37,34% de variação. Os resultados dos principais produtos foram:

Sardinha em lata.....	44,98%
Carne de boi em lata.....	49,78%
Salsicha em lata.....	32,89%

**Alimentação fora do domicílio** — a variação de 29,87% deve-se, além de outros custos, aos aumentos nos preços dos produtos alimentícios em geral. Os resultados foram:



Refeição consumida em restaurante .....	30,56%
Lanche consumido em restaurante.....	31,25%
Café da manhã consumido em restaurante .....	24,21%

Os produtos não alimentícios apresentaram 27,96% de variação no IPC de dezembro. Os comentários por grupos são os seguintes:

**Habitação** — a variação de 21,34% foi pressionada pelo crescimento de preços dos artigos para reparos (29,28%) e dos artigos de limpeza (27,38%). A gasolina teve reajuste de 17,68% e 22,75% em 27-10-88 e 01-12-88, respectivamente, resultando em 15,72% no IPC de dezembro; o gás de bujão, com variação de 17,17% em dezembro, teve reajuste de 25,4% e 22,4% em 27-10-88 e 01-12-88. A energia elétrica, cuja variação situou-se em 25,99%, foi reajustada em 27,25% no dia 01-11-88 e em 25,00% no dia 01-12-88. Os aluguéis residenciais registraram 8,83% de variação.

**Artigos de Residência** — os preços aumentaram 28,08%, destacando-se as roupas de cama, mesa e banho (31,34%), os artigos de mobiliário (29,86%) e os utensílios e enfeites (28,87%).

**Vestuário** — os preços dos artigos de vestuário aumentaram 30,40%. Os destaques foram:

Roupas masculinas .....	31,52%
Roupas infantis .....	29,85%
Calçados .....	31,83%
Tecidos e artigos de armarinho	30,18%

**Transporte e Comunicação** — com 27,46% de variação, o grupo foi pressionado pelo crescimento de preços do item veículo próprio (32,57%), onde os automóveis usados aumentaram 36,20%; a variação de 26,92% nos automóveis novos referé-se ao reajuste de 27% concedido em 28-10-88 e ao reajuste concedido em 30-11-88 que, embora o CIP tenha autorizado o percentual de 30%, os fabricantes de veículos resolveram apoiar o pacto contra a inflação e aderi-

ram ao limite de 26,5% fixado para o mês de dezembro, concedendo um desconto de 3,5% sobre o preço fixado. Os ônibus urbanos, cujo resultado foi relativamente baixo no IPC de novembro (14,52%), apresentou 25,28% em dezembro, destacando-se o Rio de Janeiro, com 26,54% de variação devido aos reajustes de 28,57% e 24,44%, em vigor, a partir de 27-10-88 e 03-12-88, respectivamente; e São Paulo, com 25,00% de variação devido ao reajuste de 50,00%, em vigor, a partir de 04-12-88.

**Saúde e Cuidados Pessoais** — a variação do grupo situou-se em 31,59%. Os maiores aumentos de preços foram registrados nos serviços de saúde:

Dentistas.....	43,83%
Aparelhos dentários .....	42,59%
Exames de laboratórios .....	42,62%
Hospitalização e cirurgia.....	45,89%
Mensalidades de clínicas.	71,08%

Os artigos de higiene pessoal aumentaram 28,96% e os produtos farmacêuticos apresentaram variação de 30,34%, em decorrência dos reajustes médios de 24% e 25% concedidos em 08-11-88 e 07-12-88. Registre-se que algumas classes terapêuticas tiveram seus preços reajustados em percentuais bastante superiores aos reajustes médios divulgados:

Analgésicos .....	36,75%
Pomadas e parasiticidas .....	35,57%
Antialérgicos e corticosteróides .....	36,29%
Antiácidos e anti-sépticos .....	38,83%

**Despesas Pessoais** — registrando 33,00%, foi o grupo que apresentou a maior variação no mês em decorrência, principalmente, do crescimento de preços das mensalidades das associações esportivas (37,72%) e dos cigarros, cuja variação de 32,24% refere-se aos reajustes de 35% e 26%, concedidos em 18-10-88 e 18-11-88, respectivamente, além do item educação (37,86%), destacando-se a variação de 43,78% nas mensalidades e matrículas de cursos formais, que acumulou 232,10% em relação ao primeiro semestre do ano.

---

**NOTA EXPLICATIVA DO IPC**

---

O Índice de Preços ao Consumidor — IPC — é o indexador oficial da economia brasileira, criado através do Decreto-Lei nº 2.284 de 10 de março de 1986. De 28 de fevereiro de 1986 até outubro do mesmo ano, o IPC foi calculado pela metodologia do IPCA, de novembro de 1986 em diante, passou a ser calculado pela metodologia do INPC.

O número índice de fevereiro refere-se à data de 28-02-86.

A variação de março de 1986 corresponde ao movimento de preços observados en-

tre o dia 28 de fevereiro de 1986 e a base definida pelos preços coletados em março de 1986.

Até maio de 1987, o IPC foi calculado com base nos preços coletados no mês civil. O IPC de junho de 1987 foi obtido comparando-se a média dos preços vigentes, no período de 16 a 22 de junho, com a média dos preços constatados no mês de maio, conforme determinação do Decreto-Lei nº 2.335 de 12 de junho de 1987 e a Portaria nº 186 de junho de 1987. A partir de junho, também em cumprimento ao Decreto-Lei nº 2.335, o IPC passou a ser calculado, com base na média dos preços apurados, entre o início da segunda quinzena do mês anterior e o término da primeira quinzena do mês de referência.

1 - VARIÇÃO GERAL E POR GRUPOS DE PRODUTOS,  
SEGUNDO AS REGIÕES METROPOLITANAS

INPC - Dezembro de 1988

REGIÕES METROPOLITANAS	GERAL	GRUPOS DE PRODUTOS (%)						
		Alimen- tação	Habitação	Artigos de resi- dência	Vestuário	Transporte e comuni- cação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém.....	29,95	30,59	30,07	21,86	30,14	28,04	31,83	30,39
Fortaleza.....	29,35	29,77	23,12	31,96	33,79	25,55	30,80	30,99
Recife.....	32,28	32,36	24,72	32,51	30,42	38,54	34,49	36,08
Salvador.....	31,92	33,51	25,51	37,81	31,17	27,86	32,01	29,98
Belo Horizonte.....	27,24	27,61	25,43	24,94	27,88	25,82	28,42	29,26
Rio de Janeiro.....	27,99	28,94	23,96	25,75	28,03	24,90	35,32	27,60
São Paulo.....	27,94	27,14	20,03	30,98	30,18	38,26	32,49	27,38
Curitiba.....	27,94	27,25	22,54	31,78	26,54	28,56	29,37	32,57
Porto Alegre.....	26,44	25,69	24,20	25,02	25,64	27,63	30,74	29,34
Brasília, DF.....	28,53	26,89	28,85	28,77	34,09	26,09	28,98	32,78
INPC.....	28,43	28,58	22,59	29,37	29,37	31,20	32,52	28,93

IPCA - Dezembro de 1988

REGIÕES METROPOLITANAS	GERAL	GRUPOS DE PRODUTOS (%)						
		Alimen- tação	Habitação	Artigos de resi- dência	Vestuário	Transporte e comuni- cação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém.....	30,51	31,21	29,72	22,62	30,62	31,80	30,35	30,62
Fortaleza.....	31,06	30,39	24,74	30,84	33,30	34,56	31,06	33,51
Recife.....	33,36	32,38	23,99	33,26	30,15	40,30	33,83	40,73
Salvador.....	34,19	34,30	30,24	37,76	31,39	40,30	31,76	31,76
Belo Horizonte.....	27,20	27,43	25,08	25,98	26,71	26,51	26,99	30,52
Rio de Janeiro.....	27,84	29,13	25,26	26,86	27,88	26,78	33,04	26,64
São Paulo.....	28,51	27,46	23,23	31,45	30,18	31,23	33,11	28,83
Curitiba.....	29,33	27,98	24,04	32,51	25,35	29,99	29,83	35,44
Porto Alegre.....	27,09	26,16	24,49	26,67	25,99	28,15	29,69	29,85
Brasília, DF.....	29,42	26,84	28,88	30,01	34,90	27,35	27,55	35,35
IPCA.....	28,70	28,61	24,53	29,76	28,98	30,17	32,17	29,34

IPC - Dezembro de 1988

REGIÕES METROPOLITANAS	GERAL	GRUPOS DE PRODUTOS (%)						
		Alimen- tação	Habitação	Artigos de resi- dência	Vestuário	Transporte e comuni- cação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém.....	35,37	39,95	25,22	32,06	32,60	30,04	27,56	35,31
Fortaleza.....	29,88	29,04	23,19	35,11	33,16	36,10	28,14	33,39
Recife.....	31,85	32,56	26,41	36,92	32,64	20,37	34,61	39,67
Salvador.....	30,54	31,34	22,04	33,91	28,38	25,72	35,43	34,65
Belo Horizonte.....	28,06	29,05	24,55	19,89	28,92	25,70	30,32	32,81
Rio de Janeiro.....	28,43	28,81	22,11	25,52	28,68	25,92	31,29	34,02
São Paulo.....	27,87	29,80	18,65	27,33	32,21	28,90	32,05	29,91
Curitiba.....	28,93	27,44	22,09	33,37	29,77	31,23	30,31	34,70
Porto Alegre.....	28,05	27,36	27,14	27,60	24,70	25,70	30,60	34,40
Brasília, DF.....	28,44	27,63	24,24	30,47	32,47	27,66	29,82	33,34
IPC.....	28,79	29,76	21,34	28,08	30,40	27,46	31,59	33,00

## 2 – PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES NA VARIAÇÃO

INPC mensal – Dezembro de 1988

(continua)

ITENS	VARIAÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO (%)
Carnes .....	34,32	1,96
Ônibus urbano .....	31,77	1,64
Pão francês .....	21,97	1,52
Arroz .....	30,68	1,29
Refeição em restaurante .....	32,69	1,27
Cigarros .....	27,52	1,22
Artigos de higiene pessoal .....	37,43	1,15
Farinhas, féculas e massas .....	27,45	0,89
Artigos de limpeza .....	30,22	0,88
Roupas masculinas .....	29,71	0,74
Carnes industrializadas .....	38,41	0,68
Artigos para reparos .....	27,64	0,65
Automóveis usados .....	31,76	0,62
Frango .....	29,89	0,62
Produtos farmacêuticos .....	26,72	0,60
Associações esportivas .....	25,07	0,57
Calçados .....	30,31	0,56
Leite pasteurizado .....	23,03	0,54
Café moído .....	25,71	0,41
Artigos de mobiliário .....	35,42	0,41
Itens listados acima .....	29,57	18,22
Demais itens .....	26,60	10,21

## INPC em 1988

ITENS	VARIAÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO (%)
Pão francês .....	1 177,11	72,30
Carnes .....	1 245,82	72,20
Ônibus urbano .....	827,59	50,90
Cigarros .....	994,12	46,74
Arroz .....	1 233,09	42,76
Refeição em restaurante .....	1 001,81	38,93
Farinhas, féculas e massas .....	1 332,90	32,45
Artigos de higiene pessoal .....	966,62	29,05
Aluguel .....	712,42	27,74
Artigos de limpeza .....	998,43	26,79
Roupas masculinas .....	1 023,36	25,33
Associações esportivas .....	1 232,99	23,93
Artigos para reparos .....	1 023,16	23,37
Leite pasteurizado .....	930,88	22,76
Feijões .....	1 248,58	20,60
Automóveis usados .....	960,48	20,50
Frango .....	1 220,84	19,10
Calçados .....	1 115,54	18,88
Produtos farmacêuticos .....	819,75	18,28
Carnes industrializadas .....	1 065,32	18,15
Itens listados acima .....	1 044,89	650,76
Demais itens .....	908,07	342,52

## 2 - PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES NA VARIACÃO

IPCA mensal - Dezembro de 1988

(continua)

ITENS	VARIAÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO (%)
Automóveis novos .....	28,26	1,76
Automóveis usados.....	33,58	1,75
Carnes .....	33,89	1,53
Refeição em restaurante .....	32,13	1,46
Artigos para reparos.....	27,68	1,22
Associações esportivas .....	23,73	1,12
Artigos de higiene pessoal .....	38,00	0,96
Ônibus urbano.....	31,63	0,92
Pão francês.....	21,77	0,84
Cigarros .....	27,58	0,82
Roupas masculinas .....	29,63	0,76
Gasolina .....	22,75	0,66
Arroz .....	30,47	0,63
Artigos de limpeza .....	30,33	0,61
Roupas femininas .....	28,12	0,52
Leite pasteurizado.....	24,53	0,51
Cursos formais.....	43,19	0,48
Carnes industrializadas .....	36,97	0,46
Calçados .....	29,01	0,44
Produtos farmacêuticos .....	26,73	0,43
Itens listados acima .....	29,38	17,88
Demais itens .....	27,66	10,82

## IPCA em 1988

ITENS	VARIAÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO (%)
Automóveis novos .....	1 111,84	60,90
Automóveis usados.....	962,63	54,19
Carnes .....	1 167,72	51,96
Associações esportivas .....	1 242,36	48,04
Artigos para reparos.....	1 017,47	42,89
Pão francês.....	1 078,87	36,35
Cigarros .....	994,04	31,22
Ônibus urbano.....	830,10	27,96
Roupas masculinas .....	1 024,23	25,65
Gasolina .....	590,82	25,17
Artigos de higiene pessoal .....	970,66	23,47
Leite pasteurizado.....	1 073,73	21,74
Arroz .....	1 227,46	20,65
Roupas femininas .....	863,60	18,66
Artigos de limpeza .....	976,38	18,23
Aluquel .....	644,37	17,81
Farinhas, féculas e massas .....	1 356,98	15,20
Calçados .....	1 093,88	15,12
Fiango .....	1 404,54	13,89
Produtos farmacêuticos.....	817,10	13,04
Itens listados acima .....	998,82	582,14
Demais itens .....	954,22	398,07

## 2 - PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES NA VARIAÇÃO

IPC mensal - Dezembro de 1988

(conclusão)

ITENS	VARIAÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO (%)
Carnes .....	37,01	2,02
Pão francês.....	24,15	1,68
Cigarro.....	32,24	1,38
Ônibus urbano.....	25,28	1,36
Arroz.....	31,59	1,30
Refeição em restaurante.....	30,56	1,21
Farinhas, féculas e massas.....	31,53	0,98
Artigos de higiene pessoal.....	28,96	0,89
Associações esportivas.....	37,72	0,80
Artigos de limpeza.....	27,38	0,79
Roupas masculinas.....	31,52	0,78
Automóveis usados.....	36,20	0,70
Artigos para reparos.....	29,28	0,67
Carnes industrializadas.....	38,79	0,67
Produtos farmacêuticos.....	30,34	0,64
Calçados.....	31,83	0,60
Leite pasteurizado.....	24,43	0,57
Leite em pó integral.....	56,37	0,52
Açúcar.....	28,02	0,49
Café moído.....	26,41	0,41
Somatório.....	-	18,46

## IPC em 1988

ITENS	VARIAÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO (%)
Pão francês.....	1 044,84	64,02
Carnes.....	984,60	56,25
Ônibus urbano.....	766,49	46,62
Cigarro.....	937,77	43,62
Arroz.....	1 149,82	37,60
Refeição em restaurante.....	924,38	36,77
Farinhas, féculas e massas.....	1 233,08	29,88
Aluguel.....	711,71	29,38
Artigos de higiene pessoal.....	914,35	27,19
Artigos de limpeza.....	952,31	25,71
Roupas masculinas.....	956,05	23,89
Mensalidades de associações esportivas.....	1 177,64	21,94
Leite pasteurizado.....	861,39	21,84
Artigos para reparos.....	949,29	21,39
Feijões.....	1 270,83	20,90
Frango.....	1 265,67	19,76
Automóveis usados.....	896,03	19,09
Produtos farmacêuticos.....	867,87	18,36
Calçados.....	1 040,34	18,00
Carnes industrializadas.....	992,66	16,69
Somatório.....		598,90

### 3 - NÚMEROS ÍNDICES E VARIAÇÕES - 1987/88 INPC

(continua)

MESES	NÚMERO ÍNDICE (março 86 = 100)	VARIAÇÃO (%)			
		No mês	Acumulada em três meses	Acumulada no ano	Acumulada em doze meses
<b>1987</b>					
Janeiro.....	139,35	16,82	29,42	16,82	
Fevereiro.....	158,78	13,94	42,77	33,10	56,70
Março.....	181,64	14,40	52,27	52,27	81,64
Abril.....	219,71	20,96	57,67	84,18	118,77
Maió.....	270,55	23,14	70,39	126,80	166,53
Junho.....	328,18	21,30	80,68	175,11	220,21
Julho.....	360,77	9,93	64,20	202,43	248,84
Agosto.....	379,13	5,09	40,13	217,82	261,42
Setembro.....	406,24	7,15	23,79	240,55	282,70
Outubro.....	450,44	10,88	24,86	277,60	318,35
Novembro.....	517,69	14,93	36,55	333,98	365,51
Dezembro.....	590,01	13,97	45,24	394,60	394,60
<b>1988</b>					
Janeiro.....	701,93	18,97	55,83	18,97	403,72
Fevereiro.....	812,91	15,81	57,03	37,78	411,97
Março.....	959,97	18,09	62,70	62,70	428,50
Abril.....	1 135,93	18,33	61,83	92,53	417,01
Maió.....	1 343,12	18,24	65,22	127,64	396,44
Junho.....	1 642,37	22,28	71,09	178,36	400,45
Julho.....	2 020,44	23,02	77,87	242,44	460,04
Agosto.....	2 437,26	20,63	81,46	313,09	542,86
[Setembro.....	3 093,61	26,93	88,36	424,33	661,52
[Outubro.....	3 919,29	26,69	93,98	564,28	770,10
[Novembro.....	5 022,57	28,15	106,07	751,27	870,19
[Dezembro.....	6 450,49	28,43	108,51	993,28	993,28

### 3 - NÚMEROS ÍNDICES E VARIAÇÕES - 1987/88 IPCA

(conclusão)

MESES	NÚMERO ÍNDICE (março 86 = 100)	VARIAÇÃO (%)			
		No mês	Acumulada em três meses	Acumulada no ano	Acumulada em doze meses
<b>1987</b>					
Janeiro.....	150,59	13,21	33,29	13,21	
Fevereiro.....	169,62	12,64	42,37	27,51	69,43
Março.....	197,39	16,37	48,39	48,39	97,39
Abril.....	235,09	19,10	56,11	76,73	133,27
Maió.....	285,52	21,45	68,33	114,64	179,40
Junho.....	341,80	19,71	73,16	156,95	230,27
Julho.....	373,28	9,21	58,78	180,62	254,63
Agosto.....	391,46	4,87	37,10	194,29	259,14
Setembro.....	421,92	7,78	23,44	217,19	280,55
Outubro.....	469,26	11,22	25,71	252,77	315,35
Novembro.....	540,02	15,08	37,95	305,97	353,27
Dezembro.....	616,43	14,15	46,10	363,41	363,41
<b>1988</b>					
Janeiro.....	732,87	18,89	56,18	18,89	386,67
Fevereiro.....	847,93	15,70	57,02	37,55	399,90
Março.....	997,17	17,60	61,76	61,76	405,18
Abril.....	1 189,52	19,29	62,31	92,97	405,98
Maió.....	1 396,73	17,42	64,72	126,58	389,19
Junho.....	1 704,01	22,00	70,88	176,43	398,54
Julho.....	2 077,36	21,91	74,64	237,00	456,52
Agosto.....	2 525,86	21,59	80,84	309,76	545,24
Setembro.....	3 219,21	27,45	88,92	422,23	662,99
Outubro.....	4 043,97	25,62	94,67	556,03	761,78
Novembro.....	5 173,86	27,94	104,84	739,33	858,09
Dezembro.....	6 658,76	28,70	106,84	980,21	980,21

### IPC

MESES	NÚMERO ÍNDICE (março 86 = 100)	VARIAÇÃO (%)			
		No mês	Acumulada em três meses	Acumulada no ano	Acumulada em doze meses
<b>1987</b>					
Janeiro.....	142,86	16,82	29,44	16,82	
Fevereiro.....	162,77	13,94	42,78	33,10	62,59
Março.....	186,21	14,40	52,27	52,27	86,21
Abril.....	225,24	20,96	57,66	84,19	123,50
Maió.....	277,52	23,21	70,50	126,94	171,57
Junho.....	349,84	26,06	87,87	186,07	238,04
Julho.....	360,51	3,05	60,06	194,80	244,26
Agosto.....	383,44	6,36	38,17	213,55	260,11
Setembro.....	405,22	5,68	15,83	231,36	274,13
Outubro.....	442,42	9,18	22,72	261,78	300,85
Novembro.....	499,23	12,84	30,20	308,23	337,92
Dezembro.....	569,82	14,14	40,62	365,96	365,96
<b>1988</b>					
Janeiro.....	663,90	16,51	50,06	16,51	364,72
Fevereiro.....	783,14	17,96	56,87	37,44	381,13
Março.....	908,52	16,01	59,44	59,44	387,90
Abril.....	1 083,68	19,28	63,23	90,18	381,12
Maió.....	1 276,36	17,78	62,98	123,99	359,92
Junho.....	1 525,63	19,53	67,92	167,74	336,09
Julho.....	1 892,39	24,04	74,63	232,10	424,92
Agosto.....	2 283,36	20,66	78,90	300,72	495,49
Setembro.....	2 831,59	24,01	85,60	396,93	598,78
Outubro.....	3 603,20	27,25	90,40	532,34	714,43
Novembro.....	4 573,18	26,92	100,28	702,57	816,05
Dezembro.....	5 889,80	28,79	108,00	933,62	933,62



4 - VARIÇÃO MENSAL  
IPC - Dezembro de 1988

GRUPOS	PONDERAÇÃO (%)	VARIÇÃO (%)
Geral.....	100,00	28,79
Alimentação.....	46,10	29,76
Habitação.....	13,75	21,34
Artigos de residência.....	5,58	28,08
Vestuário.....	7,94	30,40
Transporte e comunicação.....	9,80	27,46
Saúde e cuidados pessoais.....	6,05	31,59
Despesas pessoais.....	10,78	33,00

5 - PESOS, VARIÇÃO MENSAL DOS GRUPOS, SUBGRUPOS E ITENS DE PRODUTOS,  
SEGUNDO A IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS  
Dezembro de 1988

(continua)

IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	PESOS (%)	VARIÇÃO (%)	IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	PESOS (%)	VARIÇÃO (%)
<b>INPC</b>					
INPC.....	100,00	28,43	APARELHOS ELÉTRICOS.....	2,95	26,56
			Eletrodomésticos e equipamentos ..	1,62	23,68
ALIMENTAÇÃO.....	46,70	28,58	TV e som.....	1,33	30,08
ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO.....	41,01	28,18	VESTUÁRIO.....	7,84	29,37
Cereais, leguminosas e oleaginosas	6,35	30,92	ROUPAS.....	4,74	29,19
Farinhas, féculas e massas.....	3,23	27,45	Roupas de homem.....	2,49	29,71
Tubérculos, raízes e legumes.....	0,33	15,54	Roupas de mulher.....	1,40	28,14
Açúcares e derivados.....	2,11	23,07	Roupas de criança.....	0,85	29,42
Hortaliças e verduras.....	0,22	11,89	CALÇADOS E OUTROS APETRECHOS	1,85	30,31
Frutas.....	0,15	26,52	Calçados e outros apetrechos.....	1,85	30,31
Carnes frescas e vísceras.....	5,70	34,32	JÓIAS E BIJUTERIAS.....	0,45	31,06
Pescados.....	0,87	29,81	Jóias e bijuterias.....	0,45	31,06
Carnes e peixes industrializados.....	1,78	38,41	TECIDOS E ARMARINHO.....	0,81	27,28
Aves e ovos.....	3,19	28,74	Tecidos e armarinho.....	0,81	27,28
Leite e derivados.....	4,85	25,39	TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO.....	9,37	31,20
Panificados.....	8,05	22,42	TRANSPORTE.....	9,31	31,24
Óleos e gorduras.....	1,30	35,05	Transporte público.....	6,30	31,85
Bebidas não-alcoólicas e infusões.....	1,94	26,41	Veículo próprio.....	3,01	29,96
Enlatados e conservas.....	0,32	35,24	COMUNICAÇÕES.....	0,06	25,56
Sal e condimentos.....	0,63	27,24	Comunicações.....	0,06	25,56
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO	5,69	31,49	SAÚDE E CUIDADOS PESSOAIS.....	6,24	32,52
Alimentação fora do domicílio.....	5,69	31,49	PRODUTOS FARMACÊUTICOS E		
HABITAÇÃO.....	13,16	22,59	APARELHOS DE TRATAMENTO.....	2,40	26,77
ENCARGOS E MANUTENÇÃO.....	9,60	22,29	Produtos farmacêuticos.....	2,23	26,72
Habitação.....	4,34	14,07	Óculos e lentes.....	0,17	27,38
Reparos.....	2,36	27,64			
Artigos de limpeza.....	2,90	30,22			
OPERAÇÃO.....	3,56	23,41			
Combustíveis.....	0,88	21,75			
Serviços públicos.....	2,68	23,95			
ARTIGOS DE RESIDÊNCIA.....	5,69	29,37			
MÓVEIS E UTENSÍLIOS.....	2,74	32,38			
Mobiliário.....	1,17	35,42			
Utensílios e enfeites.....	0,75	32,72			
Cama, mesa e banho.....	0,82	27,76			

5 – PESOS, VARIAÇÃO MENSAL DOS GRUPOS, SUBGRUPOS E ITENS DE PRODUTOS,  
SEGUNDO A IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS  
Dezembro de 1988

(continua)

IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	PESOS (%)	VARIAÇÃO (%)	IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	PESOS (%)	VARIAÇÃO (%)
ATENDIMENTOS E SERVIÇOS .....	0,75	30,81	Mobiliário .....	1,12	34,67
Atendimentos .....	0,38	27,55	Utensílios e enfeites .....	1,18	32,92
Serviços médicos .....	0,38	34,11	Cama, mesa e banho .....	0,75	27,79
CUIDADOS PESSOAIS .....	3,08	37,43	APARELHOS ELÉTRICOS .....	2,15	26,18
Higiene pessoal .....	3,08	37,43	Eletrodomésticos e equipamentos ..	1,23	23,58
DESPESAS PESSOAIS .....	11,01	28,93	TV e som .....	0,93	29,62
SERVIÇOS .....	1,31	31,00	VESTUÁRIO .....	7,71	28,98
Serviços pessoais .....	1,31	31,00	ROUPAS .....	5,04	29,05
RECREAÇÃO, FUMO E ÁLCOOL .....	7,71	26,34	Roupas de homem .....	2,55	29,63
Recreação .....	2,63	24,46	Roupas de mulher .....	1,85	28,12
Fumo e álcool .....	5,08	27,30	Roupas de criança .....	0,64	29,43
EDUCAÇÃO E LEITURA .....	1,99	37,62	CALÇADOS E OUTROS APETRECHOS	1,51	29,01
Educação .....	1,69	38,79	Calçados e outros apetrechos .....	1,51	29,01
IPCA			JÓIAS E BIJUTERIAS .....	0,45	31,07
IPCA .....	100,00	28,70	Jóias e bijuterias .....	0,45	31,07
ALIMENTAÇÃO .....	31,91	28,61	TECIDOS E ARMARINHO .....	0,71	27,13
ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO .....	25,99	27,98	Tecidos e armário .....	0,71	27,13
Cereais, leguminosas e oleaginosas	3,16	30,18	TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO .....	18,78	30,17
Farinhas, féculas e massas .....	1,51	27,70	TRANSPORTE .....	18,59	30,22
Tubérculos, raízes e legumes .....	0,20	16,06	Transporte público .....	4,52	32,03
Açúcares e derivados .....	1,26	24,74	Veículo próprio .....	14,07	29,64
Hortaliças e verduras .....	0,18	11,04	COMUNICAÇÕES .....	0,19	25,41
Frutas .....	0,08	29,05	Comunicações .....	0,19	25,41
Carnos frescas e vísceras .....	4,52	33,89	SAÚDE E CUIDADOS PESSOAIS .....	6,46	32,17
Pescados .....	0,70	25,46	PRODUTOS FARMACÊUTICOS E		
Carnes e peixes industrializados .....	1,24	36,97	APARELHOS DE TRATAMENTO .....	1,92	26,88
Áves e ovos .....	1,99	28,59	Produtos farmacêuticos .....	1,61	26,73
Leite e derivados .....	3,89	24,15	Óculos e lentes .....	0,30	27,70
Panificados .....	4,65	22,35	ATENDIMENTOS E SERVIÇOS .....	2,02	29,90
Óleos e gorduras .....	0,74	35,25	Atendimentos .....	0,95	27,41
Bebidas não-alcoólicas e infusões .....	1,20	27,43	Serviços médicos .....	1,07	32,10
Enlatados e conservas .....	0,27	35,28	CUIDADOS PESSOAIS .....	2,52	38,00
Sal e condimentos .....	0,41	27,68	Higiene pessoal .....	2,52	38,00
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO	5,91	31,39	DESPESAS PESSOAIS .....	14,60	29,34
Alimentação fora do domicílio .....	5,91	31,39	SERVIÇOS .....	2,39	30,65
HABITAÇÃO .....	15,35	24,53	Serviços pessoais .....	2,39	30,65
ENCARGOS E MANUTENÇÃO .....	10,18	25,12	RECREAÇÃO, FUMO E ÁLCOOL .....	8,59	25,07
Habitação .....	3,75	19,30	Recreação .....	5,14	23,80
Reparos .....	4,41	27,68	Fumo e álcool .....	3,44	27,26
Artigos de limpeza .....	2,02	30,33			
OPERAÇÃO .....	5,17	23,35			

5 – PESOS, VARIAÇÃO MENSAL DOS GRUPOS, SUBGRUPOS E ITENS DE PRODUTOS,  
SEGUNDO A IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS  
Dezembro de 1988

(conclusão)					
IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	PESOS (%)	VARIAÇÃO (%)	IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	PESOS (%)	VARIAÇÃO (%)
EDUCAÇÃO E LEITURA .....	3,62	38,59	Roupas de homem.....	2,49	31,52
Educação .....	3,00	40,02	Roupas de mulher.....	1,46	27,36
IPC .....	100,00	28,79	Roupas de criança.....	0,85	29,85
ALIMENTAÇÃO.....	46,09	29,76	CALÇADOS E OUTROS APETRECHOS	1,85	31,83
ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO .....	40,32	29,74	Calçados e outros apetrechos .....	1,85	31,83
Cereais, leguminosas e oleaginosas	6,33	29,06	JÓIAS E BIJUTERIAS .....	0,46	29,58
Farinhas, féculas e massas .....	3,12	31,52	Jóias e bijuterias .....	0,46	29,58
Tubérculos, raízes e legumes .....	0,34	13,28	TECIDOS E ARMARINHO .....	0,83	30,18
Açúcares e derivados .....	2,06	27,16	Tecidos e armarinho .....	0,83	30,18
Hortaliças e verduras.....	0,22	19,25	TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO .....	9,80	27,46
Frutas .....	0,14	20,21	TRANSPORTE .....	9,74	27,47
Carnes frescas e vísceras .....	5,45	37,01	Transporte público .....	6,58	25,03
Pescados .....	0,87	27,98	Veículo próprio.....	3,15	32,57
Carnes e peixes industrializados .....	1,72	38,79	COMUNICAÇÕES .....	0,06	26,13
Aves e ovos .....	3,16	27,69	Comunicações .....	0,06	26,13
Leite e derivados.....	4,69	31,86	SAÚDE E CUIDADOS PESSOAIS .....	6,05	31,59
Panificados .....	8,10	24,30	PRODUTOS FARMACÊUTICOS E APARELHOS DE TRATAMENTO .....	2,29	30,28
Óleos e gorduras .....	1,21	37,53	Produtos farmacêuticos.....	2,12	30,34
Bebidas não-alcóolicas e infusões .....	1,93	26,30	Óculos e lentes.....	0,17	29,51
Enlatados e conservas .....	0,30	37,34	ATENDIMENTOS E SERVIÇOS.....	0,69	47,62
Sal e condimentos.....	0,66	22,50	Atendimentos .....	0,38	38,90
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO	5,78	29,87	Serviços médicos.....	0,32	58,03
Alimentação fora do domicílio .....	5,78	29,87	CUIDADOS PESSOAIS .....	3,08	28,96
HABITAÇÃO .....	13,75	21,34	Higiene pessoal .....	3,08	28,96
ENCARGOS E MANUTENÇÃO .....	9,88	21,57	DESPESAS PESSOAIS.....	10,78	33,00
Habituação .....	4,72	14,29	SERVIÇOS.....	1,35	29,56
Reparos .....	2,29	29,28	Serviços pessoais .....	1,35	29,56
Artigos de limpeza .....	2,87	27,38	RECREAÇÃO, FUMO E ALCÓOL.....	7,44	32,63
OPERAÇÃO .....	3,87	20,73	Recreação .....	2,48	34,95
Combustíveis .....	1,10	17,50	Fumo e álcool.....	4,95	31,46
Serviços públicos.....	2,77	22,01	EDUCAÇÃO E LEITURA .....	2,00	36,71
ARTIGOS DE RESIDÊNCIA .....	5,58	28,08	Educação .....	1,72	37,86
MÓVEIS E UTENSÍLIOS .....	2,67	30,03	Leitura e papelaria.....	0,29	29,81
Mobiliário .....	1,10	29,86			
Utensílios e enfeites .....	0,75	28,87			
Cama, mesa e banho .....	0,82	31,34			
APARELHOS ELÉTRICOS .....	2,91	26,29			
Eletrodomésticos e equipamentos .....	1,56	25,33			
TV e som .....	1,35	27,40			
VESTUÁRIO .....	7,94	30,40			
ROUPAS .....	4,80	29,96			

# PESQUISA MENSAL DE EMPREGO

## TAXA DE DESEMPREGO ABERTO

A estimativa da taxa média de desemprego aberto (proporção da população economicamente ativa procurando trabalho) para o mês de novembro de 1988 foi de 3,32%, inferior à do mês anterior (3,65%) e à de novembro de 1987 (3,63%). Esta é a segunda menor taxa observada no mês de novembro, desde a implantação da pesquisa, superada apenas pela taxa de novembro de 1986 (2,64%).

Em cada Região Metropolitana foram obtidos os seguintes resultados:

Recife	—	5,05%
Salvador	—	4,01%
Belo Horizonte	—	3,10%
Rio de Janeiro	—	3,01%
São Paulo	—	3,30%
Porto Alegre	—	2,93%

Em termos percentuais, observamos as seguintes variações na estimativa da taxa de desemprego aberto:

## VARIAÇÃO DA ESTIMATIVA DA TAXA DE DESEMPREGO ABERTO, SEGUNDO AS REGIÕES METROPOLITANAS

REGIÕES METROPOLITANAS	EM RELAÇÃO A OUTUBRO-88 (%)	EM RELAÇÃO A NOVEMBRO-87 (%)
TOTAL .....	- 9,04	- 8,54
Recife .....	- 2,32	- 3,26
Salvador .....	6,65	2,82
Belo Horizonte .....	- 14,13	- 15,76
Rio de Janeiro .....	- 5,94	- 1,95
São Paulo .....	- 13,16	- 12,70
Porto Alegre .....	- 12,01	- 12,54

Quanto aos setores de Atividade foram obtidos os seguintes resultados:

Indústrias de transformação	—	3,82%
Construção civil	—	3,44%
Comércio	—	3,80%
Serviços	—	2,78%

Fazendo a comparação com o mês e o ano anteriores, verificamos as seguintes variações:

VARIAÇÃO DA ESTIMATIVA DA TAXA DE DESEMPREGO ABERTO, SEGUNDO OS RAMOS DE ATIVIDADE

RAMOS DE ATIVIDADE	EM RELAÇÃO A OUTUBRO-88 (%)	EM RELAÇÃO A NOVEMBRO-87 (%)
Indústrias de transformação.....	- 10,96	- 18,38
Construção civil.....	- 10,18	- 12,91
Comércio.....	- 13,83	- 2,43
Serviços.....	- 5,12	- 1,42

As quedas em relação ao mês anterior refletem a sazonalidade da estimativa da taxa de desemprego aberto. Historicamente, os últimos meses do ano apresentam menores taxas, pois a pressão no mercado, para obtenção de trabalho, é menor.

As quedas em relação a novembro do ano passado, podem ser conseqüência de dese-

quilíbrios internos. A perda de poder aquisitivo faz com que as pessoas não fiquem desocupadas, inserindo-se no mercado informal. Enquanto as Indústrias de Transformação e a Construção Civil apresentaram decréscimos acentuados (18,38% e 12,91%, respectivamente), os setores de Comércio e de Serviços, onde se verifica maior grau de informalidade, apresentaram variações de 2,43% e -1,42%, respectivamente.

Fazendo uma retrospectiva, o Gráfico 1 mostra o comportamento das taxas no período 1985-88. O Gráfico 2 mostra a tendência foi de queda. Em 1987, a queda média móvel dos últimos três meses.

Nos dois primeiros anos do período, a tendência foi de queda. Em 1987 a queda ocorreu a partir do 2.º semestre e em 1988, embora a média das taxas estejam mais próximas dos dois anos anteriores, observamos uma certa estabilidade.

GRÁFICO 1

TAXA MÉDIA DE DESEMPREGO  
(Idade mínima - 15 anos - Período de referência - Semana)  
VARIÇÃO PERCENTUAL

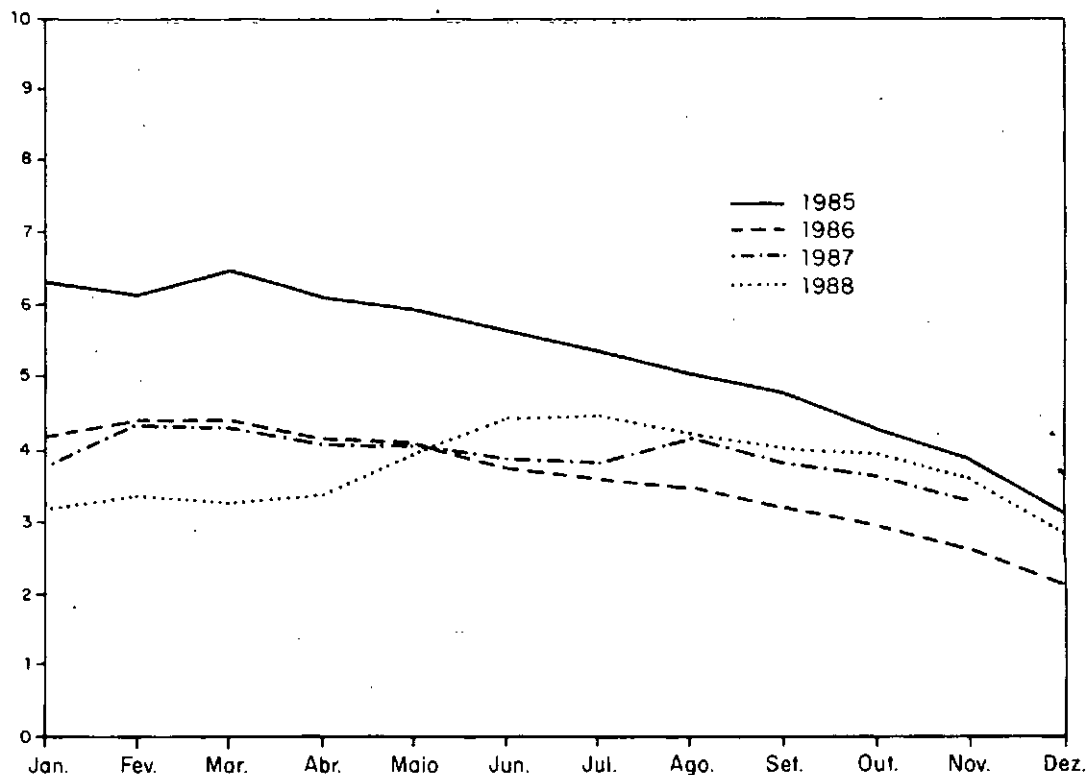
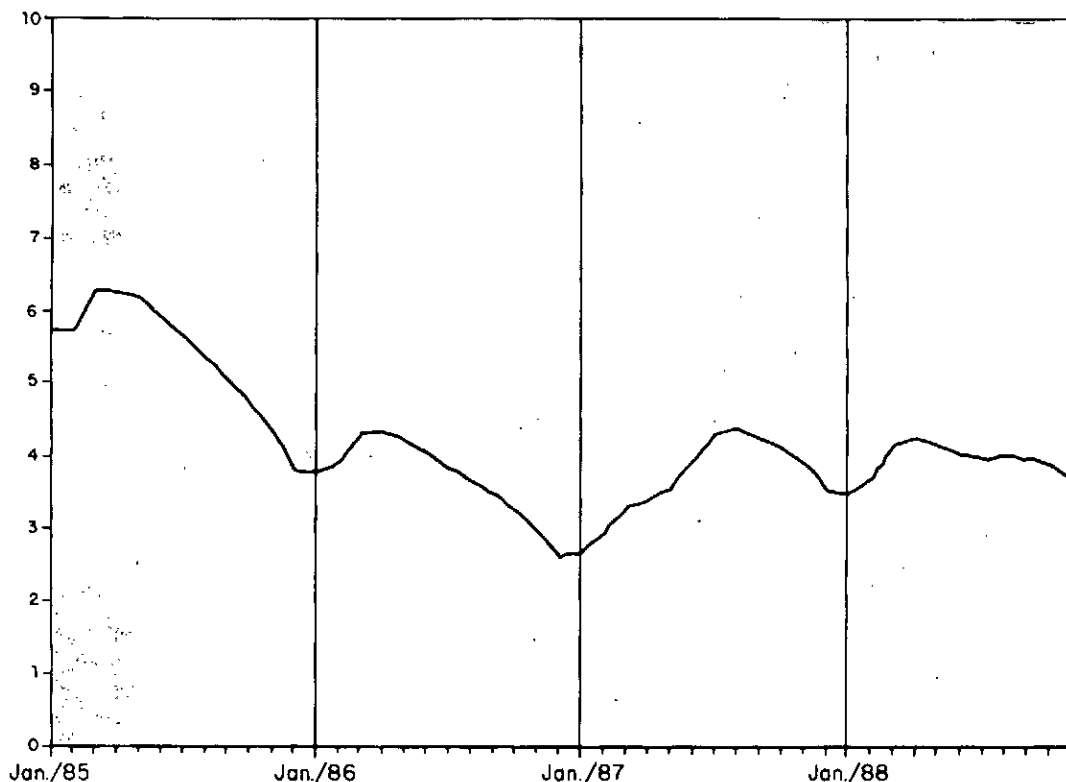


GRÁFICO 2

TAXA MÉDIA DE DESEMPREGO — MM(3)  
(Idade mínima — 15 anos — Período de referência — Semana)  
VARIACÃO PERCENTUAL



A Tabela abaixo mostra a média anual do período:

MÉDIA DAS TAXAS DE DESEMPREGO  
ABERTO, SEGUNDO OS ANOS DA PESQUISA  
1985-88

ANOS DA PESQUISA	MÉDIA DAS TAXAS
1985 .....	5,25
1986 .....	3,59
1987 .....	3,73
1988 .....	3,93

VARIAÇÃO DO NÚMERO DE PESSOAS  
DESOCUPADAS, SEGUNDO AS REGIÕES  
METROPOLITANAS  
Outubro-88/Novembro-87

REGIÕES METROPOLITANAS	EM RELAÇÃO OUTUBRO-88 (%)	EM RELAÇÃO A NOVEMBRO-87 (%)
Recife .....	- 0,68	- 3,62
Salvador .....	4,38	11,03
Belo Horizonte .....	- 14,58	- 11,70
Rio de Janeiro .....	- 5,83	0,04
São Paulo .....	- 13,66	- 8,98
Porto Alegre .....	- 11,86	- 7,94

### PESSOAS DESOCUPADAS

A estimativa do número de pessoas desocupadas em novembro de 1988 foi 9,54% inferior à de outubro de 1988 e 4,73% à de novembro de 1987.

A Tabela a seguir mostra as variações segundo as Regiões Metropolitanas:

### PESSOAS OCUPADAS

A estimativa do número de pessoas ocupadas em novembro de 1987, aumentou 0,81% em relação ao mês anterior e 4,54% em relação ao mesmo mês do ano anterior.

Como podemos observar nas tabelas a seguir, as variações, tanto na região metro-

politana, quanto no setor de Atividade, foram mais expressivas em relação ao ano anterior, principalmente no setor da Construção Civil que há alguns meses vem apresentando resultados positivos, na maioria das regiões pesquisadas, em virtude do ano eleitoral e da maior demanda por imóveis como fonte de investimento.

**VARIAÇÃO DO NÚMERO DE PESSOAS OCUPADAS, SEGUNDO AS REGIÕES METROPOLITANAS**  
Outubro-88/Novembro-87

REGIÕES METROPOLITANAS	EM RELAÇÃO A OUTURO-88 (%)	EM RELAÇÃO A NOVEMBRO-87 (%)
Recife.....	1,70	6,02
Salvador.....	- 2,04	6,41
Belo Horizonte.....	0,05	5,33
Rio de Janeiro.....	1,20	3,45
São Paulo.....	0,87	4,46
Porto Alegre.....	1,27	5,65

**VARIAÇÃO DO NÚMERO DE PESSOAS OCUPADAS, SEGUNDO OS RAMOS DE ATIVIDADE**  
Outubro-88/Novembro-87

RAMOS DE ATIVIDADE	EM RELAÇÃO A OUTUBRO-88 (%)	EM RELAÇÃO A NOVEMBRO-87 (%)
Indústrias de transformação.....	0,81	1,75
Construção civil.....	0,54	11,05
Comércio.....	0,88	3,07
Serviços.....	1,72	5,57

No mês de novembro de 1988, a distribuição das pessoas ocupadas, por Região Metropolitana, foi:

São Paulo	—	43,89%
Rio de Janeiro	—	27,85%
Belo Horizonte	—	8,81%
Porto Alegre	—	7,71%
Recife	—	6,39%
Salvador	—	5,37%

**DISTRIBUIÇÃO DAS PESSOAS OCUPADAS, COM 15 ANOS OU MAIS, SEGUNDO AS REGIÕES METROPOLITANAS E OS SETORES DE ATIVIDADE**

Novembro-88

REGIÕES METROPOLITANAS	SETORES DE ATIVIDADE				
	Indústrias de transformação	Construção civil	Comércio	Serviços	Outras atividades
Recife.....	13,64	7,32	17,24	47,83	13,96
Salvador.....	12,47	8,98	14,99	51,87	11,69
Belo Horizonte.....	19,44	10,46	13,36	49,66	7,08
Rio de Janeiro.....	17,41	7,28	12,56	53,13	9,62
São Paulo.....	33,21	6,54	12,67	43,28	4,29
Porto Alegre.....	26,46	6,16	14,95	43,78	8,65

Segundo o setor de Atividade, foi registrado:

Serviços	—	47,40%
Indústrias de transformação	—	24,70%
Comércio	—	13,31%
Construção civil	—	7,23%
Outras atividades	—	7,35%

Na Tabela abaixo, podemos observar a distribuição segundo as Regiões Metropolitanas e os setores de Atividade:

**POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA**

A estimativa da população economicamente ativa (pessoas ocupadas e desocupadas) não apresentou variação significativa em relação a outubro de 1988. Em relação a novembro de 1987, a variação foi de 4,20%, explicada pelo aumento do número de pessoas ocupadas, cuja participação é de aproximadamente 97%.

**TAXA DE ATIVIDADE**

A taxa de atividade não apresentou variação significativa.

**RENDIMENTOS MÉDIOS**

As estimativas para os rendimentos médios reais do trabalho principal das pessoas ocupadas, no mês de outubro de 1988, tiveram o seguinte comportamento:

Em relação a setembro de 1988, observamos queda em todas as regiões metropolitanas, com exceção de Salvador que apresentou um ligeiro crescimento. O declínio mais acentuado ocorreu em Recife (4,6%), em decorrência da queda dos rendimentos reais dos empregados sem carteira e das pessoas que trabalharam por conta própria. Das pessoas ocupadas, nesta região, 48% tinham carteira assinada, e 47% trabalharam por conta própria ou sem carteira assinada.

Em relação a outubro de 1987, verificamos crescimento em todas as regiões metropolitanas, destacando-se São Paulo e Rio de Janeiro, com variações de 8,5% e 7,2%, respectivamente.

Em São Paulo, os rendimentos dos empregados com carteira (62% dos ocupados) tiveram crescimento de 13,3%. No Rio de Janeiro a variação para a mesma categoria (54% dos ocupados) foi de 9,3%.

A Tabela abaixo mostra a participação das categorias no total de pessoas ocupa-

das, segundo as regiões metropolitanas, no mês de outubro de 1988:

**PARTICIPAÇÃO DAS CATEGORIAS NO TOTAL DE PESSOAS OCUPADAS, SEGUNDO AS REGIÕES METROPOLITANAS**

Outubro-88

REGIÕES METROPOLITANAS	EMPREGADOS COM CARTEIRA	EMPREGADOS SEM CARTEIRA	CONTA-PRÓPRIA
Recife.....	48,48	24,10	22,49
Salvador.....	54,35	20,04	21,70
Belo Horizonte.....	56,44	20,60	17,35
Rio de Janeiro.....	54,32	21,62	19,67
São Paulo.....	62,09	18,07	14,24
Porto Alegre.....	59,16	17,82	16,78

Nos Gráficos 3 e 4, podemos cotejar os rendimentos médios reais (média móvel dos últimos 3 meses) dos empregados com carteira assinada (c/c) e sem carteira assinada (s/c) em São Paulo e no Rio de Janeiro no período 1985-88.

Destacou-se o ano de 1986, com crescimento significativo, para as duas categorias.

GRÁFICO 3

**RENDIMENTO MÉDIO REAL DOS EMPREGADOS – MM(3)**  
(Cz\$ – março-86)  
Rio de Janeiro

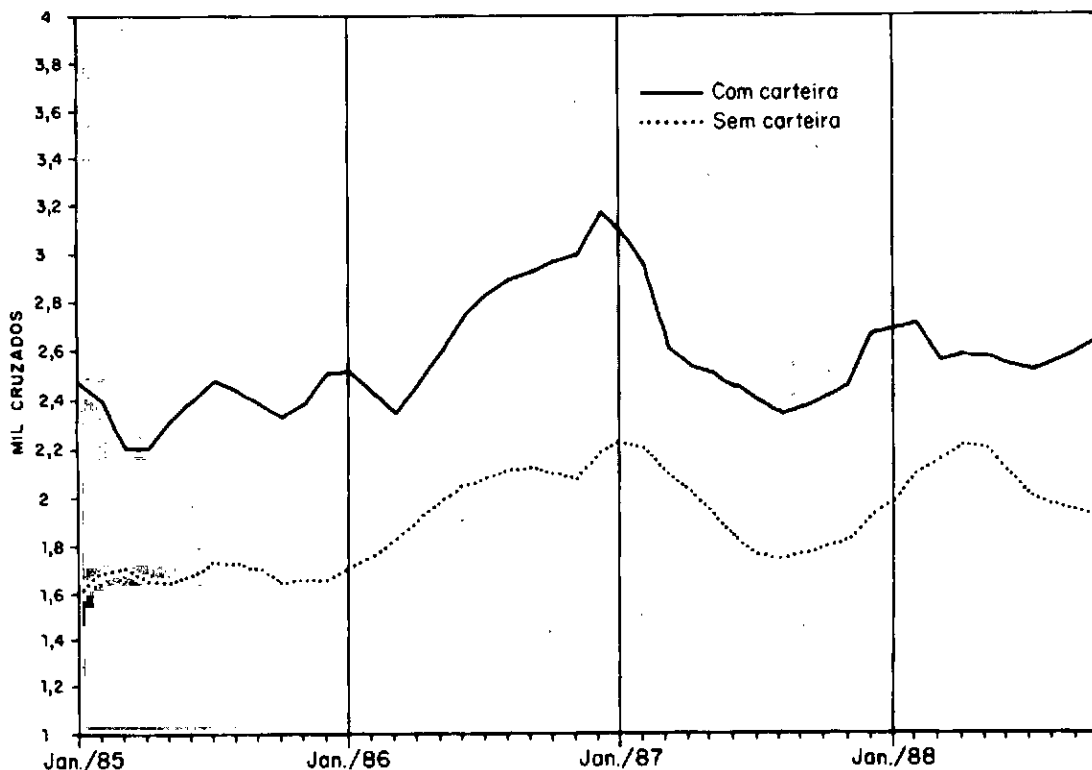
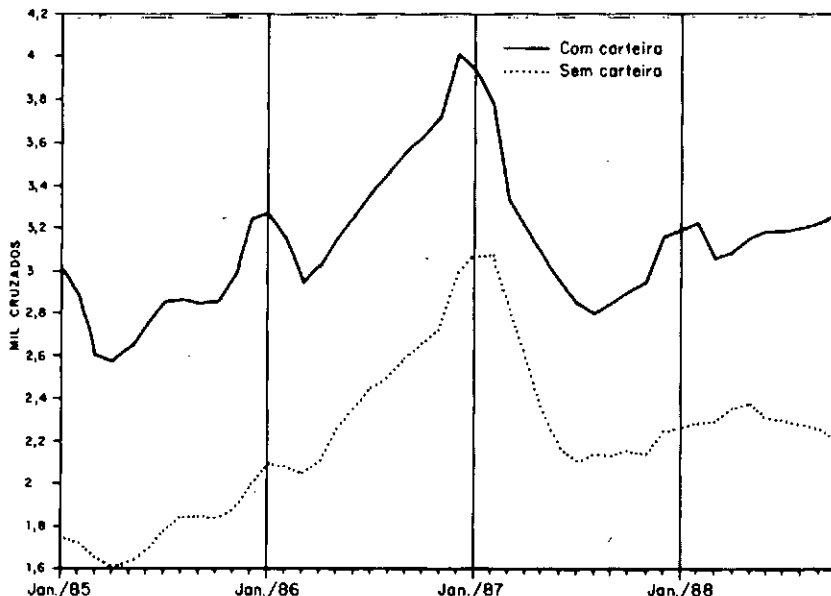




GRÁFICO 4

RENDIMENTO MÉDIO REAL DOS EMPREGADOS — MM(3)  
(Cz\$ — março-86)  
São Paulo



A média anual dos rendimentos é apresentada a seguir:

EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA  
1985-88

ANOS DA PESQUISA	RIO DE JANEIRO		SÃO PAULO	
	Média	Variação (%)	Média	Variação (%)
1985 .....	2 369	-	2 859	-
1986 .....	2 796	18,02	3 439	20,29
1987 .....	2 522	-9,80	3 070	-10,73
1988 .....	2 571	1,94	3 164	3,06

NOTA — A média de 1988 refere-se ao período janeiro/outubro.

EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA  
1985-88

ANOS DA PESQUISA	RIO DE JANEIRO		SÃO PAULO	
	Média	Variação (%)	Média	Variação (%)
1985 .....	1 680	-	1 792	-
1986 .....	2 044	21,67	2 496	39,29
1987 .....	1 905	-6,80	2 336	-6,41
1988 .....	2 045	7,35	2 264	-3,08

NOTA — A média de 1988 refere-se ao período janeiro/outubro.

SUB-REMUNERAÇÃO

O percentual de pessoas economicamente ativas (desocupadas e ocupadas), sem re-

muneração ou com remuneração inferior a um Piso Nacional de Salários (PNS), no mês de novembro de 1988, foi de 18,48%.

A média do período janeiro/novembro foi de 18,93%, superior à de 1987 (17,68%), e inferior à de 1986 (20,28%).

Fazendo a desagregação, por região metropolitana, encontramos os seguintes resultados:

PERCENTUAL DE PESSOAS  
ECONOMICAMENTE ATIVAS, SEM  
REMUNERAÇÃO OU COM REMUNERAÇÃO  
INFERIOR A UM PISO NACIONAL DE  
SALÁRIOS (PNS), SEGUNDO AS REGIÕES  
METROPOLITANAS — 1986-88  
Janeiro/Novembro

REGIÕES METROPOLITANAS	1986	1987	1988
Recife .....	30,33	31,61	33,12
Salvador .....	28,17	24,75	26,85
Belo Horizonte .....	26,77	24,18	25,52
Rio de Janeiro .....	21,78	18,89	18,49
São Paulo .....	15,65	12,87	14,93
Porto Alegre .....	19,42	17,02	18,25

Em todas as regiões metropolitanas, com exceção de Recife, a média anual de 1988 foi superior à de 1987 e inferior à de 1986, ano em que a economia sofreu profundas alterações, devido ao Plano Cruzado.

VARIAÇÃO DOS RENDIMENTOS MÉDIOS REAIS DO TRABALHO PRINCIPAL,  
SEGUNDO AS REGIÕES METROPOLITANAS E A POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO

REGIÕES METROPOLITANAS E POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO	VARIAÇÃO DOS RENDIMENTOS MÉDIOS REAIS DO TRABALHO PRINCIPAL (%)	
	Out.-87/out.-88	Set./out.-88
<b>Recife</b>		
Ocupados.....	1,2	-4,6
Empregados com carteira assinada.....	-0,5	0,2
Empregados sem carteira assinada.....	2,2	-7,9
Conta-próprias.....	-0,3	-5,3
<b>Salvador</b>		
Ocupados.....	3,0	1,4
Empregados com carteira assinada.....	11,6	5,3
Empregados sem carteira assinada.....	-18,8	-4,3
Conta-próprias.....	-10,0	10,6
<b>Belo Horizonte</b>		
Ocupados.....	0,7	-1,9
Empregados com carteira assinada.....	2,0	-1,3
Empregados sem carteira assinada.....	-11,2	-11,0
Conta-próprias.....	-9,4	-3,9
<b>Rio de Janeiro</b>		
Ocupados.....	7,2	-1,0
Empregados com carteira assinada.....	9,3	0,9
Empregados sem carteira assinada.....	-2,0	-6,5
Conta-próprias.....	-3,7	-2,3
<b>São Paulo</b>		
Ocupados.....	8,5	-0,1
Empregados com carteira assinada.....	13,3	1,6
Empregados sem carteira assinada.....	2,6	-0,6
conta-próprias.....	-10,6	-10,6
<b>Porto Alegre</b>		
Ocupados.....	3,0	-1,5
Empregados com carteira assinada.....	7,4	1,8
Empregados sem carteira assinada.....	3,0	6,9
Conta-próprias.....	-11,3	-10,7

O grau de participação desta categoria está inversamente relacionado com o grau de desenvolvimento da região, isto é, quanto mais desenvolvida a região, menor é a participação da categoria. São Paulo, por exemplo, foi a região que apresentou as menores médias no período.

---

### NOTA EXPLICATIVA

---

As informações da Pesquisa Mensal de Emprego — PME — são obtidas através de uma amostra probabilística de domicílios situados nas Regiões Metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

#### Principais Conceitos

Os principais conceitos utilizados na pesquisa são os seguintes:

*Trabalho* — Considera-se como trabalho o exercício de:

- a) ocupação econômica remunerada em dinheiro, produtos ou outras formas não monetárias, como pode ser o caso dos empregados domésticos; e
- b) ocupação econômica sem remuneração, exercida normalmente pelo menos durante 15 horas por semana, ajudando a membro da unidade domiciliar em sua atividade econômica, ou em ajuda a instituições religiosas, beneficente ou de cooperativismo, ou, ainda, como aprendiz ou estagiário.

*Pessoas Ocupadas* — Consideram-se como ocupadas na semana de referência as pessoas que, nesse período ou em parte dele, trabalharam, ou tinham trabalho, mas não trabalharam, como, por exemplo, pessoas em férias.

*Pessoas Desocupadas* — Consideram-se como pessoas desocupadas aquelas que não tinham trabalho na semana de referência, mas estavam dispostas a trabalhar e que, para isto, tomaram alguma providência efetiva para conseguir trabalho (na semana de referência ou no período de re-

ferência de 30 dias, conforme o período considerado).

*Pessoas Economicamente Ativas* — PEA — Consideram-se como economicamente ativas as pessoas ocupadas e as desocupadas.

*Pessoas Não-economicamente Ativas* — Consideram-se como não-economicamente ativas as pessoas que não são classificadas como ocupadas ou desocupadas.

*Empregados* — Consideram-se como empregados as pessoas que trabalham para empregador, geralmente cumprindo uma jornada de trabalho e recebendo em contrapartida uma remuneração em dinheiro, produtos ou somente em benefícios (moradia, alimentação, vestuário, etc.). Incluem-se entre os empregados as pessoas que prestam serviço militar obrigatório e os clérigos.

*Conta-próprias* — Consideram-se como conta-próprias as pessoas que exploram uma atividade econômica ou exercem uma profissão ou ofício, não tendo empregados.

*Empregadores* — Consideram-se como empregadores as pessoas que exploram uma atividade econômica ou exercem uma profissão ou ofício, com auxílio de um ou mais empregados.

*Não Remunerados* — Consideram-se como não remunerados as pessoas que exercem ocupação econômica, sem remuneração, pelo menos 15 horas por semana, ajudando a membro da unidade domiciliar em sua atividade econômica, ou em ajuda a instituições religiosas, beneficente ou de cooperativismo, ou, ainda, como aprendiz ou estagiário.

*Rendimento de Trabalho* — Para os empregados, considera-se a remuneração efetivamente recebida no mês de referência. Assim sendo, inclui-se as parcelas referentes ao 13º salário (14º, 15º, etc.) e à participação nos lucros paga pela empresa que tiver sido recebida no mês de referência. Para os empregadores e trabalhadores por conta própria, considera-se a retirada feita ou ga-

nho líquido (rendimento bruto menos as despesas efetuadas com o negócio ou profissão — salário de empregados, matéria-prima, energia elétrica, telefone, etc.) recebido, efetivamente, no mês de referência.

Para a pessoa que recebe, pelo seu trabalho, em produtos ou mercadorias, considera-se o valor de mercado, efetivamente recebido no mês de referência.

Para a pessoa que estiver licenciada por instituto de previdência, considera-se o rendimento bruto do benefício (auxílio-doença, auxílio por acidente de trabalho, etc.), efetivamente recebido no mês de referência.

*Semana de Referência* — É aquela que antecede à semana fixada para a entrevista.

*Período de Referência de 30 dias* — São os 30 dias que antecedem à semana fixada para a entrevista.

*Mês de Referência* — É aquele que antecede ao mês de realização da pesquisa.

---

## ESTIMATIVAS DE VALORES ABSOLUTOS

---

As estimativas dos valores absolutos apresentadas foram obtidas através de um estimador de razão. De uma forma simplificada, este estimador pode ser descrito co-

mo o produto de uma estimativa independente da população residente pela relação entre o valor da variável considerada e o total de pessoas residentes, ambos estimados através da amostra.

$$\hat{X} = P \frac{\hat{X}^*}{\hat{Y}^*}, \text{ onde:}$$

P — população residente obtida por estimativa independente;

$\hat{X}^*$  — valor da variável estimada através da amostra; e

$\hat{Y}^*$  — total de pessoas residentes estimado através da amostra.

A metodologia adotada para a revisão da estimativa da população residente considerou que a participação relativa das regiões metropolitanas, em relação à população total das respectivas Unidades da Federação, obedecia, no tempo, a um comportamento logístico.

Os limites dessas curvas logísticas foram determinados levando-se em conta a evolução das referidas participações no período 1970-85, conforme procedimento metodológico proposto por Frias<sup>1</sup>. A partir dos valores das participações e das populações das Unidades da Federação, foram obtidas, por multiplicação, as populações residentes nas regiões metropolitanas, no dia 15 de cada mês.

---

NOTA — Para informações, dirigir-se ao Departamento de Emprego e Rendimento (DEREN), Rua Visconde de Niterói, 1 246, Bloco B, 10º andar, telefone: 284-6539.

<sup>1</sup> FRIAS, Luiz Armando de Medeiros. Determinação do limite superior ou inferior de curvas logísticas em projetos de população com base na tendência passada. Rio de Janeiro, DEPOP/IBGE, 1987 (a ser publicado).

## 1 – TAXA DE DESEMPREGO ABERTO (SEMANA) – 1987/88

Pessoas desocupadas em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro .....	3,58	6,23	3,73	4,91	3,52	4,34	2,87	2,78	3,25	3,96	3,15	3,43	3,19	3,80
Fevereiro .....	4,34	6,04	3,41	4,82	4,00	4,28	3,33	3,42	3,12	4,67	3,60	4,21	3,38	4,33
Março .....	4,48	6,25	3,94	4,93	3,03	4,13	3,05	3,40	3,12	4,58	4,04	4,30	3,28	4,30
Abril .....	4,37	5,87	3,85	5,07	3,82	4,35	2,78	3,26	3,46	4,22	3,86	3,91	3,39	4,08
Maió .....	6,18	5,06	4,07	4,82	4,48	4,64	3,73	3,19	3,78	4,35	3,59	3,66	3,97	4,04
Junho .....	6,09	5,00	4,75	5,17	4,88	4,60	3,90	3,03	4,45	4,00	4,28	4,05	4,43	3,90
Julho .....	6,07	5,67	4,38	4,93	4,70	4,14	3,80	2,96	4,57	4,01	5,02	3,60	4,47	3,84
Agosto .....	5,82	6,26	4,12	5,24	4,12	4,25	3,19	3,30	4,63	4,32	4,73	3,76	4,22	4,16
Setembro .....	6,18	5,57	4,57	3,84	4,05	3,74	3,46	3,15	3,95	4,10	4,46	3,57	4,03	3,84
Outubro .....	5,67	5,17	4,22	3,76	3,54	3,61	3,35	3,20	4,18	3,80	3,95	3,33	3,96	3,65
Novembro .....	5,22	5,05	3,90	4,01	3,68	3,10	3,07	3,01	3,78	3,30	3,35	2,93	3,63	3,32
Dezembro .....	4,18		4,07		3,27		2,29		2,81		2,98		2,86	

2 – TAXA DE DESEMPREGO ABERTO:  
PESSOAS QUE BUSCAM TRABALHO PELA PRIMEIRA VEZ – 1987/88

Pessoas desocupadas que nunca trabalharam anteriormente, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro .....	0,74	1,11	0,53	0,59	0,46	0,52	0,34	0,21	0,23	0,27	0,39	0,38	0,34	0,35
Fevereiro .....	0,70	1,30	0,50	0,57	0,57	0,59	0,39	0,25	0,20	0,30	0,39	0,39	0,35	0,40
Março .....	0,90	1,16	0,70	0,55	0,41	0,48	0,22	0,16	0,26	0,29	0,46	0,41	0,33	0,34
Abril .....	0,77	0,90	0,46	0,63	0,50	0,40	0,31	0,22	0,15	0,22	0,34	0,36	0,29	0,31
Maió .....	1,14	0,87	0,59	0,69	0,39	0,43	0,35	0,27	0,18	0,25	0,29	0,32	0,33	0,33
Junho .....	0,90	0,84	0,52	0,47	0,48	0,43	0,38	0,30	0,15	0,25	0,22	0,31	0,32	0,33
Julho .....	0,86	0,81	0,46	0,50	0,38	0,42	0,30	0,31	0,19	0,18	0,26	0,29	0,30	0,31
Agosto .....	0,83	0,87	0,40	0,56	0,38	0,48	0,31	0,33	0,19	0,33	0,33	0,34	0,30	0,39
Setembro .....	0,96	1,01	0,49	0,30	0,35	0,36	0,27	0,36	0,13	0,21	0,27	0,16	0,27	0,32
Outubro .....	0,82	0,81	0,53	0,30	0,25	0,48	0,19	0,20	0,22	0,18	0,29	0,17	0,27	0,25
Novembro .....	0,91	0,76	0,38	0,38	0,30	0,25	0,26	0,15	0,12	0,19	0,33	0,19	0,25	0,23
Dezembro .....	0,75		0,49		0,27		0,21		0,21		0,21		0,26	

## 3 – TAXA DE DESEMPREGO ABERTO: PESSOAS QUE JÁ TRABALHARAM – 1987/88

Pessoas desocupadas que trabalharam anteriormente, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro .....	2,84	5,12	3,20	4,32	3,06	3,82	2,53	2,57	3,02	3,69	2,76	3,05	2,85	3,46
Fevereiro .....	3,64	4,74	2,91	4,25	3,43	3,69	2,94	3,17	2,92	4,37	3,21	3,82	3,03	3,93
Março .....	3,58	5,09	3,24	4,38	2,62	3,65	2,83	3,24	2,80	4,29	3,58	3,89	2,95	3,96
Abril .....	3,60	4,97	3,39	4,44	3,32	3,95	2,47	3,04	3,31	4,00	3,52	3,55	3,10	3,77
Maió .....	5,04	4,19	3,48	4,13	4,09	4,21	3,38	2,92	3,60	4,10	3,30	3,34	3,64	3,71
Junho .....	5,19	4,16	4,23	4,70	4,40	4,17	3,52	2,73	4,30	3,75	4,06	3,74	4,11	3,57
Julho .....	5,21	4,86	3,92	4,43	4,32	3,72	3,50	2,65	4,38	3,83	4,76	3,31	4,17	3,53
Agosto .....	4,99	5,39	3,72	4,68	3,74	3,77	2,88	2,97	4,44	3,99	4,40	3,42	3,92	3,77
Setembro .....	5,22	4,56	4,08	3,54	3,70	3,38	3,19	2,79	3,82	3,89	4,19	3,41	3,76	3,52
Outubro .....	4,85	4,36	3,69	3,46	3,29	3,13	3,16	3,00	3,96	3,62	3,66	3,16	3,69	3,40
Novembro .....	4,31	4,29	3,52	3,63	3,38	2,85	2,81	2,86	3,66	3,11	3,02	2,74	3,38	3,09
Dezembro .....	3,43		3,58		3,00		2,08		2,60		2,77		2,60	

## 4 – TAXA DE DESEMPREGO: CHEFES DE DOMICÍLIO – 1987/88

Chefes de unidades domiciliares, desocupados, em relação às pessoas desocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	CHEFES DE UNIDADES DOMICILIARES, DESOCUPADOS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro .....	20,08	18,33	16,94	27,69	17,84	15,16	19,72	24,26	23,62	25,63	22,64	20,47	21,32	23,33
Fevereiro .....	22,65	18,42	22,79	27,86	13,60	15,30	15,00	23,43	25,54	21,94	17,15	24,55	20,20	21,92
Março .....	20,58	23,13	18,47	24,70	13,90	17,33	22,07	25,85	25,36	23,65	21,43	22,65	22,44	23,57
Abril .....	22,26	20,09	22,35	22,57	19,65	20,25	19,42	22,82	22,34	25,58	24,24	27,02	21,53	23,85
Maió .....	19,64	22,16	24,47	23,51	19,39	19,96	23,06	26,13	24,77	23,01	22,71	25,61	23,15	23,58
Junho .....	21,52	21,83	26,43	25,00	18,77	20,63	22,20	21,98	28,30	25,95	24,36	27,83	24,85	24,28
Julho .....	21,62	24,48	27,21	26,23	22,50	15,07	24,74	23,77	26,32	27,36	27,22	26,39	25,33	24,98
Agosto .....	17,94	21,63	28,92	24,92	16,84	15,75	24,26	23,03	28,31	23,03	21,99	24,66	25,02	22,52
Setembro .....	20,66	20,52	25,16	31,60	21,19	20,00	20,87	22,60	24,64	24,42	23,93	27,44	22,99	23,93
Outubro .....	17,28	21,20	22,03	32,02	19,64	18,45	22,57	24,16	26,41	24,43	22,61	24,81	23,59	24,08
Novembro .....	14,42	18,21	21,74	29,96	18,11	20,68	20,10	23,21	27,65	23,10	22,59	29,52	23,07	23,40
Dezembro .....	19,87		25,56		19,66		22,89		25,95		22,34		23,74	

## 5 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO – 1987/88

Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor da indústria de transformação, em relação às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro .....	4,30	6,80	3,56	5,41	3,30	4,08	2,97	3,35	4,10	4,97	3,32	3,80	3,76	4,56
Fevereiro .....	5,09	6,72	4,16	5,99	4,34	5,04	3,55	4,43	3,67	5,72	3,68	4,57	3,75	5,37
Março .....	5,22	8,70	5,28	5,66	3,10	4,77	3,06	4,38	3,63	5,45	4,15	4,35	3,61	5,22
Abril .....	4,97	7,47	4,44	6,17	4,74	4,75	3,09	4,07	4,26	5,22	4,70	4,74	4,11	5,03
Maió .....	7,09	7,83	4,59	5,87	4,79	4,71	5,42	3,94	4,81	5,89	3,97	4,47	4,93	5,34
Junho .....	6,62	6,27	5,70	5,73	6,26	5,04	5,82	3,82	5,70	5,45	4,43	4,62	5,69	5,06
Julho .....	7,73	8,15	6,23	6,22	6,44	4,35	6,34	3,98	6,39	5,20	5,90	4,35	6,39	4,95
Agosto .....	6,42	7,41	4,38	5,51	5,34	4,00	5,55	3,36	6,14	5,32	6,43	3,87	5,95	4,80
Setembro .....	6,61	7,23	6,03	4,81	4,62	4,28	5,34	3,31	5,10	4,89	5,64	5,11	5,24	4,63
Outubro .....	7,11	6,48	5,97	5,60	4,63	3,32	5,77	3,59	5,25	4,54	4,45	3,61	5,33	4,29
Novembro .....	5,13	6,52	4,34	4,45	4,24	3,35	4,50	3,39	4,99	3,98	3,08	2,83	4,68	3,82
Dezembro .....	4,09		5,82		2,85		3,04		3,28		3,03		3,28	

NOTA - Exclui-se as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

## 6 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL – 1987/88

Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor da construção civil, em relação às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro .....	4,05	9,81	4,98	6,57	3,45	4,97	2,76	2,91	2,94	3,66	4,60	2,53	3,25	4,09
Fevereiro .....	4,25	8,70	4,23	7,31	4,04	4,05	2,30	3,00	2,88	3,63	3,34	3,54	3,02	4,06
Março .....	4,66	8,82	4,90	7,86	3,77	5,31	3,47	3,24	2,09	3,44	4,40	2,58	3,23	4,20
Abril .....	5,83	6,52	6,14	8,33	3,56	4,74	2,84	2,31	2,50	2,41	3,15	3,70	3,23	3,44
Maió .....	10,69	4,30	4,52	7,21	5,73	4,89	4,14	2,84	3,02	2,91	3,31	3,04	4,29	3,51
Junho .....	10,85	6,02	8,09	8,18	6,24	5,56	6,76	3,55	3,58	3,10	5,68	3,10	5,87	4,08
Julho .....	11,39	8,08	7,48	7,23	6,03	4,30	5,37	2,58	2,77	2,97	8,01	4,21	5,18	3,73
Agosto .....	8,30	9,26	8,58	6,67	4,19	4,95	3,21	3,79	4,63	2,95	6,52	3,55	4,75	4,14
Setembro .....	8,05	7,42	7,25	5,13	5,60	3,48	4,43	3,75	2,39	3,07	4,38	3,13	4,24	3,74
Outubro .....	7,38	4,95	7,00	5,70	4,57	4,88	3,44	3,13	2,35	3,87	3,33	1,71	3,68	3,83
Novembro .....	7,28	8,69	6,07	6,76	4,95	3,33	2,72	2,38	3,62	2,82	4,73	2,73	3,95	3,44
Dezembro .....	6,10		7,88		5,74		1,65		2,02		2,72		3,08	

NOTA - Exclui-se as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

**7 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DO COMÉRCIO – 1987/88**  
 Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor do comércio, em relação  
 às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas,  
 segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro .....	2,77	4,95	4,80	5,30	4,18	4,81	3,50	3,52	2,95	3,53	3,32	3,92	3,33	3,87
Fevereiro .....	4,75	5,08	4,70	5,47	4,98	5,10	4,52	2,75	2,81	4,27	4,55	6,31	3,86	4,18
Março .....	4,29	5,61	4,58	5,30	3,65	4,26	4,62	3,67	3,15	4,83	5,22	6,41	3,96	4,66
Abril .....	4,54	4,32	4,51	7,14	4,68	5,31	3,52	4,10	4,24	5,05	4,35	4,15	4,11	4,80
Maió .....	5,64	4,51	5,27	4,67	5,93	6,44	4,14	4,40	4,04	4,66	5,09	3,79	4,49	4,66
Junho .....	5,40	4,44	4,74	5,07	4,81	4,91	4,10	4,12	4,19	4,08	5,71	5,34	4,47	4,36
Julho .....	5,36	4,84	5,64	4,91	4,87	4,88	4,31	3,29	3,99	4,31	6,34	4,19	4,55	4,14
Agosto .....	5,88	5,77	4,09	6,28	4,77	4,95	3,92	3,96	4,71	5,00	6,42	4,53	4,69	4,82
Setembro .....	5,39	4,90	4,68	4,72	5,05	4,54	4,40	4,50	3,73	4,52	5,74	3,26	4,38	4,45
Outubro .....	4,48	4,86	4,07	5,43	4,07	3,73	3,91	4,21	4,17	4,46	6,17	4,19	4,27	4,41
Novembro .....	4,38	4,25	4,82	5,44	4,39	2,88	3,40	3,82	3,37	3,71	4,37	3,36	3,71	3,80
Dezembro .....	3,65		4,09		3,57		2,56		2,86		3,58		3,02	

NOTA – Excluíve as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

**8 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DOS SERVIÇOS – 1987/88**  
 Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor dos serviços, em relação  
 às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas,  
 segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro .....	2,64	4,77	2,71	4,01	2,88	3,47	2,35	2,29	2,20	2,95	2,09	2,69	2,36	2,95
Fevereiro .....	3,33	4,09	2,38	3,39	2,64	3,02	2,67	3,08	2,52	3,65	2,92	3,00	2,65	3,37
Março .....	3,16	3,84	2,49	3,79	1,99	2,99	2,47	3,00	2,33	3,50	2,76	3,47	2,43	3,33
Abril .....	3,21	4,68	2,68	3,30	2,71	3,46	2,18	2,80	2,44	3,25	2,83	3,13	2,46	3,21
Maió .....	3,95	3,86	2,72	3,46	3,39	3,67	2,75	2,53	2,67	3,00	2,60	2,78	2,83	2,97
Junho .....	4,55	3,86	3,37	4,31	3,55	3,54	2,52	2,16	3,53	2,71	3,47	3,16	3,25	2,81
Julho .....	4,12	4,13	2,85	4,11	3,27	3,20	2,41	2,33	3,31	2,86	3,46	2,60	3,04	2,85
Agosto .....	4,61	5,01	3,04	4,37	2,94	3,15	1,96	2,76	3,10	2,98	2,77	3,07	2,79	3,16
Setembro .....	4,92	4,23	3,33	3,11	2,73	2,94	2,26	2,43	3,14	3,28	3,34	2,74	2,96	2,99
Outubro .....	4,85	4,28	2,90	2,60	2,53	2,79	2,44	2,81	3,21	2,85	2,71	3,20	2,95	2,93
Novembro .....	4,25	3,79	2,99	3,09	2,77	2,78	2,46	2,78	2,91	2,56	2,54	2,78	2,82	2,78
Dezembro .....	3,25		2,62		2,54		1,91		2,18		2,39		2,23	

NOTA – Excluíve as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

**9 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DAS OUTRAS ATIVIDADES – 1987/88**  
 Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor das outras atividades, em relação  
 às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas,  
 segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS CUJO ÚLTIMO TRABALHO FOI NO SETOR DAS OUTRAS ATIVIDADES, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS NESTE SETOR (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro .....	1,06	2,22	1,23	1,93	0,99	2,45	1,13	0,87	1,26	1,21	1,64	1,30	1,19	1,38
Fevereiro .....	1,56	2,79	0,76	1,74	2,79	1,88	1,36	1,68	0,53	1,73	0,92	1,87	1,21	1,86
Março .....	2,03	3,59	1,38	1,92	1,99	1,95	1,31	1,64	1,50	2,13	2,62	1,41	1,62	2,02
Abril .....	1,36	3,32	1,93	1,22	0,95	1,35	1,09	1,53	1,75	1,01	1,89	0,48	1,41	1,46
Maió .....	3,35	1,02	2,77	2,01	1,68	1,35	1,41	1,32	1,52	0,49	1,71	1,69	1,83	1,18
Junho .....	3,11	0,96	2,76	1,96	2,03	3,05	1,45	1,18	1,58	0,67	1,81	1,26	1,87	1,26
Julho .....	3,14	2,22	1,63	1,36	2,42	2,48	1,52	1,06	2,07	2,03	2,81	1,39	2,06	1,62
Agosto .....	2,05	2,19	1,58	1,24	2,48	2,91	1,20	1,54	2,02	1,93	1,50	1,45	1,67	1,80
Setembro .....	3,23	1,42	1,64	1,15	3,12	2,04	1,52	0,70	2,01	1,78	1,57	1,63	1,99	1,30
Outubro .....	1,83	1,86	1,82	0,43	1,78	1,61	0,86	1,15	1,84	0,93	2,25	0,79	1,51	1,12
Novembro .....	2,13	1,56	1,32	0,30	1,56	1,17	0,60	1,37	0,70	0,46	1,80	0,91	1,07	1,01
Dezembro .....	1,75		1,25		2,10		0,87		1,23		2,70		1,37	

NOTA – Excluíve as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

**10 – TAXA DE DESEMPREGO (30 DIAS) – 1987/88**  
 Pessoas desocupadas, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro .....	4,11	6,70	4,05	5,15	4,08	4,82	3,14	3,27	3,48	4,15	3,45	3,78	3,49	4,14
Fevereiro .....	4,72	6,92	3,54	5,12	4,55	4,93	3,58	3,96	3,33	5,16	3,93	4,62	3,64	4,86
Março .....	5,02	6,76	4,15	5,25	3,58	4,86	3,42	3,88	3,48	5,00	4,51	4,86	3,67	4,76
Abril .....	4,80	6,20	4,08	5,46	4,20	4,68	3,03	3,55	3,86	4,43	4,24	4,30	3,74	4,36
Maió .....	6,86	5,26	4,40	5,00	4,85	5,06	3,97	3,42	4,12	4,63	3,95	4,01	4,31	4,32
Junho .....	7,14	5,33	5,09	5,45	5,45	5,00	4,13	3,37	4,90	4,18	4,67	4,45	4,86	4,18
Julho .....	6,74	6,36	4,52	5,14	5,18	4,70	4,16	3,29	4,97	4,29	5,38	4,09	4,86	4,19
Agosto .....	6,56	6,84	4,27	5,46	4,79	4,77	3,52	3,44	4,90	4,41	4,96	4,11	4,57	4,36
Setembro .....	7,02	6,07	4,97	4,02	4,66	4,33	3,80	3,46	4,23	4,43	4,81	4,02	4,41	4,19
Outubro .....	6,23	5,58	4,51	3,82	4,03	4,07	3,55	3,48	4,46	3,99	4,28	3,58	4,26	3,91
Novembro .....	5,71	5,48	4,08	4,28	4,08	3,57	3,32	3,24	4,11	3,55	3,62	3,20	3,94	3,60
Dezembro .....	4,69		4,26		3,87		2,53		3,21		3,31		3,22	

**11 – TAXA DE ATIVIDADE – 1987/88**  
 Pessoas economicamente ativas em relação às pessoas de 15 anos ou mais de idade, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro .....	52,33	54,29	61,18	59,87	62,00	62,35	59,44	57,97	64,03	62,73	62,92	61,58	61,43	60,40
Fevereiro .....	53,15	55,25	59,66	60,77	62,35	62,07	59,51	58,11	63,44	63,27	62,30	60,20	61,16	60,68
Março .....	53,15	54,44	58,92	60,55	60,50	61,92	58,41	58,07	62,98	63,77	62,10	61,57	60,45	60,89
Abril .....	52,40	54,53	59,41	60,29	61,45	62,20	57,99	58,16	62,59	63,27	62,18	61,61	60,23	60,75
Maió .....	55,68	53,93	59,21	60,22	62,59	63,13	58,75	58,41	63,63	63,59	62,58	63,12	61,21	61,18
Junho .....	55,92	54,18	60,00	60,80	63,33	63,56	59,11	57,75	64,24	63,81	62,40	63,51	61,67	61,13
Julho .....	54,29	54,25	60,01	61,00	63,34	62,94	59,44	58,34	63,70	63,68	62,67	63,55	61,45	61,22
Agosto .....	55,75	56,91	60,25	63,25	64,01	64,38	58,69	59,21	63,57	65,25	63,53	64,10	61,33	62,59
Setembro .....	55,92	56,91	60,24	62,86	64,10	64,14	58,49	59,16	63,99	65,27	63,28	63,75	61,43	62,51
Outubro .....	55,50	56,66	60,34	63,12	63,56	63,91	58,56	59,30	63,87	64,67	63,33	63,82	61,42	62,29
Novembro .....	55,43	57,02	60,42	62,15	63,75	63,37	58,67	59,47	63,95	64,69	63,26	64,30	61,48	62,30
Dezembro .....	53,13		59,43		62,42		58,74		62,67		62,23		60,57	

**12 – TAXA DOS OCUPADOS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO – 1987/88**  
 Pessoas ocupadas na indústria de transformação, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO, (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro .....	16,62	14,61	12,98	12,78	21,10	19,55	17,98	17,59	36,88	34,21	27,51	27,16	26,77	25,08
Fevereiro .....	15,61	14,16	12,13	13,04	20,63	19,59	18,29	17,33	36,96	34,15	27,50	27,46	26,77	25,01
Março .....	14,78	13,56	12,70	13,00	20,46	20,26	18,06	17,05	36,41	33,93	27,02	26,92	26,49	24,89
Abril .....	15,08	14,28	12,74	12,06	20,53	19,23	17,96	17,11	36,50	33,65	27,13	25,93	26,47	24,62
Maió .....	15,03	13,50	13,14	12,57	20,92	19,47	17,43	17,11	35,87	33,07	27,94	27,38	26,17	24,60
Junho .....	15,20	14,00	12,90	12,42	20,25	19,42	17,58	17,07	34,70	33,33	27,33	27,17	25,52	24,63
Julho .....	15,07	14,37	12,68	11,98	20,27	19,39	17,94	17,49	34,03	33,46	26,44	27,09	25,25	27,74
Agosto .....	14,67	14,23	12,10	12,57	20,49	18,84	17,48	17,43	34,59	33,82	25,94	27,55	25,23	24,90
Setembro .....	15,09	14,66	12,22	13,01	20,02	18,75	17,94	17,59	34,80	33,37	26,60	26,82	25,57	24,73
Outubro .....	14,24	14,18	12,69	12,71	20,03	19,44	17,75	17,84	34,98	33,67	26,83	26,77	25,58	24,89
Novembro .....	13,97	13,64	12,32	12,47	19,28	19,44	17,32	17,41	34,80	33,21	27,59	26,46	25,29	24,50
Dezembro .....	14,77		12,13		19,41		17,39		34,80		27,04		25,25	



**13 – TAXA DOS OCUPADOS NA CONSTRUÇÃO CIVIL – 1987/88**  
Pessoas ocupadas na construção civil, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA CONSTRUÇÃO CIVIL (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro .....	6,49	6,50	9,47	8,13	9,66	9,50	7,83	7,34	5,60	5,65	5,36	5,98	6,93	6,70
Fevereiro .....	6,63	6,65	9,68	8,75	9,45	9,58	7,66	7,18	5,70	6,09	6,30	6,09	6,91	6,91
Março .....	6,48	6,75	9,58	8,60	9,73	9,56	7,69	7,16	5,76	6,15	5,80	6,03	6,89	6,91
Abril .....	6,37	7,26	9,05	8,89	9,48	9,72	7,38	7,28	5,65	6,34	6,12	6,20	6,74	7,10
Maió .....	6,35	7,09	8,90	8,33	9,13	10,07	7,34	7,37	5,63	6,28	6,02	5,89	6,67	7,06
Junho .....	6,01	7,09	8,51	8,81	9,32	10,06	6,93	7,06	5,19	6,39	5,68	5,92	6,32	7,05
Julho .....	6,27	6,85	7,99	8,92	9,17	10,63	7,03	7,24	5,77	6,20	5,75	6,06	6,58	7,07
Agosto .....	6,33	6,66	8,30	8,99	9,29	10,12	7,37	7,40	5,70	6,84	5,86	5,81	6,70	7,32
Setembro .....	6,25	6,60	8,48	9,27	9,26	10,44	7,10	7,44	5,74	6,52	5,98	5,79	6,63	7,23
Outubro .....	6,37	6,62	8,53	8,79	9,18	9,94	7,39	7,56	5,55	6,66	5,99	6,13	6,64	7,29
Novembro .....	6,68	7,32	8,87	8,98	9,11	10,46	7,89	7,28	5,75	6,54	5,89	6,16	6,90	7,26
Dezembro .....	7,10		8,95		9,21		7,38		5,71		6,03		6,79	

**14 – TAXA DOS OCUPADOS NO COMÉRCIO – 1987/88**  
Pessoas ocupadas no comércio, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NO COMÉRCIO (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro .....	16,58	16,75	14,28	14,47	12,45	12,30	13,37	13,46	13,18	13,46	14,66	14,64	13,52	13,70
Fevereiro .....	15,92	16,47	14,01	14,89	12,35	12,36	13,02	12,97	13,05	13,48	14,19	13,87	13,27	13,51
Março .....	16,81	16,11	14,41	14,50	12,57	12,49	13,14	13,08	12,80	12,69	14,14	13,51	13,29	13,27
Abril .....	15,95	16,52	14,47	14,47	12,05	12,85	12,72	13,11	12,39	12,80	14,32	15,43	12,91	13,40
Maió .....	16,30	15,86	13,52	14,45	12,44	13,20	12,77	12,76	12,86	13,08	14,03	14,82	13,13	13,35
Junho .....	17,01	16,18	14,16	14,98	12,65	12,85	12,90	12,87	13,38	12,62	14,74	14,30	13,54	13,18
Julho .....	16,62	17,08	14,40	14,83	12,41	13,07	12,67	12,97	12,93	13,46	14,17	14,63	13,20	13,67
Agosto .....	16,30	16,37	14,40	14,59	12,27	13,65	12,80	12,52	12,84	12,79	14,07	14,64	13,17	13,26
Setembro .....	16,97	16,21	14,72	13,63	12,45	13,03	12,68	12,77	12,78	12,71	13,66	14,68	13,15	13,18
Outubro .....	17,16	17,22	14,44	14,61	12,13	12,84	12,94	12,61	12,79	12,77	13,66	14,96	13,20	13,28
Novembro .....	17,32	17,24	14,80	14,99	12,82	13,36	13,47	12,56	12,79	12,67	14,18	14,95	13,49	13,30
Dezembro .....	16,99		15,33		12,85		13,20		13,32		14,26		13,63	

**15 – TAXA DOS OCUPADOS NOS SERVIÇOS – 1987/88**  
Pessoas ocupadas nos serviços, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NOS SERVIÇOS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro .....	46,11	48,14	50,43	52,49	48,90	51,05	51,48	52,00	40,11	42,13	42,62	43,18	45,37	46,87
Fevereiro .....	46,98	48,80	51,22	51,78	49,94	50,93	51,49	53,02	39,94	41,78	42,96	42,91	45,49	47,00
Março .....	46,69	49,06	50,38	51,95	49,44	49,98	51,63	52,93	41,00	42,30	43,93	43,94	45,89	47,15
Abril .....	47,19	47,59	51,36	52,23	49,62	50,57	52,17	52,49	41,18	42,62	43,25	43,10	46,20	47,07
Maió .....	47,73	49,58	52,31	52,17	49,64	49,98	52,83	52,86	41,38	43,02	42,53	42,96	46,47	47,36
Junho .....	47,69	48,06	52,80	51,93	49,75	50,54	53,24	53,17	42,57	43,20	42,71	44,03	47,19	47,57
Julho .....	47,51	47,49	53,21	51,95	49,75	49,69	52,85	52,99	43,01	42,50	44,25	43,87	47,40	47,11
Agosto .....	48,71	48,32	53,05	52,74	50,14	50,03	52,98	53,33	42,89	42,52	44,50	43,83	47,51	47,32
Setembro .....	47,97	47,12	52,86	52,20	50,75	50,18	52,65	52,74	42,72	43,04	44,50	44,65	47,30	47,35
Outubro .....	47,61	47,47	53,07	52,05	50,90	50,35	52,45	52,44	42,73	42,67	44,54	43,71	47,26	47,09
Novembro .....	47,90	47,83	53,00	51,87	51,00	49,66	51,90	53,13	42,44	43,28	43,23	43,78	46,91	47,51
Dezembro .....	46,99		52,27		50,99		52,65		41,79		43,74		46,88	

**16 – TAXA DOS OCUPADOS EM OUTRAS ATIVIDADES – 1987/88**  
Pessoas ocupadas em outras atividades, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM OUTRAS ATIVIDADES (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro .....	14,20	14,00	12,84	12,13	7,88	7,60	9,34	9,61	4,24	4,56	8,86	9,04	7,42	7,64
Fevereiro .....	14,86	13,92	12,95	11,54	7,63	7,55	9,54	9,50	4,35	4,50	9,06	9,67	7,57	7,57
Março .....	15,23	14,53	12,93	11,95	7,79	7,72	9,48	9,78	4,03	4,66	9,11	9,60	7,43	7,79
Abril .....	15,40	14,34	12,38	12,34	8,32	7,62	9,77	10,01	4,28	4,59	9,17	9,36	7,67	7,81
Maió .....	14,60	13,96	12,13	12,48	7,86	7,28	9,63	9,90	4,26	4,55	9,47	8,96	7,57	7,63
Junho .....	14,10	14,68	11,62	11,86	8,03	7,13	9,36	9,84	4,16	4,46	9,54	8,58	7,43	7,58
Julho .....	14,52	14,21	11,75	12,33	8,41	7,22	9,51	9,33	4,25	4,38	9,39	8,36	7,57	7,41
Agosto .....	13,99	14,42	12,15	11,10	7,81	7,36	9,38	9,32	3,99	4,03	9,62	8,16	7,39	7,21
Setembro .....	13,72	15,41	11,72	11,90	7,53	7,60	9,62	9,46	3,97	4,36	9,27	8,06	7,34	7,51
Outubro .....	14,61	14,51	11,27	11,84	7,75	7,44	9,45	9,54	3,96	4,23	8,98	8,43	7,32	7,45
Novembro .....	14,13	13,96	11,01	11,69	7,80	7,08	9,42	9,62	4,22	4,29	9,11	8,65	7,41	7,45
Dezembro .....	14,15		11,31		7,55		9,38		4,38		8,92		7,45	

**17 – TAXA DOS EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA – 1987/88**  
Empregados com carteira de trabalho assinada, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro .....	50,31	48,61	54,70	54,76	55,60	55,48	54,53	54,26	62,76	61,54	60,05	60,72	58,35	57,61
Fevereiro .....	48,93	47,67	54,84	54,60	56,00	56,15	55,24	54,54	62,85	60,78	60,80	61,05	58,61	57,38
Março .....	50,07	47,85	55,07	54,40	56,12	55,30	54,79	54,86	62,96	61,51	61,27	59,77	58,71	57,67
Abril .....	50,11	47,89	56,10	52,68	55,68	55,33	54,68	54,22	62,58	61,41	60,69	59,26	58,47	57,32
Maió .....	48,93	49,00	56,59	51,91	55,82	55,41	54,48	54,63	62,60	61,48	61,18	59,80	58,42	57,63
Junho .....	48,42	48,03	56,56	52,46	55,48	54,67	54,25	54,89	61,25	61,32	60,67	60,07	57,63	57,52
Julho .....	49,32	48,47	55,59	53,59	54,40	55,24	53,36	54,38	61,71	61,32	60,08	60,00	57,43	57,48
Agosto .....	48,46	48,52	55,84	55,03	55,09	55,85	53,74	53,70	62,25	61,19	59,54	60,30	57,71	57,38
Setembro .....	48,78	49,66	54,14	55,17	55,37	55,65	54,70	53,97	60,63	60,73	60,48	60,18	57,36	57,31
Outubro .....	48,29	49,84	53,07	54,26	54,76	56,44	54,43	54,56	61,92	61,54	59,85	59,63	57,65	57,79
Novembro .....	48,12	48,48	54,03	54,35	54,97	56,44	54,16	54,32	61,52	62,09	50,78	59,16	57,43	57,83
Dezembro .....	48,97		53,77		55,34		53,90		62,26		60,88		57,79	

**18 – TAXA DOS CONTA-PRÓPRIAS SEM RENDIMENTOS – 1987/88**  
Conta-próprias que, efetivamente, não receberam rendimento de todos os trabalhos, no mês de referência, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	CONTA-PRÓPRIAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro .....	1,06	1,00	0,29	0,20	1,30	1,55	0,67	0,57	0,78	0,76	0,93	0,88	0,79	0,76
Fevereiro .....	1,49	1,55	0,46	0,27	1,45	1,76	0,66	0,69	0,86	0,89	1,09	1,18	0,88	0,94
Março .....	1,21	1,21	0,36	0,42	0,98	1,40	0,45	0,56	0,98	0,85	1,38	1,32	0,84	0,85
Abril .....	1,02	1,15	0,35	0,33	1,13	1,58	0,50	0,49	0,74	0,74	0,95	1,02	0,71	0,77
Maió .....	1,58	0,64	0,42	0,29	1,13	1,20	0,53	0,60	0,75	0,85	0,69	1,13	0,74	0,79
Junho .....	1,59	0,81	0,40	0,25	1,44	1,40	0,69	0,46	1,08	0,73	0,81	0,92	0,97	0,71
Julho .....	1,35	1,02	0,32	0,28	1,60	1,24	0,67	0,45	0,78	0,55	1,01	1,19	0,84	0,65
Agosto .....	1,24	1,16	0,26	0,43	1,42	1,57	0,58	0,38	0,78	0,73	0,87	0,94	0,79	0,73
Setembro .....	1,22	1,24	0,37	0,32	1,59	1,24	0,58	0,54	1,07	0,77	0,88	0,93	0,93	0,76
Outubro .....	1,08	0,93	0,47	0,36	1,44	1,08	0,50	0,42	0,90	0,72	0,88	1,14	0,82	0,69
Novembro .....	1,14	1,02	0,48	0,36	1,31	1,17	0,42	0,59	0,72	0,66	1,12	0,89	0,72	0,70
Dezembro .....	1,25		0,28		1,22		0,52		0,70		0,85		0,71	

### 19 — TAXA DOS CONTA-PRÓPRIAS COM MENOS DE UM PISO NACIONAL DE SALÁRIOS 1987/88

Conta-próprias que, efetivamente, receberam rendimento de todos os trabalhos, no mês de referência, inferior a um piso nacional de salário, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	CONTA-PRÓPRIAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro .....	7,96	8,40	7,51	8,43	4,79	5,65	4,35	5,53	1,30	1,65	2,70	3,42	3,31	4,07
Fevereiro .....	7,82	9,57	6,32	9,00	4,51	6,03	4,60	5,38	1,20	2,16	2,81	4,08	3,27	4,42
Março .....	6,97	10,17	6,58	8,61	4,26	6,77	4,05	5,14	1,06	2,20	2,49	4,17	2,94	4,44
Abril .....	8,87	10,15	7,72	8,63	5,68	6,90	5,35	5,77	1,80	2,42	3,63	4,41	4,03	4,75
Mai .....	8,22	8,67	6,95	8,98	5,65	6,11	4,86	5,08	1,74	2,11	3,39	4,65	3,78	4,25
Junho .....	9,64	9,85	8,21	8,96	6,29	6,70	5,29	4,88	2,12	2,20	3,91	4,16	4,33	4,35
Julho .....	9,02	10,52	7,69	9,80	6,26	7,05	5,28	5,75	1,74	2,52	3,88	4,64	4,09	4,91
Agosto .....	9,09	10,37	6,98	8,83	5,61	6,77	4,78	5,81	1,59	2,32	3,21	4,64	3,75	4,77
Setembro .....	7,77	10,16	6,92	9,13	4,76	6,88	4,43	5,78	1,34	2,34	2,86	4,36	3,35	4,76
Outubro .....	9,64	9,35	8,40	8,66	5,91	5,47	5,30	5,39	1,71	1,95	3,62	3,62	4,11	4,23
Novembro .....	9,39	10,47	8,17	9,16	6,04	6,26	5,34	5,82	1,92	2,50	3,53	4,16	4,20	4,81
Dezembro .....	7,84		7,44		5,10		4,64		1,55		2,84		3,58	

NOTA — A partir de setembro de 1987 o piso nacional de salários substituiu o salário mínimo.

### 20 — TAXA DOS DESEMPREGADOS E OCUPADOS COM MENOS DE UM PISO NACIONAL DE SALÁRIOS — 1987/88

Pessoas desocupadas e pessoas ocupadas que, efetivamente, não receberam rendimento ou auferiram remuneração de todos os trabalhos, no mês de referência, inferior a um piso nacional de salários, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS E PESSOAS OCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro .....	25,08	30,78	22,17	24,42	20,00	23,55	16,38	16,86	10,71	12,63	14,71	15,65	14,90	16,85
Fevereiro .....	30,40	35,21	27,88	25,75	27,90	25,31	21,17	18,94	12,29	15,12	18,12	19,58	18,55	19,29
Março .....	25,92	35,59	20,50	26,97	19,53	28,27	15,88	19,24	10,48	16,10	16,00	19,72	14,63	20,14
Abril .....	33,49	34,35	26,26	26,86	26,02	27,67	21,65	20,46	13,50	15,74	19,26	20,05	19,20	20,24
Mai .....	32,63	29,11	22,80	25,27	22,60	26,35	19,29	18,09	12,88	15,30	16,39	18,70	17,57	18,63
Junho .....	35,76	32,88	27,01	28,53	27,23	27,88	20,51	17,56	15,15	14,74	18,98	18,01	19,94	18,82
Julho .....	34,07	34,86	25,60	28,73	26,35	26,09	20,76	19,01	14,18	15,05	18,97	18,87	19,33	19,42
Agosto .....	32,70	34,58	22,48	28,27	22,38	25,77	17,95	19,02	13,03	15,63	16,15	18,80	17,28	19,65
Setembro .....	33,62	32,53	26,47	27,47	26,42	24,46	19,79	18,29	12,78	15,40	16,16	18,30	18,30	19,01
Outubro .....	33,89	31,91	25,69	26,08	24,53	22,33	18,73	16,95	14,09	14,17	17,02	16,67	18,41	17,68
Novembro .....	34,28	32,50	27,89	26,97	26,11	22,99	19,49	18,96	14,38	14,35	17,69	16,43	19,11	18,48
Dezembro .....	27,53		22,36		21,13		15,07		10,98		14,78		14,98	

NOTA — A partir de setembro de 1987 o piso nacional de salários substituiu o salário mínimo.

21 – RENDIMENTO MÉDIO DAS PESSOAS OCUPADAS

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, das pessoas ocupadas que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência – 1987/88

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO											
	Nominal (Cz\$)						Real (Cz\$) (base – março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
<b>1987</b>												
Julho.....	5 810	7 291	7 080	7 602	10 070	8 225	1 612	2 023	1 964	2 109	2 794	2 282
Agosto.....	6 452	7 986	7 889	8 267	11 017	9 043	1 703	2 108	2 083	2 183	2 909	2 387
Setembro.....	6 859	8 676	8 655	9 273	12 273	9 738	1 690	2 138	2 133	2 285	3 024	2 399
Outubro.....	7 593	10 024	9 392	10 179	13 269	10 851	1 687	2 228	2 087	2 262	2 949	2 411
Novembro.....	9 093	10 901	11 494	12 044	15 370	12 875	1 758	2 108	2 222	2 329	3 041	2 489
Dezembro.....	10 965	14 141	14 826	15 902	20 721	15 251	1 860	2 399	2 515	2 698	3 515	2 587
<b>1988</b>												
Janeiro.....	12 086	15 006	15 236	16 470	21 107	15 328	1 723	2 140	2 173	2 349	3 010	2 186
Fevereiro.....	13 737	17 740	17 424	20 160	25 361	18 894	1 691	2 184	2 145	2 482	3 123	2 326
Março.....	16 869	21 252	20 442	23 557	30 468	21 952	1 759	2 216	2 131	2 456	3 177	2 289
Abril.....	19 442	24 728	23 813	27 982	36 153	25 271	1 713	2 179	2 098	2 466	3 186	2 227
Maio.....	21 661	27 175	27 971	32 869	43 754	32 567	1 614	2 025	2 085	2 450	3 261	2 427
Junho.....	26 173	32 714	33 824	38 462	51 440	38 965	1 595	1 994	2 061	2 344	3 135	2 375
Julho.....	35 349	44 391	43 123	46 926	64 361	48 093	1 751	2 199	2 136	2 325	3 188	2 383
Agosto.....	44 444	54 344	53 314	60 509	80 063	61 934	1 825	2 232	2 190	2 485	3 288	2 544
Setembro.....	55 311	69 951	66 173	75 707	99 057	77 936	1 790	2 263	2 141	2 449	3 205	2 522
Outubro.....	66 948	89 930	82 344	95 036	125 463	97 332	1 708	2 295	2 101	2 425	3 201	2 483

NOTA – Os rendimentos médios das pessoas ocupadas são calculados incluindo-se os rendimentos auferidos pelos empregadores.  
(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído no período de julho de 1986 a setembro de 1988).

22 – RENDIMENTO MÉDIO DOS EMPREGADOS COM CARTEIRA

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, dos empregados com carteira de trabalho assinada que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência – 1987/88

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO											
	Nominal (Cz\$)						Real (Cz\$) (base – março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
<b>1987</b>												
Julho.....	7 014	8 522	7 783	8 273	9 882	7 624	1 946	2 364	2 159	2 295	2 742	2 115
Agosto.....	7 648	9 352	8 451	8 868	10 762	8 185	2 019	2 469	2 231	2 341	2 841	2 161
Setembro.....	7 754	9 875	9 139	9 943	12 012	9 042	1 911	2 433	2 252	2 450	2 960	2 228
Outubro.....	9 156	11 416	10 115	10 954	13 030	10 091	2 035	2 537	2 248	2 434	2 895	2 242
Novembro.....	10 341	12 884	12 170	12 956	15 596	11 912	1 999	2 491	2 353	2 505	3 015	2 303
Dezembro.....	12 806	17 013	16 362	18 074	21 157	15 200	2 173	2 886	2 776	3 066	3 589	2 579
<b>1988</b>												
Janeiro.....	13 905	17 808	16 134	17 476	20 934	14 536	1 983	2 539	2 301	2 492	2 985	2 073
Fevereiro.....	16 380	20 334	18 384	20 975	25 229	17 847	2 017	2 504	2 264	2 583	3 106	2 198
Março.....	19 913	25 415	21 976	24 628	29 458	20 726	2 076	2 650	2 291	2 568	3 072	2 161
Abril.....	23 615	29 573	26 170	29 248	35 297	24 312	2 081	2 606	2 306	2 577	3 110	2 142
Maio.....	26 350	32 499	30 355	34 485	43 888	31 080	1 964	2 422	2 262	2 570	3 271	2 316
Junho.....	30 503	40 431	35 916	40 697	51 800	38 270	1 859	2 464	2 189	2 480	3 157	2 332
Julho.....	40 212	52 411	45 474	50 628	63 486	47 191	1 992	2 596	2 253	2 508	3 145	2 338
Agosto.....	50 266	65 727	55 323	64 176	80 127	61 284	2 064	2 699	2 272	2 636	3 291	2 517
Setembro.....	62 442	83 119	71 753	81 465	99 694	75 829	2 020	2 689	2 322	2 636	3 226	2 453
Outubro.....	79 379	111 004	89 819	104 248	128 498	94 386	2 025	2 832	2 292	2 660	3 279	2 408

(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído no período de julho de 1986 a setembro de 1988).

## 23 – RENDIMENTO MÉDIO DOS EMPREGADOS SEM CARTEIRA

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, dos empregados sem carteira de trabalho assinada que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência – 1987/88

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO											
	Nominal (Cz\$)						Real (Cz\$) (base – março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
<b>1987</b>												
Julho .....	3 759	4 899	4 436	6 227	7 334	8 343	1 043	1 359	1 231	1 728	2 035	2 315
Agosto .....	4 122	5 533	5 365	6 668	8 493	9 746	1 088	1 461	1 416	1 760	2 240	2 573
Setembro .....	4 589	6 048	5 889	7 259	8 583	9 951	1 131	1 490	1 451	1 789	2 115	2 452
Outubro .....	5 003	6 981	6 481	8 257	9 405	10 728	1 112	1 551	1 440	1 835	2 090	2 384
Novembro .....	6 297	6 769	8 271	9 578	11 328	12 515	1 218	1 309	1 599	1 852	2 190	2 420
Dezembro .....	8 107	10 050	10 715	12 349	14 319	13 896	1 375	1 705	1 818	2 095	2 429	2 357
<b>1988</b>												
Janeiro .....	8 231	10 745	12 073	14 023	14 978	15 812	1 174	1 532	1 722	2 000	2 136	2 255
Fevereiro .....	9 946	13 235	13 276	17 942	18 449	19 985	1 225	1 630	1 635	2 209	2 272	2 461
Março .....	11 974	15 136	14 886	21 549	23 453	22 966	1 249	1 578	1 552	2 247	2 445	2 395
Abril .....	13 473	16 560	16 091	24 859	26 222	24 558	1 187	1 459	1 418	2 190	2 311	2 164
Maió .....	14 142	20 137	18 321	28 889	31 575	28 828	1 054	1 501	1 365	2 153	2 353	2 148
Junho .....	16 897	21 527	22 306	32 975	36 614	34 889	1 018	1 312	1 359	2 010	2 231	2 126
Julho .....	23 391	22 790	28 889	37 807	46 123	40 941	1 159	1 129	1 431	1 873	2 285	2 028
Agosto .....	30 447	31 351	34 713	49 720	56 130	56 952	1 250	1 288	1 426	2 042	2 305	2 339
Setembro .....	36 486	40 866	44 396	59 453	66 637	71 023	1 181	1 316	1 436	1 924	2 156	2 298
Outubro .....	42 656	49 343	50 100	70 472	84 023	96 264	1 088	1 259	1 278	1 798	2 144	2 456

(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído no período de julho de 1986 a setembro de 1988).

## 24 – RENDIMENTO MÉDIO DOS CONTA-PRÓPRIAS

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, dos conta-próprias que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência 1987/88

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO											
	Nominal (Cz\$)						Real (Cz\$) (base – março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
<b>1987</b>												
Julho .....	3 337	4 675	4 843	5 114	8 544	6 190	926	1 297	1 344	1 419	2 371	1 717
Agosto .....	4 019	5 087	5 532	5 747	9 698	7 078	1 061	1 343	1 461	1 517	2 560	1 869
Setembro .....	4 864	6 444	6 273	6 425	10 397	8 025	1 198	1 588	1 546	1 583	2 562	1 977
Outubro .....	4 718	6 386	6 820	7 046	11 743	9 144	1 048	1 419	1 516	1 566	2 609	2 032
Novembro .....	6 376	6 990	7 876	8 823	13 283	10 530	1 233	1 352	1 523	1 706	2 568	2 036
Dezembro .....	6 617	8 056	9 193	9 483	16 898	11 672	1 123	1 367	1 560	1 609	2 867	1 980
<b>1988</b>												
Janeiro .....	7 396	8 767	10 279	12 009	18 235	12 393	1 055	1 250	1 466	1 712	2 600	1 767
Fevereiro .....	8 746	10 252	12 397	14 094	20 308	14 124	1 077	1 262	1 526	1 735	2 501	1 739
Março .....	10 129	12 840	14 465	16 255	24 015	16 578	1 056	1 318	1 508	1 695	2 504	1 729
Abril .....	12 910	14 671	16 580	19 180	27 998	19 615	1 138	1 293	1 461	1 690	2 467	1 728
Maió .....	14 537	15 504	20 366	22 289	34 592	25 249	1 083	1 155	1 518	1 661	2 578	1 882
Junho .....	16 903	18 019	23 155	27 088	43 141	30 109	1 030	1 098	1 411	1 651	2 629	1 835
Julho .....	22 314	24 651	29 724	30 110	52 127	36 674	1 105	1 221	1 473	1 492	2 582	1 817
Agosto .....	27 057	28 981	39 359	38 653	65 101	47 065	1 111	1 190	1 616	1 587	2 674	1 933
Setembro .....	34 129	35 694	44 137	47 700	80 651	62 396	1 104	1 155	1 428	1 543	2 609	2 019
Outubro .....	40 952	50 040	53 831	59 097	91 391	70 638	1 045	1 277	1 373	1 508	2 332	1 802

(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído no período de julho de 1986 a setembro de 1988).

**25 – PESSOAS DESOCUPADAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1987/88**

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
<b>1987</b>							
Agosto.....	58 772	34 775	58 327	142 472	325 335	56 761	676 442
Setembro.....	63 330	39 131	56 984	156 198	281 668	53 815	651 126
Outubro.....	58 355	35 427	50 067	151 527	298 357	49 544	643 277
Novembro.....	54 301	33 052	52 507	139 952	269 180	41 348	590 340
Dezembro.....	40 910	34 172	45 591	104 695	199 386	37 338	462 092
<b>1988</b>							
Janeiro.....	62 925	40 944	61 802	126 902	282 700	42 603	617 876
Fevereiro.....	62 688	41 236	60 588	151 354	333 246	49 613	698 725
Março.....	63 748	44 188	58 230	151 217	322 453	51 441	691 277
Abril.....	60 918	44 663	60 776	143 449	298 963	46 709	655 538
Maió.....	52 085	40 276	67 537	141 240	308 329	44 612	654 079
Junho.....	49 610	45 582	66 197	134 408	291 697	51 197	638 691
Julho.....	59 356	43 111	60 662	134 970	289 426	44 231	631 758
Agosto.....	66 906	48 673	63 101	151 863	322 499	48 371	701 415
Setembro.....	61 038	35 794	55 771	143 749	306 856	46 386	649 594
Outubro.....	56 652	35 156	54 276	148 672	283 772	43 187	621 715
Novembro.....	56 265	36 696	46 362	140 004	245 018	38 066	562 411

**26 – PESSOAS DESOCUPADAS, QUE NUNCA TRABALHARAM ANTERIORMENTE, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1987/88**

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS QUE NUNCA TRABALHARAM ANTERIORMENTE						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
<b>1987</b>							
Agosto.....	8 273	3 364	5 351	13 878	13 822	4 017	48 705
Setembro.....	9 839	4 194	4 965	12 403	8 997	3 145	43 543
Outubro.....	8 510	4 298	3 517	8 542	15 153	3 568	43 588
Novembro.....	9 455	3 207	4 269	11 747	8 247	4 415	41 340
Dezembro.....	7 276	4 222	3 898	9 394	14 824	2 790	42 404
<b>1988</b>							
Janeiro.....	11 389	4 832	7 537	9 096	19 655	4 600	57 109
Fevereiro.....	13 711	5 094	8 092	10 827	21 967	4 891	64 582
Março.....	12 067	4 430	6 576	6 906	20 560	5 066	55 605
Abril.....	9 637	5 246	5 448	9 378	14 818	4 212	48 739
Maió.....	8 276	5 883	6 459	12 249	17 756	4 113	54 736
Junho.....	8 026	4 074	6 433	14 189	17 749	4 034	54 505
Julho.....	8 322	4 273	5 840	14 981	12 849	3 394	49 659
Agosto.....	9 381	5 216	7 038	15 085	23 474	4 272	64 466
Setembro.....	11 136	2 792	5 424	16 351	15 287	2 412	53 412
Outubro.....	8 806	2 748	7 150	9 208	12 495	2 450	42 857
Novembro.....	8 494	3 420	3 610	6 911	14 136	2 523	39 094

**27 — PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS,  
SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA — 1987/88**

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
<b>1987</b>							
Agosto .....	1 014 726	850 395	1 412 618	4 513 814	7 048 777	1 218 579	16 058 909
Setembro .....	1 031 425	854 151	1 416 095	4 507 582	7 101 375	1 221 390	16 132 018
Outubro .....	1 034 596	849 179	1 414 911	4 527 352	7 108 067	1 244 191	16 178 296
Novembro .....	1 042 072	860 193	1 423 412	4 554 336	7 159 118	1 237 420	16 276 551
Dezembro .....	1 001 006	852 580	1 415 419	4 569 890	7 085 749	1 215 937	16 140 581
<b>1988</b>							
Janeiro .....	1 031 555	864 865	1 419 554	4 536 078	7 083 836	1 210 931	16 146 819
Fevereiro .....	1 044 764	869 582	1 412 386	4 522 622	7 138 108	1 186 582	16 174 044
Março .....	1 025 690	878 456	1 400 495	4 513 670	7 169 389	1 214 584	16 202 284
Abril .....	1 027 870	874 489	1 409 877	4 533 539	7 131 817	1 220 193	16 197 785
Maiο .....	1 027 568	870 378	1 430 958	4 558 966	7 158 270	1 249 400	16 295 540
Junho .....	1 025 942	884 743	1 453 037	4 520 599	7 221 737	1 261 378	16 367 436
Julho .....	1 029 039	882 075	1 448 559	4 583 176	7 263 781	1 263 252	16 442 882
Agosto .....	1 069 815	925 481	1 478 956	4 637 315	7 489 059	1 279 133	16 879 759
Setembro .....	1 080 029	924 685	1 489 107	4 623 035	7 492 196	1 287 649	16 896 702
Outubro .....	1 086 412	933 597	1 497 644	4 661 097	7 418 766	1 290 934	16 888 450
Novembro .....	1 103 483	916 826	1 490 391	4 706 522	7 441 926	1 301 681	16 960 829

**28 — PESSOAS OCUPADAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES  
DA PESQUISA — 1987/88**

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
<b>1987</b>							
Agosto .....	955 953	815 619	1 354 290	4 371 340	6 723 442	1 161 818	15 382 462
Setembro .....	968 095	815 020	1 359 110	4 351 382	6 819 707	1 167 574	15 480 888
Outubro .....	976 241	813 752	1 364 844	4 375 823	6 809 711	1 194 645	15 535 016
Novembro .....	987 771	827 140	1 370 904	4 414 384	6 889 938	1 196 071	15 686 208
Dezembro .....	960 096	818 408	1 369 827	4 405 194	6 886 363	1 178 599	15 678 487
<b>1988</b>							
Janeiro .....	968 629	823 921	1 357 751	4 409 176	6 801 134	1 168 327	15 528 938
Fevereiro .....	982 075	828 346	1 351 797	4 371 268	6 804 862	1 136 969	15 475 317
Março .....	961 942	834 267	1 342 265	4 362 454	6 846 936	1 163 143	15 511 007
Abril .....	966 953	829 825	1 349 100	4 390 091	6 832 853	1 173 422	15 542 244
Maiο .....	975 482	830 102	1 363 421	4 417 725	6 849 941	1 204 788	15 641 459
Junho .....	976 333	839 161	1 386 840	4 386 190	6 930 038	1 210 180	15 728 742
Julho .....	969 683	838 963	1 387 897	4 448 207	6 947 351	1 219 020	15 811 121
Agosto .....	1 002 907	876 808	1 415 855	4 485 452	7 166 560	1 230 762	16 178 344
Setembro .....	1 018 990	888 891	1 433 336	4 479 287	7 185 340	1 241 263	16 247 107
Outubro .....	1 029 759	898 441	1 443 368	4 512 425	7 134 994	1 247 747	16 266 734
Novembro .....	1 047 218	880 130	1 444 029	4 566 517	7 196 909	1 263 615	16 398 418

### 29 – PESSOAS OCUPADAS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1987/88

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
<b>1987</b>							
Agosto .....	140 121	99 672	277 065	763 023	2 320 796	294 107	3 894 784
Setembro .....	145 805	100 591	271 364	778 846	2 368 261	301 633	3 966 500
Outubro .....	139 340	103 886	271 685	773 639	2 375 707	311 537	3 975 794
Novembro .....	138 090	102 815	262 350	763 088	2 394 848	319 891	3 981 082
Dezembro .....	140 543	100 283	265 807	777 170	2 402 853	307 009	3 993 665
<b>1988</b>							
Janeiro .....	139 604	105 269	264 046	788 882	2 331 933	304 464	3 934 198
Fevereiro .....	138 653	107 438	264 753	762 204	2 325 951	294 765	3 893 764
Março .....	129 561	108 768	271 573	752 152	2 331 540	300 478	3 894 072
Abril .....	139 955	99 778	258 370	760 028	2 304 677	298 570	3 861 378
Maió .....	132 680	102 915	268 493	769 970	2 254 723	315 743	3 844 524
Junho .....	136 385	103 962	269 586	758 998	2 295 883	318 298	3 883 112
Julho .....	137 248	104 724	271 481	780 227	2 304 117	324 224	3 922 021
Agosto .....	144 542	109 995	268 705	785 948	2 420 023	332 465	4 061 678
Setembro .....	150 753	115 442	270 246	790 099	2 390 893	327 202	4 044 635
Outubro .....	147 313	114 263	281 682	813 468	2 398 470	328 534	4 083 730
Novembro .....	144 179	109 787	281 997	800 589	2 385 509	328 742	4 050 803

### 30 – PESSOAS OCUPADAS NA CONSTRUÇÃO CIVIL, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1987/88

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA CONSTRUÇÃO CIVIL						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
<b>1987</b>							
Agosto .....	59 696	66 636	125 201	319 017	376 687	66 906	1 014 143
Setembro .....	59 800	69 144	124 892	304 850	388 414	69 102	1 016 202
Outubro .....	61 808	68 583	124 140	318 724	373 676	71 072	1 018 003
Novembro .....	65 313	73 221	123 422	345 139	391 199	69 771	1 068 065
Dezembro .....	67 979	73 003	124 466	324 541	387 740	69 724	1 047 453
<b>1988</b>							
Janeiro .....	62 141	65 684	128 261	321 743	383 479	66 811	1 028 119
Fevereiro .....	64 301	71 297	126 302	310 195	411 526	66 984	1 050 605
Março .....	62 633	69 945	125 209	311 608	413 379	68 655	1 051 429
Abril .....	67 609	73 041	126 075	322 638	422 204	70 574	1 082 141
Maió .....	64 918	67 651	134 213	328 278	412 801	68 729	1 076 590
Junho .....	66 427	72 571	135 459	302 937	428 979	69 117	1 075 490
Julho .....	62 230	70 113	142 862	318 629	419 319	72 722	1 085 875
Agosto .....	66 472	78 114	143 058	336 983	486 573	72 398	1 183 598
Setembro .....	66 823	81 797	149 569	340 181	465 065	72 601	1 176 036
Outubro .....	67 620	78 119	143 467	342 621	470 701	77 231	1 179 759
Novembro .....	76 574	78 674	150 609	332 827	469 100	78 348	1 186 132



### 31 – PESSOAS OCUPADAS NO COMÉRCIO, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1987/88

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NO COMÉRCIO						Total
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	
<b>1987</b>							
Agosto .....	155 582	117 034	165 210	560 549	862 924	165 682	2 026 981
Setembro .....	164 051	119 212	168 479	551 243	871 230	161 391	2 035 606
Outubro .....	167 170	116 010	165 478	567 743	871 060	165 109	2 052 570
Novembro .....	170 887	121 321	176 003	595 675	883 253	170 481	2 117 620
Dezembro .....	163 742	124 904	176 404	587 340	913 947	168 568	2 134 905
<b>1988</b>							
Janeiro .....	161 945	118 707	166 787	595 174	914 309	172 164	2 129 086
Fevereiro .....	161 570	122 824	167 339	563 310	912 085	157 289	2 084 417
Março .....	156 486	119 440	167 791	562 580	880 969	156 215	2 043 481
Abril .....	157 940	117 987	173 169	568 378	868 246	180 465	2 066 185
Maió .....	155 699	121 365	178 707	559 222	892 103	179 003	2 086 099
Junho .....	157 938	123 511	177 170	561 505	875 950	173 204	2 069 278
Julho .....	164 428	125 820	178 816	575 550	936 482	178 108	2 159 204
Agosto .....	163 908	128 101	193 230	558 789	917 207	181 283	2 142 518
Setembro .....	165 281	121 620	186 918	567 005	913 889	183 238	2 137 951
Outubro .....	177 439	131 458	185 567	567 323	913 596	188 227	2 163 610
Novembro .....	180 446	132 080	193 122	573 999	913 463	189 598	2 182 706

### 32 – PESSOAS OCUPADAS EM SERVIÇOS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1987/88

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM SERVIÇOS						Total
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	
<b>1987</b>							
Agosto .....	466 811	432 810	681 428	2 321 158	2 895 075	520 976	7 318 258
Setembro .....	465 678	429 886	692 219	2 299 349	2 918 716	524 863	7 330 711
Outubro .....	466 880	432 615	698 017	2 302 838	2 916 638	536 676	7 353 664
Novembro .....	474 678	438 352	702 533	2 296 402	2 926 079	523 959	7 362 003
Dezembro .....	453 865	428 469	699 892	2 357 084	2 874 775	526 182	7 340 267
<b>1988</b>							
Janeiro .....	469 576	435 828	695 028	2 284 240	2 864 789	519 693	7 269 154
Fevereiro .....	481 443	429 641	691 383	2 322 286	2 845 695	507 393	7 277 841
Março .....	472 531	436 441	671 853	2 314 567	2 900 819	523 479	7 319 690
Abril .....	462 320	442 109	686 483	2 306 945	2 922 150	514 457	7 334 464
Maió .....	483 945	439 965	683 543	2 330 265	2 974 844	531 743	7 444 305
Junho .....	472 039	444 915	706 074	2 337 092	3 016 897	544 541	7 521 558
Julho .....	468 643	437 940	694 792	2 367 155	2 980 242	542 139	7 490 911
Agosto .....	483 850	462 752	706 895	2 388 213	3 053 252	543 152	7 638 114
Setembro .....	479 678	464 439	717 704	2 362 218	3 101 478	557 509	7 683 026
Outubro .....	488 871	468 209	725 363	2 360 950	3 049 141	548 212	7 640 746
Novembro .....	500 876	456 618	716 070	2 422 755	3 118 712	557 002	7 772 033

33 — PESSOAS OCUPADAS EM OUTRAS ATIVIDADES, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA — 1987/88

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM OUTRAS ATIVIDADES						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
<b>1987</b>							
Agosto .....	133 741	99 465	105 385	407 592	267 957	114 144	1 128 284
Setembro .....	132 756	96 185	102 155	417 092	273 086	110 581	1 131 855
Outubro .....	141 039	92 654	105 522	412 876	272 626	110 250	1 134 967
Novembro .....	138 801	91 429	106 596	414 076	294 556	111 963	1 157 426
Dezembro .....	133 962	91 747	103 256	419 057	307 046	107 113	1 162 181
<b>1988</b>							
Janeiro .....	135 360	98 431	103 626	419 136	306 622	105 193	1 168 368
Fevereiro .....	136 106	97 143	102 019	413 269	309 601	110 535	1 168 673
Março .....	140 730	99 670	105 836	421 543	320 226	114 312	1 202 317
Abril .....	139 125	96 907	105 001	432 098	315 573	109 354	1 198 058
Maió .....	138 237	98 203	98 464	429 987	315 466	109 568	1 189 925
Junho .....	143 542	94 198	98 550	425 657	312 326	105 018	1 179 291
Julho .....	137 132	100 362	99 943	406 641	307 189	101 826	1 153 093
Agosto .....	144 135	97 846	103 967	415 518	289 505	101 464	1 152 435
Setembro .....	156 455	105 592	108 899	419 783	314 017	100 713	1 205 459
Outubro .....	148 516	106 392	107 288	428 062	303 087	105 543	1 198 888
Novembro .....	145 143	102 972	102 230	436 348	300 126	109 925	1 206 744

34 — EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA — 1987/88

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
<b>1987</b>							
Agosto .....	465 124	454 983	746 126	2 355 290	4 174 742	688 829	8 885 094
Setembro .....	473 071	440 820	752 564	2 385 667	4 124 618	702 151	8 878 891
Outubro .....	473 599	432 560	746 975	2 389 129	4 206 217	710 397	8 958 877
Novembro .....	477 934	447 732	753 664	2 399 185	4 233 503	709 372	9 021 390
Dezembro .....	471 082	442 816	757 994	2 416 490	4 281 289	711 295	9 080 966
<b>1988</b>							
Janeiro .....	472 408	452 987	751 754	2 404 311	4 191 129	704 363	8 976 952
Fevereiro .....	470 765	453 474	760 522	2 394 164	4 134 232	688 720	8 901 877
Março .....	464 289	452 440	744 379	2 408 282	4 211 947	688 401	8 969 738
Abril .....	468 795	439 354	746 330	2 404 031	4 193 977	689 687	8 942 174
Maió .....	482 637	438 910	757 743	2 429 227	4 201 630	713 339	9 023 486
Junho .....	473 422	446 143	760 929	2 429 555	4 247 686	722 179	9 079 914
Julho .....	474 952	457 352	770 576	2 433 029	4 249 040	728 443	9 113 392
Agosto .....	487 609	481 524	791 109	2 415 585	4 386 947	740 068	9 302 842
Setembro .....	506 638	490 212	797 926	2 421 823	4 365 533	745 910	9 328 042
Outubro .....	513 791	486 539	814 410	2 469 428	4 392 861	743 284	9 420 313
Novembro .....	508 204	477 981	815 010	2 484 111	4 470 274	747 216	9 502 796

35 – POPULAÇÃO RESIDENTE, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1987/88

ANOS E MESES DA PESQUISA	POPULAÇÃO RESIDENTE						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
<b>1987</b>							
Agosto .....	2 828 689	2 244 871	3 323 894	10 897 980	16 177 171	2 781 547	38 053 952
Setembro .....	2 834 619	2 250 882	3 334 426	10 718 082	16 215 083	2 788 965	38 142 057
Outubro .....	2 840 547	2 256 902	3 345 174	10 738 181	16 253 038	2 796 385	38 230 227
Novembro .....	2 846 489	2 262 931	3 355 939	10 758 293	16 291 006	2 803 823	38 318 481
Dezembro .....	2 852 429	2 268 969	3 666 737	10 778 416	16 328 986	2 811 262	38 706 799
<b>1988</b>							
Janeiro .....	2 858 411	2 275 033	3 377 577	10 798 688	16 367 222	2 818 745	38 495 676
Fevereiro .....	2 864 354	2 281 076	3 388 406	10 818 828	16 405 247	2 826 202	38 584 113
Março .....	2 870 308	2 287 125	3 399 249	10 838 957	16 443 303	2 833 666	38 672 608
Abril .....	2 876 259	2 293 182	3 410 091	10 859 104	16 481 360	2 841 138	38 761 134
Maio .....	2 882 213	2 299 246	3 420 963	10 879 241	16 519 417	2 848 610	38 849 690
Junho .....	2 888 168	2 305 306	3 431 850	10 899 396	16 557 504	2 856 097	38 938 321
Julho .....	2 894 127	2 311 373	3 442 751	10 919 541	16 595 624	2 863 584	39 027 000
Agosto .....	2 900 086	2 317 446	3 453 666	10 939 691	16 633 744	2 871 088	39 115 721
Setembro .....	2 906 049	2 323 516	3 464 596	10 959 858	16 671 863	2 878 590	39 204 472
Outubro .....	2 912 016	2 329 604	3 475 541	10 980 015	16 710 013	2 886 101	39 293 290
Novembro .....	2 917 979	2 335 689	3 486 499	11 000 176	16 748 163	2 893 618	39 382 124

# INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA

---

## ÍNDICES DA PRODUÇÃO FÍSICA BRASIL

---

O fraco desempenho da produção industrial em novembro último — queda de 7,1% frente a igual mês do ano anterior — levou a uma nova redução no resultado acumulado do setor: no período janeiro/novembro há um decréscimo de -3,3% contra -2,9% registrado no acumulado até outubro. Na comparação com o mês imediatamente anterior, utilizando-se a série de índices ajustados sazonalmente, a produção cai pelo terceiro mês consecutivo, assinalando em novembro taxa de -1,6%. Ainda, segundo esta série de índices, observa-se um recuo de 10,2% no nível do produto industrial em apenas quatro meses, dado que o índice de base fixa com ajuste sazonal passa de 123,92% em agosto para 11,24% em novembro.<sup>1</sup>

Na comparação mensal, isto é, mês em relação a igual mês do ano anterior, os -7,1% de novembro, embora acima do índice de outubro (-8,0%) não alteram o cenário retracionista do setor industrial nos últimos três meses, que se tem caracterizado por uma redução generalizada no âmbito da atividade dos segmentos investigados. Particularmente, neste último mês, observa-se que dos dezessete gêneros industriais pesquisados, somente material de transporte (7,1%) e papel e papelão (5,3%) ostentam taxas positivas. No corte por categorias de uso, também com retração generalizada, o destaque negativo é a queda de bens de consumo não-duráveis (-10,0%). O perfil da queda na atividade industrial em novembro também fica evidente nos índices por subsetores industriais, já que dos 49 investigados apenas 14 conseguem taxas positivas na comparação novembro 88/novembro 87. Figuram aí alguns ramos mais articulados às exporta-

<sup>1</sup> Vale lembrar que uma redução do ritmo industrial dessa intensidade, no espaço de quatro meses, só tem paralelo na série de índices como a observada no início de 1981, quando entre fevereiro e maio o setor acusou uma queda de -12,2%.

ções de manufaturados, como extração de minerais metálicos (4,8%), fundidos e forjados de aço (11,4%) e celulose (7,1%); sub-setores vinculados à indústria de material de transporte, como por exemplo, automóveis e camionetas (17,3%), motores e autopeças (3,8%) e pneumáticos (2,1%); e segmentos das indústrias de alimentos (refino de óleo para alimentação, com 3,7%) e de bebidas (cerveja, chope e malte, com crescimento de 5,1%).

As greves ocorridas na Petrobrás e na Companhia Siderúrgica Nacional, principalmente no primeiro caso, também influenciaram os índices de novembro. O subgênero da química que contém a atividade do refino de petróleo (petroquímica, refino e destilação do carvão-de-pedra) apresenta, na série sazonalmente ajustada, seu nível de produção mais baixo da década (número índice na base 1981 igual a 91,47%) assinalando queda de 9,5% em relação à média mensal de 1981. Foram determinantes nesse desempenho as quedas na produção da gasolina (-33,7% entre novembro e outubro últimos) e de óleo diesel (-33,6% no mesmo período). Já no caso da siderurgia os efeitos foram menos intensos, até porque a paralisação atingiu uma única empresa ao contrário da greve dos petroleiros que teve caráter nacional, afetando basicamente os itens onde a CSN detém uma forte participação no total da oferta nacional, como são os casos de bobinas e folhas-de-flandres (-48,4% entre novembro e outubro), bobinas e chapas de aço comum (-26,4%) e ferro gusa (-12,8%). Esses efeitos serão mais evidentes nos índices para o Rio de Janeiro.

Numa tentativa de mensurar o efeito da greve nos índices para a indústria química, procedeu-se a um exercício simplificado de ajuste dos resultados do índice de base fixa da série original em novembro. Este tratamento consistiu em aplicar ao índice de outubro a relação média observada no período 81/87 entre os meses de novembro e outubro<sup>2</sup>. Partindo do subgênero que contempla o refino de petróleo e estendendo a mudança para o âmbito do total do gênero e da indústria geral (Tabela A), observa-se que mesmo tendo forte influência no desempe-

A – PRODUÇÃO INDUSTRIAL  
NOVEMBRO-88  
Índices de Base Fixa (1981 = 100)

GÊNEROS	SÉRIE ORIGINAL		SÉRIE COM AJUSTE SAZONAL	
	De	Para <sup>11</sup>	De	Para <sup>11</sup>
Petroquímica, refino e destilação do carvão-de-pedra.....	88,46	113,42	91,47	117,28
Química.....	107,82	117,72	104,62	114,22
Indústria geral.....	116,68	118,32	111,24	112,81

(1) Tentando-se anular o efeito-greva conforme descrito no texto.

nho da química, a anulação do *efeito-greva* não altera o panorama de forte retração verificado no resultado global da indústria, expresso no índice com ajuste sazonal, que mesmo passando de 111,24% para 112,81%, ficaria abaixo do reduzido nível já assinalado em outubro (113,09%). Também, persistiria a retração no indicador mensal, embora um pouco atenuada (-5,8% contra -7,1%).

No perfil da queda generalizada no âmbito da atividade industrial no bimestre outubro-novembro, as maiores retrações ficaram por conta dos seguintes ramos industriais: química (-15,2% na comparação outubro/novembro contra o período julho/setembro), alimentares (-14,9%), vestuário (-9,6%), minerais não-metálicos (-9,4%) e matérias plásticas (-8,9%), todos com performance abaixo da média global da indústria que ficou em -7,9% (Tabela B).

B – INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL – DESEMPENHO DO BIMESTRE OUTUBRO/NOVEMBRO COM RELAÇÃO AO TRIMESTRE JULHO/SETEMBRO – 1988

Séries Dessazonalizadas

Brasil

GÊNEROS COM DESEMPENHO ACIMA DA MÉDIA	TAXA
Extrativa mineral.....	2,8
Metalúrgica.....	-4,3
Mecânica.....	3,2
Material elétrico e de comunicações.....	7,8
Material de transporte.....	-4,5
Papel e papelão.....	-0,1
Borracha.....	-5,3
Farmacêutica.....	-2,5
Perfumaria.....	3,9
Têxtil.....	6,2
Bebidas.....	6,0
Fumo.....	-0,5
Indústria geral.....	-7,9

GÊNEROS COM DESEMPENHO ABAIXO DA MÉDIA	TAXA
Minerais não-metálicos.....	-9,4
Química.....	-15,2
Matérias plásticas.....	-8,9
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	-9,6
Produtos alimentares.....	-14,9

<sup>2</sup> Tal relação indica que historicamente novembro é inferior a outubro para este subgênero, sendo que a relação média no período assumiu uma taxa de -6,8%.

O comportamento da indústria química reflete, primeiramente, o fraco desempenho da produção de álcool (anidro e hidratado), em consequência da quebra na safra de cana-de-açúcar que, a propósito, também rebaterá com impactos negativos na indústria alimentar em face das quedas em açúcar (cristal, demerara e refinado) e melão. Outra componente negativa é a contração nas indústrias produtoras de fertilizantes que neste último bimestre acusam decréscimo de cerca de 30% em relação a outubro/novembro de 87, não só em função do atraso no período de plantio das principais safras como, também, pela evolução dos preços desses insumos acima da inflação. Especialmente em novembro também joga um papel importante a greve dos petroleiros antes mencionada.

O fraco desempenho de matérias plásticas e vestuário está relacionado forçosamente à significativa retração no mercado interno, destacando-se aí o item sacos e sacolas de plástico de ampla utilização na embalagem de bens de consumo não-duráveis. Na indústria do vestuário o contraste entre os dados de produção e as vendas domésticas reside no fato de que as estatísticas de comércio apresentam taxas positivas que, contudo, concentram-se no desempenho do subgrupo calçados e, provavelmente, refletem uma elevação na receita, muito mais via preço, que, propriamente, em função de elevação no volume físico de vendas.

Finalmente, no caso da indústria de minerais não-metálicos, tipicamente fornecedora de insumos para construção civil, a brusca redução do último bimestre não se refletiu ainda em relação ao emprego do setor que permanece apresentando evolução bastante significativa. Entretanto, no acumulado do ano até novembro, observa-se comportamentos bastante distintos, com produtos típicos da fase de acabamento da construção tendo resultados bem expressivos, como argamassa (13,9%), azulejo decorado (6,6%) e ladrilhos cerâmicos (7,6%), enquanto que aqueles largamente utilizados na fase estrutural tiveram comportamento negativo: pedra britada (-3,1%), tijolos (-3,7%) e postes de concreto (-28,1%), este último bastante usado no setor obras públicas. Nesse sentido, o contraste entre os indicadores de emprego e produção para

o setor de construção civil pode ser justificável pela provável maior utilização de mão-de-obra na fase de acabamento. Um outro fator que justificaria o melhor desempenho dos itens associados às fases de acabamento seria um maior número de reformas em imóveis, tanto nos residenciais quanto naqueles utilizados pela indústria e comércio. No caso das empresas, as perspectivas pouco claras sobre o desempenho futuro da economia não estimulam investimentos de grande vulto em novas instalações, o que torna atrativa a realização de pequenas reformas, dada a situação de rentabilidade de alguns setores.

Em síntese, o que se pode depreender dos últimos números sobre o comportamento da produção industrial é que a breve recuperação do trimestre junho/agosto não se confirmou nos meses seguintes, tendo, pelo contrário, se iniciado uma trajetória de rápida perda de fôlego no ritmo das atividades do setor (Gráfico 1), a ponto de já em novembro último o nível de produção situar-se próximo ao de julho de 1985, quando se iniciava o período de crescimento calcado fundamentalmente no desempenho do mercado interno.

A elevação das taxas de inflação nos meses iniciais do segundo semestre (que culminaram com o recorde de 27,5% em outubro), parece ter atuado na mudança rápida do comportamento dos agentes econômicos: de um lado, a atitude dos consumidores passa a ser mais cautelosa quanto às suas iniciativas de gastos e, de outro, as empresas tendem a proceder a ajustes mais rápidos, frente à instabilidade no sistema de preços, que impactam mais imediatamente o nível de produção. Os meses de outubro e novembro também já refletem a adaptação do setor industrial à jornada de trabalho estabelecida pela Constituição; nesse sentido, observa-se nesses últimos dois meses redução no número de horas trabalhadas nas estatísticas da FIESP. A se confirmar nos próximos resultados um novo patamar de produto industrial mensal, bem inferior à relativa estabilidade presente desde o segundo semestre de 1987 até setembro passado, dificilmente serão mantidos os atuais resultados para o emprego no setor que revelam, até aqui, certa estabilidade.

COMPOSIÇÃO DA TAXA DE CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA GERAL<sup>(1)</sup>  
(Indicador Acumulado, segundo os Gêneros da Indústria)  
Janeiro/Novembro — 1988

GÊNEROS	COMPOSIÇÃO DA TAXA	PRODUTOS RESPONSÁVEIS (2)
Extrativa mineral.....	- 0,04	Minério de ferro — Minério de ferro pelotizado
Minerais não-metálicos .....	- 0,19	Chapas ou telhas, lisas ou corrugadas de fibrocimento — Frascos de vidro de menos de 375 ml
Metalúrgica .....	- 0,47	Parafusos de ferro e aço — Fogões e fornos não-elétricos
Mecânica .....	- 0,89	Refrigeradores domésticos, elétricos — Tratores agrícolas de 55 a menos de 100 H.P.
Material elétrico e de comunicações .....	- 0,37	Caixas acústicas — Máquinas de calcular, eletrônicas
Material de transporte.....	0,66	Automóveis para passageiros — Navios de grande porte
Papel e papelão .....	- 0,08	Caixas de papelão corrugado — Papel de acabamento especial (impregnado ou revestido)
Borracha .....	0,03	Pneumáticos para caminhões e ônibus — Pneumáticos para automóveis
Química .....	- 0,58	Álcool anidro — Fertilizantes compostos NPK
Farmacêutica .....	- 0,25	Antibióticos — inclusive trimetoprim — Vitaminas dosadas
Perfumaria, sabões e velas .	- 0,10	Sabões e cremes para lavar e enxaguar cabelos — Águas-de-colônia, extratos e semelhantes — exclusive loções para barba
Produtos de matérias plásticas.....	- 0,24	Sacos e sacolas de material plástico — Artigos de material plástico para mesa, copa e outros usos domésticos
Têxtil.....	- 0,40	Tecidos acabados ou beneficiados, de algodão — Fios crus, de algodão
Vestuário, calçados e artefatos de tecido .....	- 0,28	Calças compridas de tecido — inclusive tecidos de malha — Blusas, blusões e camisas esportes de tecido — inclusive tecidos de malha
Produtos alimentares.....	- 0,17	Açúcar demerara — Açúcar refinado
Bebidas.....	0,03	Cervejas — inclusive chope — Vinhos de uva, produzidos diretamente da uva, licorosos — inclusive vermute
Fumo.....	0,01	Fumo em folha beneficiado (seco ou defumado)
Indústria geral .....	- 3,25	

(1)  $C = (I_G - 100) \cdot K$ , onde:

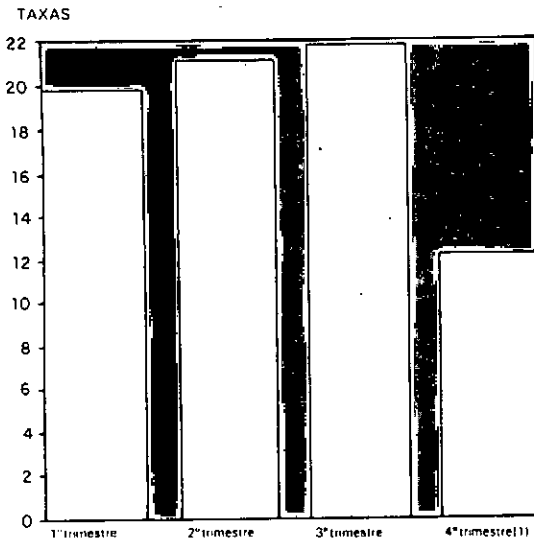
C = Participação do gênero na formação do total da taxa de crescimento;

$I_G$  = Indicador do gênero; e

K = Peso do gênero no total da indústria geral.

(2) Foram destacados, em cada gênero, os dois principais produtos responsáveis pelo indicador.

GRÁFICO 1  
 PRODUTO INDUSTRIAL  
 NÍVEL MÉDIO TRIMESTRAL — 1988  
 Índices Dessazonalizados (1981 = 100)



(1) Média de outubro e novembro

Levando-se em conta que a estimativa para o PIB brasileiro apontava para um acréscimo de apenas 0,04%, considerando os números apurados no setor industrial até outubro, é bem provável que com os resultados para o período janeiro/novembro, que agravam o quadro do setor industrial, o desempenho econômico registre para 1988 uma taxa negativa, a terceira desde 1981.

### ÍNDICES DA PRODUÇÃO FÍSICA POR REGIÕES

Os números de novembro sobre o desempenho regional da indústria confirmam o pa-

norama de redução no nível da atividade fabril já delineado nos índices de outubro.

No penúltimo mês de 1988, dos dez locais pesquisados, apenas o Paraná (6,2%)<sup>3</sup> obteve resultado positivo na comparação com igual mês anterior. Nas demais áreas as quedas variaram entre -1,8% em Minas Gerais e -17,9% registrados na Bahia.

A queda da atividade industrial, em novembro, foi, particularmente, mais intensa nos estados que concentram as grandes refinarias de petróleo, devido à greve dos trabalhadores desta categoria. A indústria química assinalou perdas significativas nos seguintes locais: Bahia (-17,4%), Rio de Janeiro (-22,4%), São Paulo (-17,1%) e Rio Grande do Sul (-38,8%), este impactado principalmente pela retração no subsetor de fertilizantes. A indústria do Rio de Janeiro, com queda de -9,5% em novembro, também sofreu os efeitos da greve na CSN que levou a uma retração de -33,9% na produção metalúrgica deste estado.

Em termos dos índices para o acumulado do ano, observa-se que nos últimos dois meses o movimento nitidamente predominante foi de redução nas taxas de atividade (Tabela C). No Nordeste, o setor industrial passa de uma queda acumulada de -6,8% até setembro para -7,9% em novembro, com Pernambuco (-14,0% no período janeiro/novembro) situando-se como o estado de pior desempenho. Minas Gerais, em que pese a acentuada perda de ímpeto nos dois últimos meses, chega a novembro com crescimento acumulado de 2,8%, taxa só ultrapassada pela indústria do Paraná

C — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL,  
 POR TAXAS DE CRESCIMENTO, SEGUNDO LOCAIS — 1988

LOCAIS	TAXAS DE CRESCIMENTO (%)			
	Janeiro/setembro-88	Outubro-88	Novembro-88	Janeiro/novembro-88
	Janeiro/setembro-87	Outubro-87	Novembro-87	Janeiro/novembro-87
Brasil .....	- 2,2	- 8,0	- 7,1	- 3,3
Região Nordeste .....	- 6,8	- 12,1	- 11,8	- 7,9
Pernambuco .....	- 14,2	- 20,3	- 6,6	- 14,0
Bahia .....	- 2,1	- 7,2	- 17,9	- 4,0
Região Sudeste .....				
Minas Gerais .....	- 4,2	- 4,3	- 1,8	- 2,8
Rio de Janeiro .....	- 1,0	- 1,7	- 9,5	- 0,2
São Paulo .....	- 2,7	- 6,9	- 6,4	- 3,5
Região Sul .....	- 1,5	- 11,1	- 7,3	- 2,9
Paraná .....	3,4	0,9	6,2	3,4
Santa Catarina .....	- 3,3	- 16,6	- 14,2	- 5,6
Rio Grande do Sul .....	- 0,7	- 13,0	- 10,0	- 2,7

<sup>3</sup> Ainda assim em função de efeito estatístico descrito na seção sobre este estado.



(3,4%), fortemente influenciada pelo comportamento favorável do complexo soja. Para a Região Sul, no entanto, o balanço do ano até novembro (indicador acumulado) revela queda de -2,9%, já que a boa performance paranaense não foi suficiente para compensar as retrações de -5,6% e -2,7%, de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, respectivamente. A indústria paulista, principal parque industrial do país, ao recuar em -3,5%, situa-se próximo ao resultado obtido até aqui para o Brasil.

### Pernambuco

A indústria de Pernambuco continua a assinalar, em novembro, taxas negativas para os principais indicadores pesquisados: mensal (-6,6%), acumulado (-14,0%) e doze meses (-13,0%). Mesmo apontando uma significativa desaceleração do ritmo de queda em relação ao mês anterior (de -20,3% para -6,6%) na comparação mensal, seu desempenho acumulado continua sendo o mais fraco dentre as regiões investigadas. Em termos do nível de produção houve avanços, sendo superado o patamar de novembro de 1983, enquanto que em outubro e setembro não se atingia sequer a marca de igual mês em 1981.

Na comparação com igual mês do ano anterior, somente dois dos onze setores, material elétrico e de comunicações e metalúrgica, apresentam taxas positivas, em função do desempenho de pilhas secas e vergalhões de aço, respectivamente. As maiores contrações, em termos de impacto no total da indústria, foram as de produtos alimentares (destacando-se açúcar refinado e demerara), minerais não-metálicos (sobretudo em decorrência de chapas e telhas de fibrocimento) e química (principalmente devido a fertilizantes compostos NPK e álcool anidro e hidratado). A redução de 13,7 pontos percentuais (Tabela D) registrada em relação à performance do mês anterior é sustentada, na composição do resultado geral da indústria, pelos segmentos ligados à agroindústria canavieira: produtos alimentares e química que passam de -30,6% para -11,6% e de -21,6% para -2,9%, respectivamente.

Os indicadores acumulado no ano (-14,0%) e nos últimos doze meses (-13,0%) assinalam resultados negativos para todos os onze gêneros pesquisados. Estes dois índices foram fortemente influenciados pela queda da produção da agroindústria canavieira. Projetando-se o desempenho para o próximo mês, a partir da relação histórica entre novembro e dezembro<sup>4</sup>, a indústria pernambucana fecharia o ano com uma taxa negativa em torno de -13,4%.

### D - COMPOSIÇÃO DA TAXA DE CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA GERAL, POR MESES, SEGUNDO GÊNEROS - 1988

GÊNEROS	MESES		
	(1) Outubro	(2) Novembro	(2)-(1)
Indústria geral.....	-20,28	-6,63	13,65
Minerais não-metálicos.....	-0,95	-1,41	-0,46
Metalúrgica.....	-0,02	0,66	0,68
Material elétrico e de comunicações.....	-2,65	1,20	3,85
Papel e papelão.....	-0,16	-0,66	-0,50
Química.....	-5,61	-0,77	4,84
Perfumaria, sabões e velas.....	-0,17	-0,18	-0,01
Produtos de matérias plásticas.....	-0,19	-0,42	-0,23
Têxtil.....	-0,85	-0,68	0,17
Produtos alimentares.....	-9,59	-3,91	5,68
Bebidas.....	-0,15	-0,13	0,02
Fumo.....	0,06	-0,33	-0,39

### Bahia

A indústria baiana destaca-se, novamente, dentre as regiões analisadas neste mês, por registrar elevadas taxas negativas em todas as comparações: mensal (-17,9%), mês/mês anterior (-13,1%), acumulado (-4,0%) e acumulado doze meses (-4,1%). Observa-se, também, que o nível de produção volta a ser menor (-0,9%) que a média de 1981.

No indicador mensal, dos nove segmentos computados, somente borracha alcançou crescimento (18,9%). Quatro gêneros acentuaram suas quedas, dentre estes estão metalúrgica (-27,3%), química (-17,4%), minerais não-metálicos (-8,9%) e extrativa mineral (-5,1%). Com relação aos dois primeiros, estes têm revelado taxas negativas desde junho e julho, respectivamente. No que diz respeito a minerais não-metálicos, o mesmo vem numa evolução descendente, passando de

<sup>4</sup> Segundo o padrão verificado na década de 80, o índice de base fixa de dezembro deve ser 1,9% inferior ao de novembro.

30,7% em agosto para - 8,9% em novembro. Na extrativa mineral, os produtos petróleo bruto e calcário destacam-se como os mais influentes na contração do gênero, justificados pelo baixo rendimento da matéria-prima utilizada.

Analisando-se os demais setores, observa-se uma significativa melhora em material elétrico (- 18,2%), perfumaria, sabões e velas (- 17,4%) e bebidas (- 0,1%) que em outubro assinalavam variações negativas de - 25,9%, - 28,6% e - 5,7%, respectivamente.

Ainda no indicador mensal, produtos alimentares assinalam o pior resultado (- 37,4%) desde março de 1982 (exceção de setembro de 1987 com - 45,0%), posto que os produtos de maiores pesos (manteiga de cacau e cacau beneficiado) ainda refletem o fraco resultado da safra de cacau.

As greves ocorridas nas refinarias da Petrobrás tiveram forte impacto nos resultados deste mês, haja vista o peso da química na indústria (cerca de 60%).

Na tentativa de anular o *efeito-greve*, optou-se por um exercício simples de ajuste nos índices de base fixa. Partindo da hipótese de que, historicamente, o mês de novembro é inferior ao mês de outubro, determinou-se a média da relação nesses meses para o período de 1981 a 1987 (0,95). Aplicando-se esse fator ao base fixa observado de outubro, obtém-se um novo índice para a química e, em decorrência, para a indústria geral (Tabela E). Observa-se que mesmo retirando o *efeito-greve* a indústria da Bahia apresenta forte contração (- 10,1%) na comparação mensal, somente superada nesta década nos meses de setembro/88 (- 15,2%) e outubro/87 (- 12,4%).

E - COMPARAÇÃO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL EM NOVEMBRO ENTRE ÍNDICES OBSERVADOS E AJUSTADOS, SEGUNDO GÊNEROS - 1988

Bahia

GÊNEROS	BASE FIXA		MENSAL	
	Observado	Ajustado (1)	Observado	Ajustado (1)
Química .....	101,56	117,56	82,61	95,63
Indústria geral .....	99,11	108,54	82,11	89,92

(1) Retirando-se o *efeito-greve*.

A produção acumulada, janeiro/novembro-88, comparada a igual período do ano anterior, continua revelando decréscimo (- 4,0%). Os maiores impactos na taxa global originam-se da química (- 3,8%), metalúrgica (- 10,6%), minerais não-metálicos (- 12,3%) e material elétrico e de comunicações (- 9,5%).

Finalmente, cabe ressaltar que no indicador acumulado de doze meses (- 4,1%) a indústria continua apontando retração para o encerramento do ano, tendo como fatores determinantes o desempenho da química (- 3,5%), metalúrgica (- 11,9%) e minerais não-metálicos (- 15,1%).

### Minas Gerais

A indústria mineira registra, em novembro, retração no indicador mensal (- 1,8%) e uma desaceleração do crescimento nas comparações acumulada (2,8% frente a 3,3% em outubro) e acumulada doze meses (3,0% contra 3,4%). Esse desempenho reflete a perda de dinamismo dos gêneros onde as vendas externas têm peso significativo (extrativa mineral e metalúrgica), aliada a má performance dos setores com maior vinculação com a agropecuária (produtos alimentares, bebidas e fumo) e produção de bens de consumo não-duráveis (têxtil e vestuário).

A comparação com igual mês do ano anterior registra uma contração (- 1,8%) inferior à verificada em outubro (- 4,3%). Em relação ao resultado anterior, notam-se alterações significativas em alguns segmentos.

As performances de material elétrico (29,7%), material de transporte (- 0,7%) e papel e papelão (0,9%) foram bem melhores que as ocorridas no mês antecedente, quando atingiram as taxas de 7,8%, - 22,8% e - 28,2%, respectivamente.

Apenas fumo teve variação negativa (- 17,6%), bem superior à registrada em outubro (- 6,0%). No caso de material de transporte, o item responsável por essa melhora foi o de veículos à álcool (3,6% contra - 18,4% em outubro). Em papel e papelão, o produto celulose (1,0% contra - 35,9%) foi o de maior impacto nessa mudança. Por

sua importância no parque industrial mineiro, é relevante registrar também o menor incremento da metalúrgica e da extrativa mineral, que passam de 14,0% e 17,2% em setembro para 5,3% e 2,9% em novembro, respectivamente. No cômputo geral, o desempenho da indústria foi negativo devido à queda (-22,1%) nos gêneros vinculados à agropecuária (Tabela F), onde se destacam os derivados da cana-de-açúcar (melão e açúcar cristal).

O indicador acumulado aponta um acréscimo de 2,8%, basicamente em decorrência da expansão da metalúrgica (Tabela G), que destina boa parte de sua produção ao mercado externo. Cabe assinalar o comportamento de produtos alimentares, cuja taxa de incremento passa de 13,9% em janeiro/junho para apenas 1,3% em janeiro/novembro. Os demais gêneros que assinalam variações positivas são: material elétrico e de comunicações (9,4%), extrativa mineral (8,8%) e papel e papelão (2,6%). As maiores contrações verificam-se em produtos de matérias plásticas (-28,0%), vestuário (-9,9%) e têxtil (-4,3%).

**F — DESEMPENHO EM NOVEMBRO — 1988**  
(Base: igual período do ano anterior = 100)

**Minas Gerais**

GÊNEROS	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Vinculados à agropecuária (1) .....	77,86	- 2,88
Não vinculados à agropecuária .....	101,19	1,04
Total da indústria .....	98,16	- 1,84

(1) Produtos alimentares, bebidas e fumo.

**G — DESEMPENHO EM JANEIRO/NOVEMBRO — 1988**

(Base: igual período do ano anterior = 100)

**Minas Gerais**

GÊNEROS	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Metalúrgica .....	111,88	3,53
Demais gêneros .....	98,98	- 0,71
Total da indústria .....	102,82	2,82

**Rio de Janeiro**

A queda de -9,5% em novembro, relativamente a igual mês do ano anterior, expressa o pior desempenho mensal desde janeiro de 1984 para a indústria do Estado do

Rio de Janeiro. Contribuíram, sensivelmente, para isto as greves ocorridas nesse mês em dois segmentos básicos — metalúrgica (CSN) e química (Petrobrás) — cujos resultados mensais atingiram, respectivamente, -33,9% e -22,4%. Este fato veio comprometer a performance da indústria do estado para 1988, restringindo a possibilidade, que se vislumbrava até o mês passado, do setor fechar o ano com um pequeno incremento. O índice acumulado no ano cai praticamente um ponto percentual entre outubro e novembro. Grosso modo, o impacto das citadas greves pode ser isolado, aplicando-se sobre o nível de produção de outubro a relação média histórica novembro/outubro, o que daria para a metalúrgica e a química, respectivamente, quedas este mês de apenas -7,1% e -3,9% e, conseqüentemente, uma redução na indústria geral de somente -0,5% (ao invés de -9,5%), o que ainda manteria o resultado positivo para o índice acumulado.

A influência dos resultados desses dois gêneros industriais, na determinação da taxa global, fica ainda evidente quando se observa que outros segmentos de peso obtiveram ótima performance este mês, como foram os casos de material de transporte (de 3,8% em outubro para 22,3% em novembro), farmacêutica (de -3,2% para 13,1%) e produtos alimentares de -6,4% para 7,2%); sem contar aqueles, que apesar de ainda negativos, elevaram os níveis de suas taxas, como ocorreu com perfumaria, matérias plásticas e vestuário.

A produção acumulada de janeiro/novembro expressa um decréscimo de -0,2% com relação a igual período do ano passado, e a dos últimos doze meses, até novembro, um declínio de -0,5%. Dos quinze ramos pesquisados na indústria do estado, apenas cinco atingem resultado positivo, sendo que as taxas de material elétrico e de comunicações (51,4%) e de material de transporte (28,3%) foram fundamentais para evitar uma retração expressiva do setor. Dentre os segmentos com redução da atividade produtiva, destacam-se têxtil (-23,5%), produtos alimentares (-8,9%), farmacêutica (-7,7%) e matérias plásticas (-8,6%), onde se observam as seguintes influências:

*Têxtil* — a contração do setor tem a ver com o comportamento retraído do segmen-

to de confecções, este atingido pelos efeitos do comprometimento crescente da renda real dos consumidores num quadro de aceleração inflacionária. Vale notar, ainda, que nos últimos meses de 1988 o ramo de vestuário teve variação de preços acima do IPC, o que veio agravar os níveis de consumo do gênero. Os principais produtos responsáveis pelo resultado negativo de têxtil foram fios e tecidos de algodão.

*Produtos Alimentares* — as quedas na produção de sardinha em conserva, em consequência da redução na oferta de matéria-prima, e de leite pasteurizado — devido ao rigor do inverno neste ano, além da justificativa de níveis desestimulantes de preços ao produtor — foram as principais contribuições para a performance do setor.

*Farmacêutica* — além do recuo na demanda por seus produtos, a indústria farmacêutica também foi atingida este ano por dificuldades na fabricação de alguns itens, em decorrência de restrições de matérias-primas, em especial naqueles casos em que dependem de importações. Os produtos com maior impacto no declínio do gênero foram vitaminas dosadas e corticosteróides.

*Matérias Plásticas* — os itens responsáveis pelo comportamento desfavorável do setor foram artigos de material plástico para uso doméstico e sacos e sacolas de plástico, ambos afetados pelas restrições no consumo da população. A queda na produção de sacos e sacolas é compatível com o índice de desempenho das vendas do ramo de bens de consumo imediato na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, que caíram em termos reais 7,7% no período janeiro/setembro de 1988 (último dado disponível).

### São Paulo

A queda de -6,4% da produção industrial paulista, em novembro de 1988, em face do igual mês do ano anterior, praticamente, repete o mau desempenho verificado em outubro (-6,9%) e leva a uma acentuação no resultado negativo para o acumulado do ano, que agora atinge -3,5% contra uma taxa de -3,2% registrada até outubro.

O indicador anualizado (últimos doze meses) também, aprofunda seu ritmo de que-

da (-3,6% em novembro contra -3,4% em outubro), após cinco meses de taxas seguidamente menos negativas. É importante assinalar que, segundo este indicador, o parque industrial completa o 12º mês consecutivo de desempenho negativo e, o que é mais significativo, num tipo de índice que melhor capta a tendência da produção. A última vez que se observou fato semelhante foi entre o segundo semestre de 1983 e o primeiro de 1984, quando por 13 meses o produto do setor apresentou taxa anualizada negativa.

Na performance negativa de novembro, deve-se destacar a influência na indústria química e, em consequência, no resultado global para o estado, da greve dos petroleiros. A retração de -17,1% na química representa 47% do total da queda do setor industrial paulista, na comparação novembro-88/novembro-87. Os itens que mais determinam tal desempenho são gasolina (-44,5%) e óleo diesel (-30,2%). Mesmo assim, cabe ressaltar que apenas o ramo de metalúrgica (0,4%), material de transporte (8,0%), papel e papelão (10,3%) e matérias plásticas (1,3%) conseguem atingir taxas positivas este mês, o que denota o perfil mais amplo da queda que vem sendo observada nos últimos três meses.

A propósito da distância que se vem verificando entre a série de índices de produção física, elaborada pelo IBGE, e os índices da FIESP (Tabela H), cabem algumas observações:

- o índice do IBGE é de produção física, enquanto o INA-FIESP traduz uma função de produção que considera variáveis físicas (horas trabalhadas e consumo de energia) e monetárias (valor de vendas e salários); não obstante, ao longo dos anos resultados das duas fontes apresentam grande aderência.

a diferença entre os resultados em 1988 parece residir nos números sobre o consumo industrial de energia elétrica. Segundo a FIESP, enquanto o volume de horas trabalhadas cai -1,7% no acumulado janeiro/outubro, o consumo de energia elétrica se eleva em 8,0%. Nesse sentido, o índice de produção física se afasta do INA, dada a influência positiva da variável consumo de energia elétrica.

## H — PRODUÇÃO INDUSTRIAL — COMPARAÇÃO ENTRE O IBGE E A FIESP — 1988

São Paulo

ESPECIFICAÇÃO	INDICADOR MENSAL		INDICADOR ACUMULADO	
	Setembro	Outubro	Setembro	Outubro
	[%]			
FIESP (INA).....	0,9	- 2,5	0,4	0,1
Horas trabalhadas.....	- 0,4	- 2,6	- 1,6	- 1,7
Consumo de energia.....	11,0	7,5	8,0	7,9
IBGE (Produção física).....	0,1	- 6,9	- 2,7	- 3,2

FONTES — IBGE, Departamento de Indústria — FIESP.

**Paraná**

A indústria paranaense apresenta neste mês de novembro crescimento em todos os indicadores: 6,2% no mensal, 3,4% no acumulado e 2,3% nos últimos doze meses, com taxas superiores às do mês anterior (0,9%, 3,1% e 1,1%, respectivamente). Estes resultados contribuíram para que o estado assumisse a liderança dentre os demais locais pesquisados.

Na comparação deste mês em relação a igual mês do ano anterior constata-se que as maiores contribuições foram: química (47,6%), fumo (21,0%) e matérias plásticas (8,9%), devido ao incremento da produção de óleo diesel, cigarros e sacos e sacolas de material plástico, respectivamente.

Por outro lado, as quedas mais significativas foram em mecânica (- 20,2%) e mineerais não-metálicos (- 8,7%) em função da menor demanda por refrigeradores para uso doméstico e cimento pozolânico.

Em relação à produção acumulada de janeiro/novembro (3,4%), os gêneros que tiveram a maior responsabilidade pela performance foram: alimentares (8,6%) e química (4,8%), impulsionados pelos seguintes produtos: café solúvel e óleo diesel. Por sua vez, as principais retrações deram-se em mineerais não-metálicos (- 3,4%) e mecânica (- 2,7%), em virtude da contração na produção de chapas e telhas de fibrocimento e câmaras frigoríficas.

Quanto à produção anualizada (2,3%) o resultado foi *puxado* pelo desempenho dos segmentos alimentares (7,7%) e química (2,1%). Tal comportamento, aparentemente favorável, foi influenciado, conforme visto, basicamente pela performance do setor químico de elevada participação na composição do resultado global, devido ao *efeito-base* — a produção de novembro de 1987

foi muito deprimida em virtude da paralisação de importante empresa do setor para manutenção de seus equipamentos.

Tomando-se o resultado do indicador base fixa mensal, o quadro se mostra outro: acentuado declínio da produção a partir de setembro último em relação à média de 1981 (setembro = 18,0%; outubro = 12,1% e novembro = - 2,9%).

Cabe lembrar ainda, que o efeito na base de comparação na química em novembro de 1987 foi tão marcante (queda de - 45,5% em relação ao mês anterior) que a greve ocorrida na Petrobrás no mês de novembro último (que ocasionou uma queda de - 33,9% em relação a outubro de 1988) não chega a provocar retração no índice mensal que se eleva em 47,6%.

Na tentativa de se mensurar o efeito da paralisação na indústria química ocorrida em 1987, efetuou-se um exercício de simulação visando obter, de forma simplificada, o *novo* resultado para a indústria geral. Sendo assim, aplicou-se ao índice de outubro-87 a média da relação observada no período 1981/86 entre os meses de novembro e outubro, obtendo-se assim um novo índice de base fixa de novembro para química e, posteriormente, indústria geral. As taxas calculadas dessa forma para o conjunto da indústria foram significativamente inferiores às da série original levando, por exemplo, o indicador mensal da química a uma taxa de 5,9%, enquanto a indústria se expande apenas 0,8% (Tabela I).

É interessante observar que mesmo se isolando o efeito da paralisação de 1987 sobre a indústria, o Paraná mantém-se na liderança de crescimento no âmbito dos locais pesquisados.

I – TAXAS DE CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL EM NOVEMBRO,  
SEGUNDO SETORES – 1988  
Paraná

SETORES	TAXA ORIGINAL			TAXA AJUSTADA (1)		
	Mensal	Acumulado	Doze meses	Mensal	Acumulado	Doze meses
Indústria geral.....	6,2	3,4	2,3	0,8	2,6	1,9
Química.....	47,6	4,8	2,1	5,9	2,8	0,4

(1) Anulando o efeito da paralisação na química em 1987.

Por fim, a evolução dos índices neste mês de novembro não pode ser encarada como uma consolidação da reversão do movimento de crescimento esboçado no mês de outubro, mas sim um resultado atípico que se despontou nesse mês, rebatendo de uma forma significativa no resultado final do desempenho da indústria geral.

#### Santa Catarina

Em novembro, a indústria catarinense recua – 14,2% em relação a idêntico mês de 1987 ficando, porém, superior em 2,4 pontos percentuais ao resultado mensal anterior. Esta desaceleração da queda a nível setorial ocorre, praticamente, de forma generalizada, à exceção de química e fumo, isto em decorrência do elevado nível de produção de ácido fosfórico, farelo de soja e fumo em folha beneficiada, respectivamente, registrado no mês anterior.

A performance negativa da indústria este mês está associada, principalmente, ao fraco desempenho de alimentares (– 24,8%), minerais não-metálicos (– 33,2%) e mecânica (– 19,7%) que, em conjunto, respondem por 72% da formação da taxa mensal, como reflexo, ainda, de fatores que já haviam influenciado o resultado de outubro nestes setores. O declínio na produção de açúcar refinado que, novamente, se deve a falta de matéria-prima; azulejos decorado e liso, repercutindo a greve no ramo; e refrigeradores domésticos e aparelhos de ar-condicionado, tendo como principal motivo o acúmulo de estoques, foram os principais determinantes da variação negativa.

O resultado desse mês contribuiu para a manutenção da trajetória declinante do setor industrial, no que se refere ao desempenho para períodos mais abrangentes, registrando o acumulado janeiro/novembro queda de – 5,6% e nos últimos doze meses – 5,2%. Em comparação com as demais indústrias dos Estados que compõem a Re-

gião Sul, a de Santa Catarina registra o menor resultado neste último indicador fazendo com que, pelo segundo mês consecutivo, sua taxa anualizada situe-se num patamar inferior ao da Região, conforme pode ser verificado no Gráfico 2.

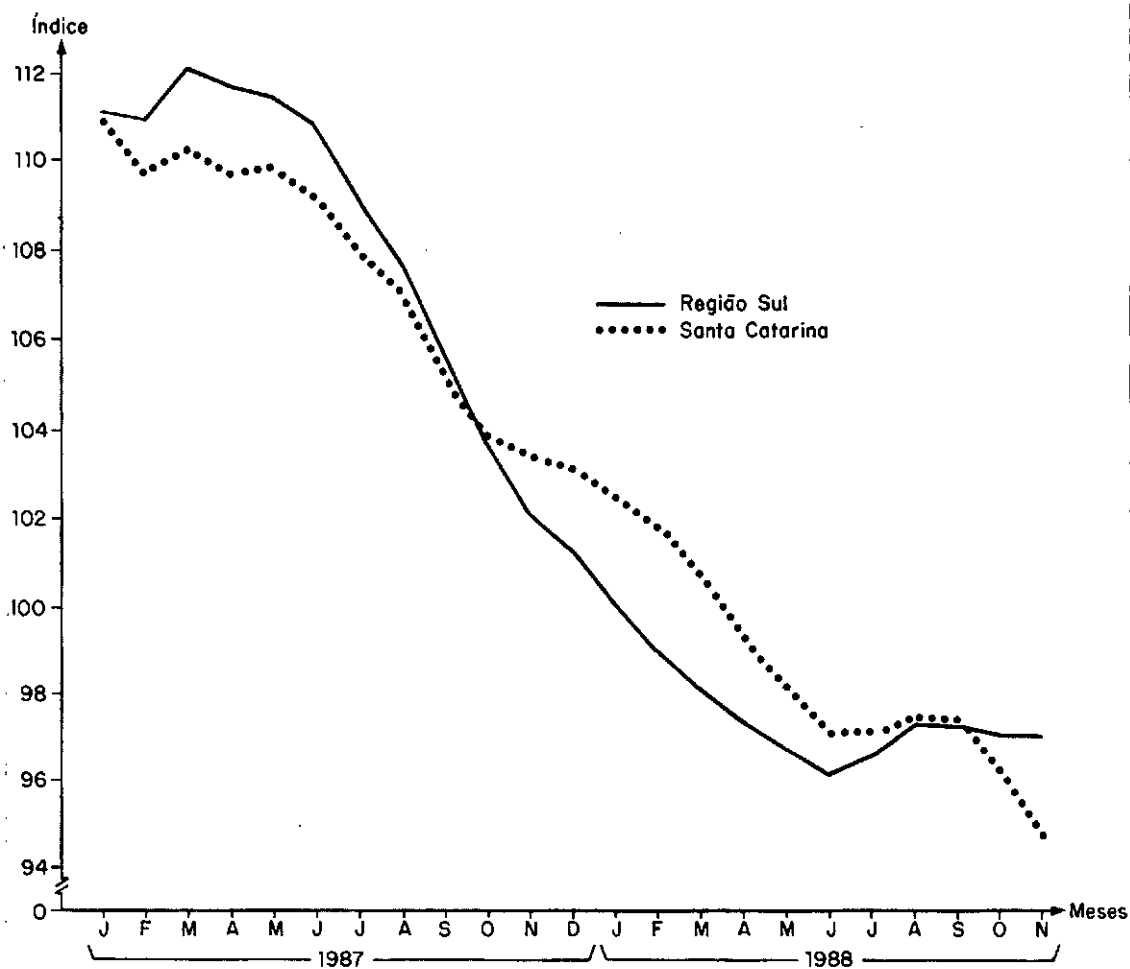
Ainda em relação ao gráfico, pode-se observar que até março-88 o processo de desaquecimento da indústria catarinense ocorreu de maneira menos acentuada do que o da sulista, sendo que a partir de abril-88 este quadro se reverte, tornando-se mais evidente de outubro em diante, quando seu desempenho fica abaixo da média regional (contribuindo para isto, ainda, a performance declinante de alimentares), fato que dificilmente se modificará no fechamento do ano.

Dos setores pesquisados, seis figuram com resultado positivo em base anual, com destaque para o químico (11,2%) e o extrativo mineral (18,3%), cujos principais produtos responsáveis por estas taxas foram: ácido fosfórico, farelo de soja peletizada, no primeiro segmento, e carvão-de-pedra no segundo. Com relação a farelo de soja, a maior disponibilidade de matéria-prima foi fator fundamental e, quanto a carvão-de-pedra, sua taxa está sensivelmente influenciada pelo efeito-base, já que em 1987 o setor carbonífero enfrentou dificuldades (como a redução do preço do produto, entre outras) que culminaram com a paralisação temporária da produção em alguns estabelecimentos industriais.

Por outro lado, os gêneros que mais impactaram de maneira negativa no período foram: alimentares (– 13,2%), influenciado principalmente pela diminuição no fornecimento de matéria-prima para fabricação de açúcar refinado e, mecânica, (– 13,9%) em virtude do declínio na produção de refrigeradores domésticos, como consequência do desaquecimento do mercado interno.

GRÁFICO 2

INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL  
 ÍNDICE ACUMULADO DOS ÚLTIMOS DOZE MESES  
 (Base: doze meses imediatamente anteriores = 100)



### Rio GrandedoSul

A indústria do Rio Grande do Sul volta a apresentar, em novembro, uma retração do nível da produção (-10,0%) bastante acentuada, só superada no ano de 1988 pela forte queda registrada no índice mensal de outubro. Isto provocou uma diminuição de aproximadamente um ponto percentual no indicador acumulado (-2,0% de janeiro/outubro para -2,7% de janeiro/novembro), fazendo antever um resultado aquém do inicialmente estimado, para o final do ano.

Como principais gêneros responsáveis pela taxa mensal, destacam-se química (-38,8%), novamente o maior impacto negativo sobre o resultado global da indústria, cujos produtos envolvidos repetem o quadro de retração do mercado consumidor agrícola verificado em outubro - fertilizantes compostos NPK (-52,0%) e adubos e fertilizantes fosfatados (-50,0%) -

mecânica (-8,5%) e metalúrgica (-11,6%).

Com relação aos segmentos que se expandiram no mês anterior, à exceção da borracha, todos os demais obtiveram pior desempenho em novembro (mecânica, papel e papelão e fumo), onde o primeiro destes - mecânica - passa de uma taxa de 5,6% para -8,5%, explicada em boa medida pelo menor número de encomendas junto às empresas do ramo, de colhedadeiras agrícolas e retificadeiras horizontais.

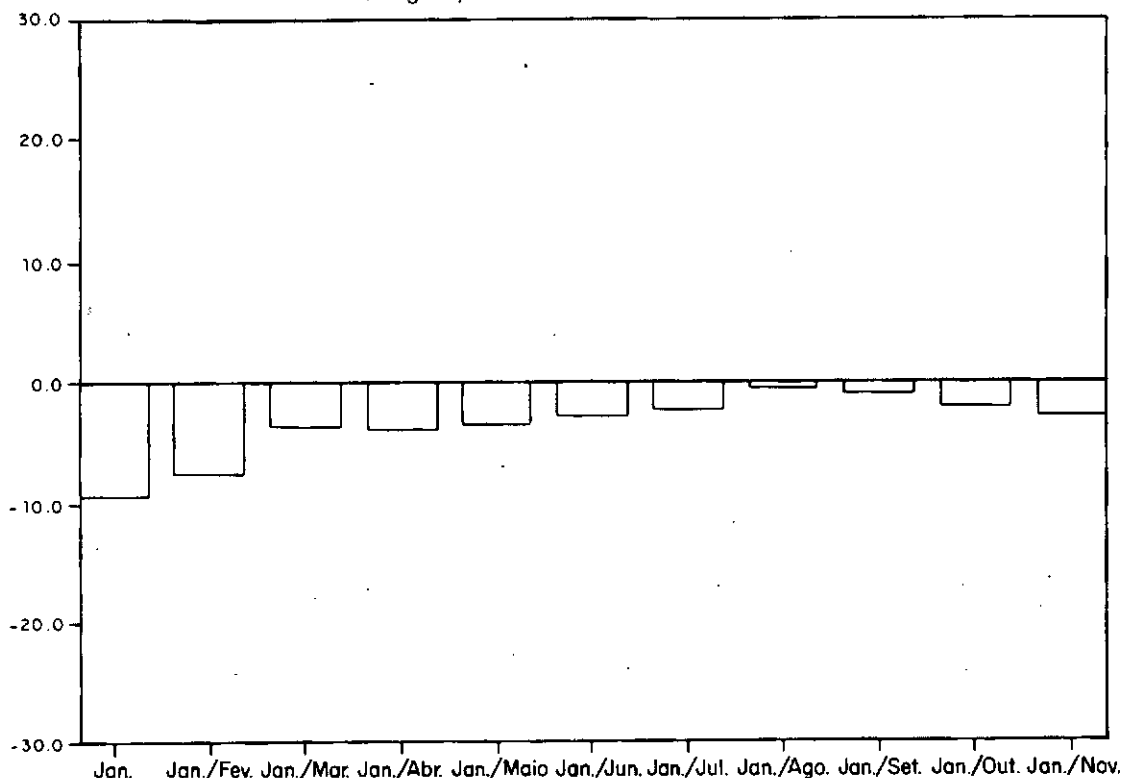
Apesar de se manter o número de gêneros com taxas positivas no indicador acumulado (seis ao todo), nota-se pelo Gráfico 3 que, a partir de outubro, o nível de produção industrial parece estar revertendo sua trajetória ascendente, vigente desde o início do ano.

Se em outubro a retração da produção podia ser, em parte, creditada aos ajustes a nova legislação trabalhista, agora a conti-

GRÁFICO 3

### RIO GRANDE DO SUL - PRODUÇÃO INDUSTRIAL ÍNDICE ACUMULADO NO ANO - 1988 (%)

Base: Igual período do ano anterior = 100





nuidade da dispensa de trabalhadores assume um caráter diferente, na medida em que o ajuste se faz; provavelmente, em cima das grandes empresas.

Isto fica patente pelas estimativas de emprego industrial da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul; enquanto no mês de setembro a queda do emprego na indústria ocorre para todas as classes de empresas (micro, pequenas, médias e grandes), em comparação ao mês anterior, já em outubro, o corte no nível de emprego continua somente para as grandes empresas.

Na prática, este fato pode ser conseqüência das expectativas não muito otimistas da indústria, transparentes nas encomendas para as festas de fim de ano; isto significa que as empresas, provavelmente, continuam em compasso de espera, em face das incertezas ainda presentes em termos de política econômica.

Frente a estes resultados, fica claro que, faltando apenas um mês para o fechamento do ano, dificilmente o parque manufatureiro do Estado conseguirá demonstrar uma performance positiva, haja vista que o gênero química, de forte participação na indústria gaúcha, vem aprofundando seu ritmo de

queda desde agosto, no indicador acumulado. Tal resultado ocorrerá, independentemente da boa evolução dos gêneros produtos alimentares (5,2%), bebidas (11,9%) e fumo (12,7%) no período de janeiro a novembro, em relação a igual período do ano anterior.

---

### DEFINIÇÃO DOS ÍNDICES DIVULGADOS

---

*Índice base fixa:* reflete o desempenho do mês de referência do índice, em relação à produção média mensal do ano-base de comparação (1981).

*Índice acumulado de doze meses:* reflete o desempenho da produção acumulada nos últimos doze meses de referência dos índices, em relação a igual período imediatamente anterior.

*Índice acumulado:* reflete o desempenho da produção acumulada no ano, de janeiro até o mês de referência dos índices, em relação a igual período do ano anterior.

*Índice mensal:* reflete o desempenho da produção no mês de referência dos índices, em relação a igual mês do ano anterior.

1 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS  
DE INDÚSTRIA — 1988

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Setembro	Outubro	Novembro	Setembro	Outubro	Novembro
Indústria geral .....	129,62	123,85	116,68	98,63	92,02	92,94
Extrativa mineral.....	180,68	187,45	181,38	98,27	96,82	94,89
Indústrias de transformação .....	128,07	121,93	114,72	98,65	91,81	92,85
Minerais não-metálicos .....	105,22	100,38	96,56	99,94	91,58	90,45
Metalúrgica .....	126,95	125,89	120,66	99,68	93,29	93,83
Metalúrgica básica .....	136,36	137,44	126,62	106,39	100,54	96,58
Outros produtos metalúrgicos .....	111,91	107,43	111,12	88,78	81,30	89,21
Mecânica .....	115,34	111,17	113,40	93,24	87,90	91,80
Material elétrico e de comunicações .....	136,87	131,42	134,80	98,16	91,58	96,24
Material de transporte.....	119,88	116,77	120,21	107,77	104,62	107,09
Autoveículos.....	127,27	128,95	131,31	102,78	107,08	107,89
Outros produtos de transporte .....	105,31	92,74	98,29	121,87	98,41	105,03
Papel e papelão .....	142,01	142,91	145,83	101,04	98,12	105,27
Borracha .....	144,70	133,86	138,66	106,41	95,24	97,48
Química .....	159,98	146,10	107,82	97,14	91,33	83,96
Petroquímica, refino e destilação do carvão-de-pedra .....	131,22	121,72	88,46	101,61	97,96	78,97
Outros produtos químicos .....	178,87	162,12	120,54	95,32	88,38	86,60
Farmacêutica .....	118,44	120,45	106,11	89,79	97,76	80,76
Perfumaria, sabões e velas .....	136,20	154,96	156,35	78,94	83,16	87,75
Produtos de matérias plásticas .....	132,78	124,05	127,59	98,14	90,51	98,09
Têxtil.....	114,56	110,12	105,03	98,14	90,61	90,56
Vestuário, calçados e artefatos de tecido .....	95,85	90,80	94,63	100,00	89,41	93,08
Produtos alimentares.....	129,16	116,01	112,35	99,95	85,15	92,63
Bebidas.....	130,09	128,27	129,36	105,85	95,71	96,49
Fumo.....	95,51	95,40	77,19	105,76	109,23	90,45

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro
Indústria geral .....	97,76	97,14	96,75	97,16	97,11	96,71
Extrativa mineral.....	101,97	101,42	100,81	102,01	101,67	100,89
Indústrias de transformação .....	97,57	96,94	96,57	96,94	96,91	96,52
Minerais não-metálicos .....	97,84	97,19	96,56	96,89	96,84	96,38
Metalúrgica .....	97,04	96,65	96,40	96,60	96,61	96,31
Metalúrgica básica .....	102,33	102,14	101,63	100,78	101,33	101,05
Outros produtos metalúrgicos .....	88,67	87,92	88,03	89,94	89,07	88,68
Mecânica .....	92,06	91,62	91,65	93,11	92,93	92,29
Material elétrico e de comunicações .....	95,42	95,01	95,13	94,29	94,77	94,79
Material de transporte.....	109,96	109,40	109,19	106,35	108,61	109,10
Autoveículos.....	110,47	110,13	109,92	107,42	109,94	110,15
Outros produtos de transporte .....	108,52	107,40	107,16	103,47	105,03	106,25
Papel e papelão .....	97,11	97,21	97,92	97,16	97,26	97,79
Borracha .....	103,54	102,67	102,17	102,69	102,54	101,76
Química .....	98,90	97,91	96,71	97,80	97,01	96,25
Petroquímica, refino e destilação do carvão-de-pedra .....	102,34	101,88	99,93	100,85	101,08	99,76
Outros produtos químicos .....	96,83	95,77	94,97	96,12	94,79	94,32
Farmacêutica .....	86,83	87,82	87,20	88,65	89,57	88,30
Perfumaria, sabões e velas .....	94,15	92,88	92,37	97,56	95,60	93,08
Produtos de matérias plásticas .....	91,10	91,04	91,66	88,46	89,32	90,34
Têxtil.....	94,64	94,22	93,89	94,34	94,19	93,65
Vestuário, calçados e artefatos de tecido .....	93,49	93,05	93,05	90,73	92,03	92,66
Produtos alimentares.....	100,86	98,92	98,29	101,99	100,36	99,12
Bebidas.....	103,54	102,66	102,04	100,77	101,54	101,72
Fumo.....	101,76	102,23	101,55	100,89	101,74	101,52

2 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, COM AJUSTAMENTO SAZONAL,  
SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA — 1988  
Base fixa mensal

CLASSES E GÊNEROS	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO
Indústria geral.....	118,94	123,38	122,79	123,92	118,61	113,09	111,24
Extrativa mineral.....	176,81	182,99	186,37	188,15	182,75	180,91	180,31
Indústrias de transformação.....	117,19	121,58	120,87	121,98	116,67	111,04	109,16
Minerais não-metálicos.....	100,75	106,10	104,48	103,81	102,05	94,21	93,14
Metalúrgica.....	123,61	125,50	125,67	125,89	122,87	119,96	118,86
Metalúrgica básica.....	125,75	129,73	133,74	135,00	132,39	130,42	127,11
Outros produtos metalúrgicos.....	120,18	118,74	112,77	111,30	107,63	103,22	105,65
Mecânica.....	110,04	106,60	110,72	106,06	105,59	102,66	105,47
Material elétrico e de comunicações.....	123,41	128,00	127,03	141,15	125,24	119,31	122,56
Material de transporte.....	112,47	119,75	123,39	126,49	106,94	112,69	114,38
Autoveículos.....	125,61	131,22	139,95	140,36	112,19	127,14	127,24
Outros produtos de transporte.....	86,55	97,11	90,68	99,10	96,58	84,18	88,97
Papel e papelão.....	136,67	140,00	137,57	146,57	140,31	138,35	144,25
Borracha.....	140,76	146,29	135,39	142,02	137,63	127,79	133,94
Química.....	131,89	136,61	134,59	135,14	131,52	122,43	104,62
Petroquímica, refino e destilação do carvão-de-pedra.....	120,26	123,97	120,80	123,53	122,37	117,70	91,47
Outros produtos químicos.....	139,53	144,90	143,64	142,77	137,53	125,54	113,26
Farmacêutica.....	114,86	118,73	115,66	113,08	112,12	118,03	103,36
Perfumaria, sabões e velas.....	149,01	151,49	145,02	134,71	132,53	138,83	146,53
Produtos de matérias plásticas.....	123,01	132,38	127,66	130,48	123,70	112,58	119,37
Têxtil.....	108,48	112,05	111,75	114,00	108,93	105,27	104,09
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	87,67	93,23	90,50	90,13	87,07	79,75	81,51
Produtos alimentares.....	111,13	120,97	119,63	116,04	113,46	96,47	101,77
Bebidas.....	116,44	128,98	126,41	125,30	124,43	119,23	116,61
Fumo.....	126,43	131,76	114,56	141,62	141,83	146,76	117,14

3 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO CATEGORIAS DE USO — 1988

CATEGORIAS DE USO	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Setembro	Outubro	Novembro	Setembro	Outubro	Novembro
Bens de capital.....	105,98	101,78	106,01	98,47	91,36	96,74
Bens intermediários.....	136,72	131,47	120,19	99,06	92,78	93,29
Bens de consumo.....	129,13	123,30	115,95	99,78	93,83	91,62
Duráveis.....	144,76	141,18	141,23	101,82	97,20	98,42
Não-duráveis.....	125,86	119,56	110,66	99,30	93,03	89,96

CATEGORIAS DE USO	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro
Bens de capital.....	98,77	98,00	97,88	97,41	97,84	97,97
Bens intermediários.....	98,87	98,21	97,77	97,91	97,80	97,51
Bens de consumo.....	97,63	97,22	96,68	97,38	97,53	96,81
Duráveis.....	101,03	100,60	100,38	100,52	101,38	100,68
Não-duráveis.....	96,85	96,43	95,82	96,66	96,66	95,92

**4 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO OS SETORES DA  
MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS – 1988**

(continua)

SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Setembro	Outubro	novembro	Setembro	Outubro	novembro
Extração de minerais metálicos .....	136,38	132,75	135,58	116,52	102,60	104,78
Extração de petróleo e gás natural .....	247,30	253,25	233,81	97,89	96,47	91,75
Extração de carvão mineral .....	81,33	95,32	107,22	78,41	93,07	87,50
Cimento .....	97,00	97,11	85,82	102,91	101,81	91,28
Vidro e artefatos de vidro .....	114,44	125,32	121,36	84,09	85,28	80,93
Artefatos de cimento e concreto .....	98,11	87,74	90,03	87,69	75,05	80,27
Tijolos e artefatos de barro .....	124,47	104,49	102,55	115,91	91,63	94,38
Gusa .....	190,58	197,15	171,88	108,64	109,76	97,09
Aço, ferroliga — em forma primária .....	190,77	192,38	170,57	119,08	112,39	97,76
Laminados de aço .....	127,48	134,17	115,03	102,23	99,73	88,97
Fundidos e forjados de aço .....	126,17	120,93	122,89	118,50	105,22	111,36
Trefilados .....	111,10	110,63	105,33	91,64	85,61	86,12
Motores e bombas .....	122,30	116,14	113,79	90,25	85,93	76,31
Máquinas agrícolas .....	86,81	96,64	96,32	71,78	78,25	73,98
Tratores e máquinas rodoviárias .....	111,45	100,65	106,70	93,09	79,34	90,61
Equipamentos para escritórios e uso domiciliar .....	164,05	142,38	141,67	97,03	85,69	88,07
Equipamentos para energia elétrica .....	129,10	127,09	127,46	90,68	95,78	99,13
Condutores elétricos .....	103,70	102,90	109,06	98,29	96,07	101,26
Material elétrico — exclusive para veículos .....	126,39	121,29	123,53	87,86	81,70	94,09
Material elétrico para veículos .....	104,70	103,61	111,42	85,06	76,08	91,67
Motores e aparelhos elétricos .....	172,98	163,60	164,01	107,47	98,36	100,22
Receptores de televisão, rádio e som .....	158,78	153,80	153,99	95,42	87,28	91,41
Automóveis e camionetas .....	135,86	140,00	140,39	113,41	122,85	117,34
Caminhões e ônibus .....	109,65	111,26	115,16	94,45	93,27	99,78
Motores e autopeças .....	140,14	136,09	139,53	101,34	103,46	103,75
Indústria naval .....	64,80	51,75	57,08	133,68	102,19	120,52
Celulose e pasta mecânica .....	135,53	142,86	143,26	98,16	104,69	107,14
Papel e papelão .....	168,88	170,43	170,32	104,53	99,37	104,77
Artefatos de papel e papelão .....	127,04	124,11	133,72	101,14	92,85	105,61
Pneumáticos .....	140,90	135,08	137,77	107,68	102,53	102,13
Refino de petróleo .....	128,83	117,71	81,00	102,34	98,36	75,02
Petroquímica .....	144,53	145,10	137,06	94,16	95,38	101,34
Resinas, fibras e elastômeros .....	155,81	155,15	143,99	107,16	99,47	93,75
Pigmentos e tintas .....	137,75	139,18	134,44	101,74	96,12	97,42
Adbos e fertilizantes .....	160,58	141,05	94,28	76,84	69,01	67,78
Laminados plásticos .....	144,50	133,55	136,22	102,58	91,67	98,16
Fiação e tecelagem têxteis naturais .....	117,54	112,79	105,27	96,91	90,48	88,05
Fiação e tecelagem têxteis artificiais .....	116,84	111,32	106,36	100,71	90,83	91,36
Calçados .....	111,70	105,92	111,28	103,17	90,76	95,14
Moagem de trigo .....	115,85	106,46	112,44	98,33	86,59	97,85
Abate e preparo de carne .....	83,13	69,34	73,76	98,61	83,17	94,23
Abate e preparo de aves .....	138,68	133,17	136,94	102,67	88,58	95,78
Laticínios .....	100,09	101,89	112,46	98,55	84,26	87,66
Usinas de açúcar .....	184,83	148,74	111,85	103,37	77,34	86,25
Refino de açúcar .....	75,00	89,12	92,62	59,47	63,37	67,79
Refino de óleos e gorduras para alimentos .....	99,69	102,44	102,40	87,99	107,15	103,72
Preparo de alimentos para animais .....	107,09	105,17	106,50	87,81	85,49	97,11
Cervejas, chope e malte .....	135,48	136,32	143,76	102,83	101,22	105,12
Refrigerantes .....	128,69	127,45	138,21	101,89	90,04	91,60

#### 4 - ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO OS SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS - 1988

(conclusão)

SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro
Extração de minerais metálicos .....	109,26	108,54	108,17	107,94	107,84	107,57
Extração de petróleo e gás natural .....	100,05	99,69	98,97	100,57	100,17	99,27
Extração de carvão mineral .....	107,75	106,21	104,12	106,14	107,34	104,06
Cimento .....	102,19	102,15	101,11	99,39	100,41	100,37
Vidro e artefatos de vidro .....	84,44	84,53	84,18	88,78	87,36	85,49
Artefatos de cimento e concreto .....	90,71	89,11	88,31	89,69	89,16	88,29
Tijolos e artefatos de barro .....	107,90	106,20	105,13	107,06	106,00	105,03
Gusa .....	113,07	112,70	111,17	111,64	112,12	110,79
Aço, ferroliga - em forma primária .....	116,32	115,87	114,01	114,53	115,23	113,58
Laminados de aço .....	103,37	102,98	101,65	102,35	102,39	101,14
Fundidos e forjados de aço .....	106,20	106,11	106,56	100,88	103,06	105,12
Trefilados .....	80,88	81,33	81,73	81,65	81,61	81,48
Motores e bombas .....	85,03	85,12	84,26	85,74	85,85	83,90
Máquinas agrícolas .....	77,31	77,40	77,08	79,35	79,59	77,94
Tratores e máquinas rodoviárias .....	98,03	95,94	95,44	98,46	97,83	97,27
Equipamentos para escritórios e uso domiciliar .....	98,06	96,67	95,82	100,21	98,61	98,86
Equipamentos para energia elétrica .....	88,82	89,47	90,27	86,40	87,71	89,01
Condutores elétricos .....	97,06	96,97	97,35	93,67	95,39	96,25
Material elétrico - exclusiva para veículos .....	91,48	90,46	90,76	93,31	92,14	92,07
Material elétrico para veículos .....	100,87	98,19	97,62	96,59	96,21	96,58
Motores e aparelhos elétricos .....	95,57	95,89	96,32	97,42	97,63	96,77
Receptores de televisão, rádio e som .....	95,49	94,50	94,19	95,94	95,07	94,19
Automóveis e camionetas .....	115,46	116,17	116,28	112,29	117,00	116,97
Caminhões e ônibus .....	107,25	105,74	105,18	104,26	104,65	105,10
Motores e autopeças .....	104,89	104,75	104,66	101,80	104,16	104,50
Indústria naval .....	118,94	117,13	117,45	110,05	111,71	115,56
Celulose e pasta mecânica .....	105,14	105,09	105,28	105,39	105,68	105,82
Papel e papelão .....	99,38	99,38	99,86	99,83	99,40	99,63
Artefatos de papel e papelão .....	90,82	91,02	92,29	90,54	90,89	91,85
Pneumáticos .....	103,78	103,85	103,50	103,44	103,73	103,16
Refino de petróleo .....	102,09	101,70	99,42	100,60	100,91	99,30
Petroquímica .....	103,66	102,81	102,69	102,07	101,92	102,27
Resinas, fibras e elastômeros .....	99,71	99,69	99,15	99,08	99,30	98,71
Pigmentos e tintas .....	99,68	99,27	99,09	100,71	100,57	99,39
Adubos e fertilizantes .....	97,87	93,63	91,28	94,44	90,05	89,27
Laminados plásticos .....	97,03	96,47	96,62	93,36	93,66	94,52
Fiação e tecelagem têxteis naturais .....	92,62	92,40	92,00	93,64	93,19	92,14
Fiação e tecelagem têxteis artificiais .....	97,10	96,45	95,99	95,44	95,46	95,23
Calçados .....	98,12	97,32	97,10	94,65	95,97	96,59
Moagem de trigo .....	96,89	95,79	95,98	93,37	93,75	94,66
Abate e preparo de carne .....	116,96	113,74	112,14	120,50	117,39	114,25
Abate e preparo de aves .....	104,44	102,65	101,98	105,96	103,96	102,53
Laticínios .....	102,36	100,36	99,02	104,90	102,73	100,16
Usinas de açúcar .....	97,04	93,41	92,62	99,79	96,76	95,25
Refino de açúcar .....	91,88	88,22	85,96	98,57	93,24	88,05
Refino de óleos e gorduras para alimentos .....	108,47	108,34	107,93	102,83	106,38	107,02
Preparo de alimentos para animais .....	89,45	89,02	89,74	91,15	89,73	89,75
Cerveja, chope e malte .....	107,64	106,92	106,73	106,36	106,45	106,47
Refrigerantes .....	94,41	93,94	93,70	95,01	94,86	94,37

## 5 - ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA - 1988

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Setembro	Outubro	Novembro	Setembro	Outubro	Novembro
<b>PERNAMBUCO</b>						
Indústria geral .....	108,20	124,34	142,96	87,08	79,72	93,37
Indústrias de transformação.....	108,20	124,34	142,96	87,08	79,72	93,37
Minerais não-metálicos.....	94,83	91,73	83,31	94,62	87,54	81,36
Metalúrgica .....	136,29	138,78	133,77	106,08	99,78	109,88
Material elétrico e de comunicações.....	92,88	84,73	114,15	60,31	58,67	130,18
Papel e papelão.....	122,76	118,46	101,03	94,49	95,46	81,59
Química .....	172,29	217,22	270,33	88,08	78,36	97,10
Perfumaria, sabões e velas .....	108,73	116,95	94,84	72,88	81,11	76,41
Produtos de matérias plásticas.....	99,35	81,86	81,74	113,90	94,11	88,28
Têxtil.....	109,74	93,18	89,29	114,23	90,15	91,74
Produtos alimentares .....	74,10	121,20	163,01	66,14	69,39	88,41
Bebidas.....	89,61	107,01	110,01	111,33	94,92	95,65
Fumo.....	143,52	130,97	125,80	99,75	103,49	85,00

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro

<b>PERNAMBUCO</b>						
Indústria geral.....	85,84	85,07	85,98	90,15	87,74	86,96
Indústrias de transformação.....	85,84	85,07	85,98	90,15	87,74	86,96
Minerais não-metálicos.....	95,06	94,28	93,09	93,21	93,50	93,57
Metalúrgica .....	83,23	84,82	86,76	79,91	81,71	84,84
Material elétrico e de comunicações.....	74,38	72,80	76,10	76,74	73,21	76,88
Papel e papelão.....	85,20	86,19	85,79	85,49	86,05	85,87
Química .....	85,17	84,22	85,81	92,71	88,55	87,30
Perfumaria, sabões e velas .....	83,39	83,12	82,50	89,62	86,64	83,47
Produtos de matérias plásticas.....	100,44	99,88	98,89	88,80	92,58	94,35
Têxtil.....	92,41	92,17	92,13	91,06	91,10	90,85
Produtos alimentares .....	79,55	77,88	79,44	94,11	87,56	83,45
Bebidas.....	93,95	94,07	94,24	94,96	95,60	95,19
Fumo.....	100,07	100,41	98,79	103,41	102,28	99,40

5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA — 1988

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Setembro	Outubro	Novembro	Setembro	Outubro	Novembro
<b>BAHIA</b>						
Indústria geral .....	98,83	114,06	99,11	84,85	92,81	82,11
Extrativa mineral .....	106,42	109,52	98,47	103,00	106,11	94,92
Indústrias de transformação.....	97,54	114,83	99,22	82,18	90,97	80,29
Minerais não-metálicos.....	92,08	84,44	76,23	111,69	93,66	91,14
Metalúrgica .....	109,94	97,43	79,94	93,21	83,03	72,70
Material elétrico e de comunicações.....	158,70	150,77	154,87	75,13	74,07	81,82
Borracha .....	160,53	140,36	166,77	165,60	112,52	118,87
Química .....	91,60	123,75	101,56	72,70	97,16	82,61
Perfumaria, sabões e velas .....	141,83	100,17	113,38	96,43	71,44	82,65
Produtos alimentares .....	102,85	78,22	88,14	139,32	62,09	62,61
Bebidas.....	142,59	146,09	150,38	99,48	94,35	99,87

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro
<b>BAHIA</b>						
Indústria geral .....	97,90	97,38	96,00	96,67	97,21	95,95
Extrativa mineral .....	100,40	100,94	100,42	98,61	99,91	99,92
Indústrias de transformação.....	97,52	96,85	95,34	96,38	96,81	95,36
Minerais não-metálicos.....	86,75	87,38	87,68	81,05	83,14	84,93
Metalúrgica .....	91,98	91,05	89,43	87,78	88,85	88,12
Material elétrico e de comunicações.....	93,64	91,43	90,51	94,35	92,00	89,86
Borracha .....	122,71	121,80	121,53	116,69	119,86	119,80
Química .....	97,50	97,47	96,17	97,06	97,79	96,49
Perfumaria, sabões e velas .....	99,42	96,60	95,35	99,42	97,49	95,91
Produtos alimentares .....	106,45	100,91	96,22	105,00	102,47	97,06
Bebidas.....	100,79	100,08	100,06	98,28	98,87	99,73

## 5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1988

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Setembro	Outubro	Novembro	Setembro	Outubro	Novembro
<b>REGIÃO NORDESTE</b>						
Indústria geral.....	108,65	127,57	126,40	87,52	87,95	88,20
Extrativa mineral.....	143,06	151,24	137,14	99,87	103,18	95,60
Indústrias de transformação.....	103,89	124,29	124,91	85,50	85,61	87,18
Minerais não-metálicos.....	100,27	96,37	87,17	102,29	97,00	88,63
Metalúrgica.....	137,24	134,20	123,25	90,75	86,17	90,94
Material elétrico e de comunicações.....	102,73	97,93	111,18	61,10	62,16	99,79
Papel e Papelão.....	120,51	119,16	111,71	93,13	91,10	89,26
Borracha.....	122,06	108,58	124,61	122,73	96,44	105,97
Química.....	96,53	141,02	130,10	72,77	88,88	81,88
Perfumaria, sabões e velas.....	110,89	106,33	107,22	80,45	79,65	83,23
Produtos de matérias plásticas.....	106,91	90,68	95,77	103,98	85,70	89,80
Têxtil.....	130,08	128,73	125,20	116,74	109,10	110,28
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	121,14	118,85	121,84	92,27	81,14	87,15
Produtos alimentares.....	79,51	117,09	144,78	75,67	69,98	81,47
Bebidas.....	105,86	115,38	119,86	106,33	93,35	98,63
Fumo.....	133,69	122,34	115,24	98,40	101,01	83,96

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ agosto	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Até agosto	Até setembro	Até outubro
<b>REGIÃO NORDESTE</b>						
Indústria geral.....	93,19	92,56	92,10	95,40	94,26	92,75
Extrativa mineral.....	102,60	102,66	102,02	101,85	102,16	101,81
Indústrias de transformação.....	91,57	90,87	90,46	94,34	92,97	91,27
Minerais não-metálicos.....	97,61	97,55	96,72	95,05	96,27	96,25
Metalúrgica.....	87,25	87,14	87,46	86,36	86,28	86,79
Material elétrico e de comunicações.....	78,86	77,17	78,68	79,71	76,74	78,53
Papel e papelão.....	91,35	91,32	91,14	93,13	92,08	91,49
Borracha.....	106,54	105,59	105,62	103,52	105,18	105,02
Química.....	90,80	90,56	89,62	94,64	93,42	90,95
Perfumaria, sabões e velas.....	96,06	94,27	93,22	99,74	97,06	94,14
Produtos de matérias plásticas.....	94,91	94,04	93,67	89,22	90,36	91,06
Têxtil.....	103,87	104,50	105,11	101,14	102,44	103,38
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	96,21	94,43	93,69	95,89	94,66	93,26
Produtos alimentares.....	83,82	81,60	81,58	95,51	90,08	85,31
Bebidas.....	96,21	95,88	95,16	95,28	95,93	96,44
Fumo.....	94,80	95,41	94,26	96,76	96,65	94,65



### 5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1988

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Setembro	Outubro	Novembro	Setembro	Outubro	Novembro
<b>MINAS GERAIS</b>						
Indústria geral.....	139,58	129,93	126,68	103,33	95,66	98,16
Extrativa mineral.....	122,84	118,62	120,51	117,22	103,09	102,89
Indústrias de transformação.....	140,98	130,87	127,20	102,45	95,14	97,80
Minerais não-metálicos.....	107,05	105,43	97,69	104,50	99,74	91,99
Metalúrgica.....	140,21	145,96	141,53	113,96	111,15	105,26
Material elétrico e de comunicações.....	142,41	146,60	183,43	100,86	107,79	129,74
Material de transporte.....	175,97	143,41	161,07	93,76	77,16	99,32
Papel e papelão.....	120,48	118,89	168,41	70,60	71,85	100,85
Química.....	206,56	175,06	152,16	102,38	95,42	101,26
Produtos de matérias plásticas.....	121,32	116,45	111,82	77,64	78,50	73,04
Têxtil.....	125,63	122,13	120,27	99,96	94,56	93,06
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	97,77	92,86	90,13	107,42	88,91	86,23
Produtos alimentares.....	123,82	87,49	72,82	92,86	72,49	75,50
Bebidas.....	146,69	144,25	145,44	96,71	82,83	85,84
Fumo.....	189,44	161,11	135,48	107,75	94,04	82,45

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ agosto	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Até agosto	Até setembro	Até outubro

<b>MINAS GERAIS</b>						
Indústria geral.....	104,22	103,29	102,82	103,41	103,41	102,97
Extrativa mineral.....	110,25	109,49	108,84	108,73	109,17	108,55
Indústrias de transformação.....	103,79	102,85	102,39	103,03	103,01	102,57
Minerais não-metálicos.....	97,67	97,88	97,34	96,72	97,64	97,38
Metalúrgica.....	112,77	112,60	111,88	109,89	111,21	111,10
Material elétrico e de comunicações.....	107,11	107,18	109,37	103,10	106,22	109,12
Material de transporte.....	98,41	95,97	96,28	105,70	101,48	98,86
Papel e papelão.....	106,54	102,84	102,64	105,51	103,39	103,43
Química.....	96,81	96,66	97,04	95,09	95,48	96,81
Produtos de matérias plásticas.....	71,29	71,96	72,05	75,36	74,87	72,75
Têxtil.....	96,18	96,01	95,73	97,32	97,03	95,85
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	90,72	90,51	90,08	88,73	89,83	89,83
Produtos alimentares.....	107,62	103,66	101,33	106,93	104,81	102,48
Bebidas.....	99,95	97,80	96,50	100,29	98,37	96,42
Fumo.....	101,46	100,66	98,95	101,77	101,31	100,08

## 5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA — 1988

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Setembro	Outubro	Novembro	Setembro	Outubro	Novembro
<b>RIO DE JANEIRO</b>						
Indústria geral.....	122,64	117,25	104,28	103,72	98,35	90,46
Extrativa mineral.....	486,65	500,40	471,48	91,76	89,07	87,98
Indústrias de transformação.....	115,50	109,73	97,08	104,85	99,27	90,70
Minerais não-metálicos.....	92,57	91,79	82,46	105,07	97,70	91,45
Metalúrgica.....	140,58	145,85	97,27	99,19	96,88	66,09
Material elétrico e de comunicações.....	169,94	172,45	176,64	154,66	157,34	157,53
Material de transporte.....	59,49	48,96	51,58	149,77	103,78	122,33
Papel e papelão.....	87,37	84,85	76,97	93,34	89,26	88,48
Química.....	134,11	120,38	91,92	108,16	104,18	77,62
Farmacêutica.....	106,56	112,46	125,58	83,16	96,83	113,11
Perfumaria, sabões e velas.....	116,64	119,91	140,72	92,39	84,28	89,86
Produtos de matérias plásticas.....	142,45	134,08	138,80	95,89	89,73	94,35
Têxtil.....	91,99	77,50	72,09	80,92	68,81	71,18
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	84,86	78,90	84,91	99,74	87,49	95,26
Produtos alimentares.....	129,66	112,04	106,02	101,56	93,61	107,23
Bebidas.....	114,77	115,77	128,17	111,90	113,77	107,36
Fumo.....	124,62	115,06	105,23	89,21	92,02	82,84

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro

<b>RIO DE JANEIRO</b>						
Indústria geral.....	101,00	100,73	99,79	99,21	99,84	99,47
Extrativa mineral.....	97,04	96,21	95,46	98,62	97,40	96,20
Indústrias de transformação.....	101,39	101,17	100,22	99,27	100,08	99,79
Minerais não-metálicos.....	94,36	94,69	94,41	92,12	93,18	93,75
Metalúrgica.....	105,45	104,52	100,84	104,18	104,30	101,19
Material elétrico e de comunicações.....	152,41	152,97	153,45	146,68	149,63	151,39
Material de transporte.....	136,06	132,08	131,11	122,92	124,59	128,31
Papel e papelão.....	84,86	85,28	85,54	83,49	84,08	84,66
Química.....	103,00	103,12	100,79	99,89	101,42	100,15
Farmacêutica.....	88,05	88,84	90,77	91,33	91,22	92,26
Perfumaria, sabões e velas.....	92,06	91,22	91,08	95,95	95,64	92,47
Produtos de matérias plásticas.....	93,17	92,82	92,96	89,60	90,50	91,35
Têxtil.....	77,53	76,63	76,17	79,99	78,08	76,48
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	93,38	92,71	92,97	90,02	90,99	92,41
Produtos alimentares.....	90,06	90,42	91,73	89,51	89,60	91,11
Bebidas.....	101,46	102,63	103,10	97,39	100,63	102,26
Fumo.....	90,42	90,58	89,88	87,66	89,58	89,68

### 5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1988

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Setembro	Outubro	Novembro	Setembro	Outubro	Novembro
<b>SÃO PAULO</b>						
Indústria geral.....	128,14	119,65	110,33	100,07	93,12	93,61
Indústrias de transformação.....	128,12	119,65	110,33	100,07	93,12	93,61
Minerais não-metálicos.....	107,92	107,48	106,46	98,94	93,39	94,03
Metalúrgica.....	118,10	114,51	114,01	103,31	96,98	100,38
Mecânica.....	97,86	91,10	93,28	88,76	81,67	87,25
Material elétrico e de comunicações.....	107,20	103,50	104,37	96,63	91,70	91,55
Material de transporte.....	127,80	130,31	131,93	106,89	110,79	108,00
Papel e papelão.....	150,66	148,94	157,52	105,09	98,66	110,32
Borracha.....	146,86	136,14	142,63	106,08	96,86	99,95
Química.....	172,24	149,37	102,87	101,37	90,56	82,87
Farmacêutica.....	129,64	128,15	104,29	89,80	93,96	71,07
Perfumaria, sabões e velas.....	132,32	159,72	158,67	74,58	83,09	87,18
Produtos de matérias plásticas.....	133,59	126,25	29,25	101,66	94,18	101,30
Têxtil.....	110,75	108,35	101,18	97,43	90,05	89,20
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	87,65	86,33	89,30	103,44	96,18	96,36
Produtos alimentares.....	158,96	126,62	107,64	106,87	90,45	96,74
Bebidas.....	155,44	140,93	131,14	107,19	93,87	94,66
Fumo.....	77,33	66,08	63,33	107,23	98,45	96,28

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro
<b>SÃO PAULO</b>						
Indústria geral.....	97,26	96,81	96,52	96,35	96,64	96,38
Indústrias de transformação.....	97,26	96,81	96,52	96,35	96,64	96,38
Minerais não-metálicos.....	97,67	97,23	96,93	97,54	97,33	96,76
Metalúrgica.....	94,69	94,92	95,40	93,82	94,52	94,83
Mecânica.....	90,94	89,97	89,72	92,59	91,58	90,45
Material elétrico e de comunicações.....	92,23	92,18	92,12	90,81	91,95	91,65
Material de transporte.....	111,11	111,08	110,79	106,58	109,95	110,59
Papel e papelão.....	97,17	97,33	98,46	96,67	96,90	97,92
Borracha.....	103,15	102,50	102,26	102,38	102,38	101,72
Química.....	99,75	98,63	97,29	99,02	97,91	97,11
Farmacêutica.....	85,17	85,98	84,64	87,73	88,15	85,92
Perfumaria, sabões e velas.....	93,43	92,21	91,70	98,28	95,67	92,76
Produtos de matérias plásticas.....	90,94	91,27	92,15	88,05	89,35	90,82
Têxtil.....	93,71	93,33	92,96	92,85	92,91	92,58
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	92,21	92,63	93,00	87,66	90,66	92,10
Produtos alimentares.....	102,57	101,05	100,66	101,80	101,37	101,12
Bebidas.....	103,89	102,66	101,85	102,95	102,84	102,06
Fumo.....	103,42	102,91	102,31	99,42	100,68	101,78

5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS  
DE INDÚSTRIA — 1988

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Setembro	Outubro	Novembro	Setembro	Outubro	Novembro
<b>PARANÁ</b>						
Indústria geral.....	118,03	112,14	97,12	96,08	100,94	106,18
Indústrias de transformação.....	118,03	112,14	97,12	96,08	100,94	106,18
Minerais não-metálicos.....	91,30	88,48	93,48	87,32	84,74	91,33
Mecânica.....	139,95	131,23	134,97	83,04	87,07	79,82
Papel e papelão.....	146,81	154,77	154,19	98,70	97,22	100,62
Química.....	115,87	113,13	74,82	99,23	121,77	147,64
Perfumaria, sabões e velas.....	112,01	114,28	126,77	115,94	96,37	130,09
Produtos de matérias plásticas.....	105,44	107,93	106,55	108,70	114,15	108,93
Têxtil.....	63,81	63,29	62,95	92,35	89,66	99,32
Produtos alimentares.....	129,48	109,57	102,47	97,14	90,90	98,07
Bebidas.....	139,98	137,24	144,45	104,65	93,77	100,44
Fumo.....	199,48	226,70	215,97	110,11	115,56	121,03

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro
<b>PARANÁ</b>						
Indústria geral.....	103,37	103,13	103,36	100,29	101,13	102,32
Indústrias de transformação.....	103,37	103,13	103,36	100,29	101,13	102,32
Minerais não-metálicos.....	98,64	97,15	96,60	98,99	97,25	96,32
Mecânica.....	100,86	99,40	97,31	104,19	102,65	98,52
Papel e papelão.....	98,86	98,68	98,86	100,30	99,72	99,12
Química.....	100,70	102,63	104,77	94,28	97,91	102,13
Perfumaria, sabões e velas.....	120,08	117,51	118,54	105,88	110,12	116,88
Produtos de matérias plásticas.....	104,35	105,28	105,61	98,24	101,90	103,67
Têxtil.....	105,84	105,06	104,82	105,29	104,36	104,21
Produtos alimentares.....	111,87	109,60	108,61	106,25	106,37	107,68
Bebidas.....	99,64	98,98	99,13	97,66	97,62	98,76
Fumo.....	94,96	96,54	98,14	97,80	97,96	98,61

### 5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1988

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Setembro	Outubro	Novembro	Setembro	Outubro	Novembro
<b>SANTA CATARINA</b>						
Indústria geral.....	130,49	118,52	116,37	95,67	83,43	85,78
Extrativa mineral.....	116,46	113,19	110,29	108,17	97,54	99,62
Indústrias de transformação.....	131,02	118,72	116,60	95,30	83,00	85,36
Minerais não-metálicos.....	147,03	92,83	92,76	108,12	65,10	66,76
Metalúrgica.....	144,01	138,28	140,37	96,13	86,72	91,22
Mecânica.....	167,65	147,89	143,89	93,21	76,47	80,35
Material elétrico e de comunicações.....	333,79	263,25	295,96	105,14	69,78	86,01
Papel e papelão.....	145,61	137,32	138,06	100,48	91,39	95,95
Química.....	147,28	141,87	130,69	118,09	132,46	96,51
Produtos de matérias plásticas.....	115,59	104,44	111,11	92,21	80,17	93,08
Têxtil.....	108,34	101,82	96,28	99,83	89,46	92,81
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	109,80	99,29	100,53	96,15	93,90	96,83
Produtos alimentares.....	114,75	111,88	114,41	74,58	69,28	75,24
Bebidas.....	75,93	78,95	89,58	95,64	96,05	96,99
Fumo.....	0,00	101,28	0,13	121,14	121,85	107,85

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro
<b>SANTA CATARINA</b>						
Indústria geral.....	96,74	95,32	94,44	97,40	96,19	94,83
Extrativa mineral.....	124,81	121,38	119,04	118,03	118,52	118,33
Indústrias de transformação.....	96,04	94,65	93,79	96,85	95,59	94,20
Minerais não-metálicos.....	106,94	102,40	99,00	107,85	104,02	100,23
Metalúrgica.....	93,67	92,97	92,82	93,04	93,10	92,75
Mecânica.....	86,89	85,73	85,22	89,46	87,54	86,15
Material elétrico e de comunicações.....	107,18	102,24	100,50	111,20	105,82	102,34
Papel e papelão.....	95,17	94,78	94,89	96,89	96,07	95,50
Química.....	114,37	115,98	114,01	110,21	114,33	111,19
Produtos de matérias plásticas.....	91,56	90,38	90,62	90,10	90,08	90,45
Têxtil.....	97,95	97,03	96,65	96,02	96,01	96,30
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	93,99	93,98	94,25	94,80	94,50	94,60
Produtos alimentares.....	88,92	86,65	85,53	93,33	89,74	86,77
Bebidas.....	101,34	100,89	100,54	96,07	99,71	100,95
Fumo.....	101,97	109,32	109,32	101,96	109,28	109,27

**5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS  
DE INDÚSTRIA — 1988**

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Setembro	Outubro	Novembro	Setembro	Outubro	Novembro
<b>RIO GRANDE DO SUL</b>						
Indústria geral .....	123,21	113,13	106,33	96,94	86,96	90,03
Extrativa mineral .....	87,50	119,56	123,23	68,04	95,89	77,19
Indústrias de transformação .....	123,43	113,09	106,23	96,81	86,90	90,13
Minerais não-metálicos .....	111,07	106,80	87,24	99,45	95,52	85,38
Metalúrgica .....	134,01	123,32	117,53	95,40	83,71	88,45
Mecânica .....	194,53	195,87	175,68	106,29	105,58	91,52
Material elétrico e de comunicações .....	113,60	105,64	114,90	83,34	85,79	90,08
Material de transporte .....	117,10	101,97	121,45	101,86	95,16	115,93
Papel e papelão .....	143,40	155,72	148,51	99,90	112,11	102,07
Borracha .....	125,58	111,72	114,77	111,49	100,88	107,15
Química .....	134,34	107,34	62,37	82,87	69,47	81,16
Perfumaria, sabões e velas .....	106,00	108,24	102,81	75,24	78,40	110,40
Vestuário, calçados e artefatos de tecido .....	101,01	93,83	102,32	95,54	84,02	94,00
Produtos alimentares .....	100,01	85,94	97,85	104,02	79,26	99,44
Bebidas .....	113,36	120,09	123,95	106,12	96,68	95,11
Fumo .....	45,32	41,71	33,58	131,27	119,40	101,18

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro
<b>RIO GRANDE DO SUL</b>						
Indústria geral .....	99,27	98,00	97,31	96,91	96,84	97,11
Extrativa mineral .....	109,25	107,83	104,17	107,44	109,21	103,90
Indústrias de transformação .....	99,21	97,94	97,27	96,85	96,77	97,07
Minerais não-metálicos .....	97,95	97,67	96,49	98,37	98,75	97,14
Metalúrgica .....	92,35	91,44	91,19	93,14	92,16	91,90
Mecânica .....	94,76	95,89	95,46	91,78	94,93	95,00
Material elétrico e de comunicações .....	88,45	88,20	88,37	91,72	91,05	89,88
Material de transporte .....	101,18	100,62	101,90	95,30	97,22	100,56
Papel e papelão .....	96,01	97,62	98,04	94,86	96,91	97,73
Borracha .....	105,75	105,24	105,41	98,01	100,66	103,56
Química .....	96,39	93,06	90,65	94,53	90,51	90,10
Perfumaria, sabões e velas .....	91,19	89,93	91,21	89,80	89,13	92,07
Vestuário, calçados e artefatos de tecido .....	96,78	95,38	95,25	92,33	93,36	94,49
Produtos alimentares .....	108,91	105,72	105,16	107,55	105,61	105,67
Bebidas .....	115,81	113,75	111,86	107,28	109,36	110,42
Fumo .....	112,75	112,88	112,67	111,48	111,87	112,04

### 5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1988

(conclusão)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Setembro	Outubro	Novembro	Setembro	Outubro	Novembro
<b>REGIÃO SUL</b>						
Indústria geral.....	126,07	117,09	111,33	95,79	88,94	92,75
Extrativa mineral.....	87,38	100,18	111,95	80,30	93,51	88,40
Indústrias de transformação.....	126,64	117,34	111,32	95,98	88,89	92,92
Minerais não-metálicos.....	118,13	97,14	96,10	95,28	77,61	77,96
Metalúrgica.....	138,06	131,52	130,52	92,66	86,23	91,49
Mecânica.....	170,85	164,05	159,78	104,76	98,52	93,01
Material elétrico e de comunicações.....	196,59	186,50	195,99	100,81	93,05	101,26
Papel e papelão.....	150,80	153,08	151,34	102,25	99,24	100,55
Química.....	115,67	103,16	66,31	87,99	88,71	88,30
Perfumaria, sabões e velas.....	106,96	112,26	104,37	86,26	89,38	115,59
Produtos de matérias plásticas.....	126,07	114,49	123,10	94,21	86,46	100,93
Têxtil.....	134,45	124,51	123,33	97,79	87,96	92,56
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	109,01	100,74	108,39	100,23	88,49	97,86
Produtos alimentares.....	112,86	99,35	102,11	92,10	80,14	91,55
Bebidas.....	117,56	123,59	127,16	104,12	95,98	93,37
Fumo.....	39,10	61,47	33,72	123,30	186,08	109,09

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro
<b>REGIÃO SUL</b>						
Indústria geral.....	98,46	97,47	97,06	97,23	96,99	96,96
Extrativa mineral.....	108,86	107,24	105,15	106,79	107,95	104,78
Indústrias de transformação.....	98,34	97,35	96,96	97,11	96,85	96,86
Minerais não-metálicos.....	100,74	98,22	96,26	100,96	98,87	96,57
Metalúrgica.....	92,81	92,14	92,09	92,87	92,57	92,40
Mecânica.....	90,95	91,73	91,86	91,06	92,60	92,30
Material elétrico e de comunicações.....	99,26	98,57	98,83	100,37	99,72	99,36
Papel e papelão.....	98,73	98,78	98,94	99,52	99,42	99,15
Química.....	99,42	98,23	97,57	96,09	95,27	96,37
Perfumaria, sabões e velas.....	98,36	97,46	98,68	94,21	95,23	98,66
Produtos de matérias plásticas.....	95,89	94,91	95,44	92,95	93,51	94,46
Têxtil.....	97,55	96,55	96,19	97,31	96,70	96,27
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	96,94	96,03	96,21	93,87	94,64	95,70
Produtos alimentares.....	103,58	100,99	100,14	102,66	100,90	100,46
Bebidas.....	110,46	108,91	107,33	101,93	104,15	105,91
Fumo.....	105,86	107,44	107,47	105,43	106,96	107,13

# SISTEMA NACIONAL DE PESQUISA DE CUSTOS E ÍNDICES DA CONSTRUÇÃO CIVIL

## RESULTADOS PARA O BRASIL E PARA AS REGIÕES

O SINAPI – Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil – apresentou, no mês de novembro, o custo de Cz\$ 102.656,93 por metro quadrado, para o Brasil, o que significou uma variação mensal de 30,81%, superando a taxa de outubro próximo passado, até então a mais alta em 1988. A variação acumulada no ano atingiu 758,09% e nos últimos doze meses foi igual a 875,15%.

A Região Norte apresentou o maior custo (Cz\$ 118.255,92), em novembro,

e a Região Centro-Oeste, o menor custo (Cz\$ 91.445,88). A variação mensal mais elevada foi registrada na Região Nordeste, com uma taxa de 32,30% e a mais baixa na Região Centro-Oeste com 29,26%. Na Região Nordeste também foi observada a mais alta variação no ano (766,83%) e na Região Norte a mais baixa (714,43%). Nos últimos doze meses, a maior variação foi registrada na Região Sudeste, igual a 886,94% e a menor na Região Norte, equivalendo a 805,52%.

A participação dos materiais na composição do custo médio, para o Brasil, foi de Cz\$ 80.617,39, variando no mês 30,87%, e a parcela relativa à mão-de-obra corres-

## PARTICIPAÇÃO DOS INSUMOS NO CUSTO Novembro de 1988

GRANDES REGIÕES	MATERIAIS		MÃO-DE-OBRA	
	Em Cz\$/m <sup>2</sup>	Variação mensal (%)	Em Cz\$/m <sup>2</sup>	Variação mensal (%)
Norte .....	96 160,06	31,09	22 095,86	37,81
Nordeste.....	76 970,40	32,31	16 780,11	32,29
Sudeste.....	81 479,24	30,67	23 911,14	29,62
Sul.....	81 100,71	31,58	23 011,42	30,42
Centro-Oeste.....	72 679,65	28,73	14 766,23	31,35



pondeu a Cz\$ 22.039,54, com uma variação mensal de 30,58%.

Na Região Nordeste, a parcela correspondente à participação dos materiais de construção acusou a variação mensal mais acentuada (32,31%), cabendo a menor taxa à Região Centro-Oeste (28,73%). Em relação à parcela de mão-de-obra, a maior variação foi registrada na Região Norte (37,81%), e a menor na Região Sudeste (29,62%).

---

### RESULTADOS PARA AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO

---

No mês de novembro, para as Unidades da Federação, os resultados indicaram, por região, os seguintes destaques nas taxas de variação: Na Região Norte, o Pará apresentou a maior variação mensal (37,13%). No ano e nos últimos doze meses, as maiores taxas foram registradas no Amapá, respectivamente iguais a 795,82% e 886,44%. As menores variações, mensal, no ano e em doze meses, ocorreram em Roraima (27,85%, 610,72% e 706,86%). Na Região Nordeste, a maior variação mensal foi registrada na Paraíba (40,70%) e a menor em Alagoas (25,81%). No ano e nos últimos doze meses as maiores altas aconteceram em Sergipe, respectivamente iguais a 816,45% e 980,23%. Nestes mesmos períodos, as menores variações ocorreram no Piauí (692,08% e 836,37%). Na Região Sudeste, Minas Gerais registrou a maior variação mensal (34,65%) e o Rio de Janeiro acusou as maiores taxas no ano e em doze meses (835,41% e 968,13%). Em São Paulo ocorreu a menor variação mensal (29,37%); em Minas Gerais a menor variação no ano (702,46%) e no Espírito Santo a mais baixa em doze meses (815,21%). Na Região Sul, foram registradas as maiores taxas no mês, no ano e em doze meses, em Santa Catarina, sendo iguais, respectivamente, a 33,13%, 759,91% e 902,90%. As menores variações, mensal e no ano, ocorreram no Rio Grande do Sul (30,08% e 731,49%). Em doze meses foi assinalada no Paraná (844,06%). Finalmente, na Região

Centro-Oeste as variações mais acentuadas aconteceram no Distrito Federal, sendo 29,92% no mês, 774,64% no ano e 907,26% em doze meses. As menores variações foram anotadas no Mato Grosso do Sul, quais sejam 25,59% no mês, 635,80% no ano e 746,61% em doze meses.

---

### RESULTADOS DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS DA CONSTRUÇÃO CIVIL PARA O BRASIL E MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS

---

A categoria sócio-profissional ladrilheiro foi a que, em âmbito nacional, registrou o maior aumento, em novembro (32,90%), elevando o salário-hora para Cz\$ 313,01. A menor variação mensal foi registrada para a categoria pintor, sendo 26,26%, ficando o salário-hora igual a Cz\$ 298,03.

Em São Luís e João Pessoa foram registradas as variações salariais mais elevadas, devido ser novembro a data-base. Em São Luís, os aumentos situaram-se entre 49,45% (servente) e 81,03% (eletricista). Em João Pessoa, variaram entre 69,09% (eletricista) e 84,15% (mestre-de-obras).

Com relação aos salários-hora reais, observa-se, para a categoria mestre-de-obras, valores maiores que o do mês anterior; nos Municípios de Porto Velho, Boa Vista, Belém, São Luís, Natal, João Pessoa, Maceió, Aracaju, Belo Horizonte, Vitória, São Paulo, Curitiba e Brasília.

Para a categoria pedreiro, os Municípios que apresentaram variações mensais positivas foram: Porto Velho, Rio Branco, Manaus, Belém, São Luís, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Aracaju, Salvador, Belo Horizonte, Vitória, Rio de Janeiro, Curitiba, Goiânia e Brasília.

Finalmente, para a categoria servente, os Municípios de Porto Velho, Belém, São Luís, Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Maceió, Aracaju, Salvador, Belo Horizonte, Vitória, Rio de Janeiro, Curitiba, Cuiabá, Goiânia e Brasília registraram salários-hora maiores que os do mês anterior.

## NOTAS EXPLICATIVAS

1 — A manutenção da base teórica do SINAPI é hoje uma competência conjunta do IBGE e CEF — Caixa Econômica Federal.

2 — As séries mensais de salários médios são produzidas a partir dos salários coletados nas empresas construtoras, considerando-se:

a) o salário-hora bruto, ou seja, não é subtraído qualquer desconto de responsabilidade do empregado;

b) o valor contratado com o empregado, ou seja, não é incluído qualquer encargo social de responsabilidade do empregador; e

c) o valor referente à jornada normal de trabalho, ou seja, não são consideradas as horas extras.

3 — O SINAPI considera quatro padrões de acabamento: alto, normal, baixo e mínimo. São apresentados os custos dos projetos residenciais nos padrões normal e mínimo.

Na nomenclatura dos projetos, Rp e Cp significam, respectivamente, projeto residencial e projeto comercial com p pavimentos; nQ indica o nº de quartos da unidade residencial. Para os projetos comerciais, LA significa lojas e salas autônomas, e LC, lojas e andar corrido, P significa que o primeiro pavimento é em pilotis, e T que o primeiro pavimento é térreo. Por último, é indicada a área total da construção do projeto.

O custo médio de cada Área Geográfica é a média ponderada dos custos dos 21 projetos residenciais, considerando-se apenas o padrão normal de acabamento.

4 — As séries mensais de custos e índices de custos referem-se ao custo do metro quadrado de uma construção no canteiro de obras. Não se incluem as despesas com projeto em geral, licenças, seguros, instala-

ções provisórias, depreciações dos equipamentos, compra de terreno, administração, financiamentos, nem com os equipamentos mecânicos (elevadores, compactadores, exaustores e outros) e não estão envolvidos os lucros da construtora e da incorporadora.

5 — Para o cálculo do Orçamento Final por metro quadrado (OF), deverão ser acrescidos ao Custo SINAPI os custos relativos a alguns itens para os quais o SINAPI, dadas suas características, não dispõe de informações. Estes itens são os seguintes:

- Fundações profundas e especiais;
- Equipamentos (elevadores, compactadores, interfone, etc.);
- Complementos (jardins, decorações, etc.); e
- Máquinas e Equipamentos de Obra.

O Orçamento Final por metro quadrado (OF), incluindo todos os custos do empreendimento, será calculado adotando-se a seguinte fórmula:

$$OF = C \text{ SINAPI} + \frac{(OFe - OFd) + OE + OC}{S}$$

onde:

OF	= Orçamento Final por metro quadrado
C SINAPI	= Custo do metro quadrado do projeto, estimado com base nos custos do SINAPI
OFe	= Orçamento das Fundações especiais ou profundas
OFd	= Orçamento das Fundações diretas (já consideradas nos projetos de casas)
OE	= Orçamento de Equipamentos
OC	= Orçamento dos Complementos
S	= Área de Construção do Projeto em Estudo

Ao Orçamento Final por metro quadrado, deverão ser acrescidos os custos financeiros, a taxa de administração e o lucro da empresa.

**1 - EVOLUÇÃO DO CUSTO MÉDIO, NÚMERO ÍNDICE E VARIAÇÃO MENSAL  
DA CONSTRUÇÃO CIVIL  
Brasil**

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	CUSTO MÉDIO (Cz\$)	NÚMERO ÍNDICE	VARIAÇÃO MENSAL (%)
<b>1987</b>			
Maio .....	6 776,12	100,00	
Junho .....	7 673,32	113,86	13,86
Julho .....	7 940,64	117,83	3,48
Agosto .....	8 102,05	120,22	2,02
Setembro .....	8 690,75	128,96	7,27
Outubro .....	9 326,23	138,39	7,31
Novembro .....	10 527,25	156,21	12,87
Dezembro .....	11 963,18	177,52	13,64
<b>1988</b>			
Janeiro .....	14 194,98	210,63	18,65
Fevereiro .....	16 418,07	243,62	15,66
Março .....	19 746,82	293,02	20,27
Abril .....	22 980,66	341,00	16,37
Maio .....	27 310,20	405,25	18,84
Junho .....	33 115,37	491,39	21,25
Julho .....	39 718,55	589,37	19,93
Agosto .....	49 324,87	731,91	24,18
Setembro .....	61 785,03	916,81	25,26
Outubro .....	78 477,36	1 164,50	27,01
Novembro .....	102 656,93	1 523,29	30,81

**2 - CUSTO MÉDIO, NÚMERO ÍNDICE E VARIAÇÕES PERCENTUAIS DA CONSTRUÇÃO CIVIL,  
SEGUNDO AS GRANDES REGIÕES E AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO**

Mês de referência: novembro-88

GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	CUSTO MÉDIO (Cz\$/m <sup>2</sup> )	NÚMERO ÍNDICE (maio-87 = 100)	VARIAÇÕES PERCENTUAIS		
			Mensal	No ano	Em doze meses
<b>REGIÃO NORTE</b> .....	118 255,92	1 501,90	32,29	714,43	805,52
Rondônia .....	109 745,28	1 349,98	30,19	701,55	801,36
Acre .....	106 196,96	1 395,56	33,73	667,33	761,88
Amazonas .....	120 928,14	1 524,90	29,56	729,33	807,40
Roraima .....	140 684,55	1 316,48	27,85	610,72	706,86
Pará .....	118 052,88	1 537,90	37,13	711,85	815,47
Amapá .....	109 449,64	1 611,06	28,26	795,82	886,44
<b>REGIÃO NORDESTE</b> .....	93 750,51	1 589,78	32,30	766,83	878,02
Maranhão .....	105 821,57	1 702,10	35,99	754,12	886,43
Piauí .....	92 924,38	1 552,32	31,17	692,08	836,37
Ceará .....	93 260,98	1 521,77	37,57	792,16	884,07
Rio Grande do Norte .....	114 137,45	1 852,12	33,86	814,62	898,66
Paraíba .....	105 420,26	1 696,18	40,70	741,77	851,89
Pernambuco .....	86 198,98	1 598,42	28,51	750,04	862,09
Alagoas .....	92 901,21	1 701,69	25,81	761,87	869,56
Sergipe .....	97 411,20	1 671,88	27,93	816,45	980,23
Bahia .....	88 736,95	1 498,86	29,59	762,85	878,75
<b>REGIÃO SUDESTE</b> .....	105 390,38	1 498,87	30,43	766,49	886,94
Minas Gerais .....	83 919,24	1 523,88	34,65	702,46	824,85
Espírito Santo .....	82 519,27	1 521,46	34,17	719,04	815,21
Rio de Janeiro .....	109 435,81	1 653,26	30,73	835,41	968,13
São Paulo .....	110 752,26	1 444,05	29,37	758,83	875,90
<b>REGIÃO SUL</b> .....	104 112,13	1 558,85	31,32	742,57	859,23
Paraná .....	105 787,88	1 587,35	31,86	747,08	844,06
Santa Catarina .....	103 216,33	1 514,39	33,13	759,91	902,90
Rio Grande do Sul .....	102 801,07	1 548,33	30,08	731,49	858,59
<b>REGIÃO CENTRO-OESTE</b> .....	91 445,88	1 550,49	29,26	736,83	858,74
Mato Grosso do Sul .....	98 871,19	1 354,92	25,59	635,80	746,61
Mato Grosso .....	92 759,80	1 337,26	28,26	657,99	750,07
Goiás .....	81 657,22	1 539,66	29,81	740,79	860,36
Distrito Federal .....	94 527,14	1 649,49	29,92	774,64	907,26

### 3 – CUSTOS DE PROJETOS NO PADRÃO NORMAL DE ACABAMENTO, SEGUNDO AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO – 1988

Mês de referência: novembro-88

(continua)

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS				
	R1 – 2Q (46)	R1 – 2Q (40)	R1 – 2Q (62)	R1 – 3Q (104)	R1 – 4Q (122)
Rondônia .....	134 437,85	148 137,58	123 102,85	96 630,14	89 907,72
Acre .....	132 452,19	146 268,74	120 593,14	94 606,89	88 276,96
Amazonas .....	160 980,46	178 183,17	146 511,56	114 212,85	106 200,50
Roraima .....	164 469,66	180 040,64	154 619,59	120 948,57	113 452,73
Pará .....	149 357,54	163 840,72	138 444,57	108 395,22	101 738,23
Amapá .....	150 877,06	165 636,65	138 760,78	108 731,57	101 547,76
Maranhão .....	140 493,13	154 627,95	129 111,63	101 313,00	94 948,99
Piauí .....	127 772,03	140 545,28	117 141,88	91 641,55	85 660,28
Ceará .....	134 836,99	148 840,22	122 775,43	95 352,51	86 907,15
Rio Grande do Norte .....	149 081,50	162 560,40	140 219,89	108 161,45	101 843,95
Paraíba .....	132 873,06	154 344,77	123 532,18	96 716,34	91 384,69
Pernambuco .....	127 526,86	140 280,04	118 542,63	93 101,78	87 457,48
Alagoas .....	130 397,33	143 331,96	120 703,58	94 549,72	88 684,13
Sergipe .....	134 526,04	147 276,90	126 819,70	99 274,30	93 960,76
Bahia .....	125 856,07	137 501,01	118 178,34	94 092,11	88 704,56
Minas Gerais .....	126 002,21	138 188,39	116 068,21	92 155,07	86 854,70
Espírito Santo .....	142 026,73	157 101,41	128 931,49	100 933,30	94 497,13
Rio de Janeiro .....	161 374,47	177 099,08	148 917,34	117 618,99	110 945,23
São Paulo .....	151 892,24	166 558,10	141 358,10	111 923,46	105 858,14
Paraná .....	145 228,85	159 136,91	135 438,25	107 454,11	101 761,39
Santa Catarina .....	144 968,69	158 654,83	135 105,04	106 976,76	101 176,41
Rio Grande do Sul .....	146 916,60	161 458,10	135 161,12	106 434,28	100 423,92
Mato Grosso do Sul .....	120 749,89	132 359,51	111 347,89	87 956,81	82 932,41
Mato Grosso .....	117 800,20	129 302,10	108 308,68	85 645,43	80 589,26
Goiás .....	110 187,76	121 109,56	101 183,51	79 819,40	75 201,53
Distrito Federal .....	130 903,84	144 571,86	119 395,24	93 934,09	88 225,76

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS				
	R1 – 1Q (30)	R2 – 3Q (56)	R2 – 2Q (81)	R5 – 2QT (2 125)	R4 – 2QT (1 433)
Rondônia .....	174 321,46	104 829,09	94 697,46	77 838,85	89 327,66
Acre .....	170 205,93	104 377,35	92 625,07	81 718,28	92 330,75
Amazonas .....	208 305,25	127 288,17	115 220,40	96 003,75	109 985,44
Roraima .....	208 895,93	133 505,73	119 853,34	101 468,19	121 415,03
Pará .....	188 093,92	118 294,14	105 919,69	89 978,85	105 906,08
Amapá .....	192 474,45	120 266,10	108 041,29	95 361,76	109 181,13
Maranhão .....	179 031,91	112 524,05	101 351,02	87 108,15	100 132,86
Piauí .....	163 492,95	101 724,50	91 148,03	83 509,10	94 339,73
Ceará .....	172 715,19	106 911,94	96 403,05	84 636,32	95 191,39
Rio Grande do Norte .....	182 339,34	120 313,85	106 782,85	97 744,51	114 276,90
Paraíba .....	167 051,41	107 051,89	95 150,79	87 635,42	100 748,61
Pernambuco .....	161 243,40	102 744,12	91 728,91	83 382,64	96 980,03
Alagoas .....	165 949,84	103 755,69	93 116,59	81 230,28	93 028,12
Sergipe .....	168 897,51	110 137,93	96 879,37	87 387,65	101 858,36
Bahia .....	158 608,68	102 532,93	91 589,75	80 597,50	95 796,28
Minas Gerais .....	159 116,59	101 031,27	91 212,43	80 735,90	92 438,25
Espírito Santo .....	181 855,80	112 205,57	101 682,18	81 911,51	93 629,89
Rio de Janeiro .....	200 921,27	126 674,82	112 921,76	98 339,07	113 212,72
São Paulo .....	189 736,20	121 709,66	108 512,51	95 418,49	111 657,73
Paraná .....	182 613,47	118 597,77	105 277,25	97 101,26	113 285,32
Santa Catarina .....	179 153,84	114 705,58	102 667,64	92 121,66	106 870,16
Rio Grande do Sul .....	182 750,71	115 753,27	103 648,10	92 336,23	104 966,33
Mato Grosso do Sul .....	150 853,61	95 965,74	86 125,65	77 591,44	88 872,89
Mato Grosso .....	148 899,27	95 027,94	85 535,49	78 206,91	89 735,14
Goiás .....	139 654,21	88 663,41	79 662,90	71 516,03	81 251,17
Distrito Federal .....	168 201,14	104 009,73	93 511,09	79 075,49	89 778,92

### 3 - CUSTOS DE PROJETOS NO PADRÃO NORMAL DE ACABAMENTO, SEGUNDO AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO - 1988

Mês de referência: novembro-88

(conclusão)

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS				
	R4 - 3QT (2 264)	R4 - 2QP (1 643)	R4 - 3QP (2 520)	R6 - 3QP (7 181)	R8 - 2QP (2 620)
Rondônia.....	77 597,29	77 920,54	69 610,15	61 459,30	84 122,02
Acre.....	80 465,58	80 127,37	72 152,43	63 743,96	86 596,77
Amazonas.....	95 402,38	96 087,40	85 700,70	76 093,87	103 667,09
Roraima.....	104 139,01	106 467,36	93 587,31	81 489,73	115 088,30
Pará.....	90 806,62	91 828,96	81 127,02	70 106,36	99 469,96
Amapá.....	94 423,63	94 752,80	84 509,63	74 135,38	102 754,63
Maranhão.....	87 338,52	87 809,25	78 719,65	70 554,85	94 407,99
Piauí.....	81 391,30	81 507,01	72 575,24	63 768,85	88 419,71
Ceará.....	82 170,30	82 666,72	73 536,13	64 496,08	89 469,84
Rio Grande do Norte.....	97 853,74	99 038,64	87 552,62	75 659,37	107 379,16
Paraíba.....	87 304,13	87 562,58	78 228,12	70 026,73	94 563,94
Pernambuco.....	83 772,10	84 800,68	75 206,98	65 758,31	91 587,69
Alagoas.....	80 268,22	80 859,04	71 769,24	63 414,67	87 512,96
Sergipe.....	86 887,57	89 175,25	77 872,65	67 758,85	96 469,13
Bahia.....	83 120,74	84 021,47	74 730,38	65 714,77	90 597,27
Minas Gerais.....	80 267,79	80 340,23	71 886,22	64 263,95	86 775,84
Espírito Santo.....	81 211,93	81 788,03	72 880,31	63 902,06	88 471,33
Rio de Janeiro.....	98 839,36	98 538,69	88 611,18	78 401,25	106 057,12
São Paulo.....	97 327,18	97 686,21	87 460,40	77 268,05	105 087,55
Paraná.....	98 448,82	98 880,85	88 211,29	77 943,51	106 950,25
Santa Catarina.....	93 177,87	93 052,37	83 578,72	73 336,18	100 253,43
Rio Grande do Sul.....	91 774,24	90 727,38	81 992,18	73 025,01	97 962,62
Mato Grosso do Sul.....	77 832,61	77 234,25	69 804,50	61 713,21	83 357,16
Mato Grosso.....	78 632,52	78 027,36	70 545,94	62 800,13	84 507,99
Goiás.....	71 089,75	70 530,05	63 687,15	58 556,77	76 431,68
Distrito Federal.....	77 831,97	77 930,71	69 641,07	62 177,89	84 468,61

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS					
	R8 - 3QP (4 266)	R8 - 3QP (3 176)	R12 - 2QP (3 597)	R12 - 3QP (6 013)	R12 - 4QP (4 050)	R18 - 4QP (5 870)
Rondônia.....	71 796,45	69 371,87	88 021,86	73 193,10	67 387,12	67 217,51
Acre.....	74 317,19	71 923,11	90 630,42	75 720,13	69 829,08	69 661,75
Amazonas.....	88 412,70	84 924,55	108 482,54	90 149,30	82 238,94	82 072,75
Roraima.....	96 858,68	92 659,80	120 363,17	98 827,51	90 445,89	90 371,74
Pará.....	83 911,47	80 773,18	104 068,17	85 589,03	78 709,81	78 601,75
Amapá.....	87 512,69	84 560,05	107 666,46	89 341,79	82 246,17	82 091,10
Maranhão.....	80 976,66	78 543,78	98 697,93	82 490,99	75 861,70	75 601,55
Piauí.....	75 044,57	71 940,34	92 591,69	76 540,93	69 386,16	69 343,25
Ceará.....	76 219,07	73 580,85	93 730,45	77 845,02	71 264,70	71 036,19
Rio Grande do Norte.....	90 823,40	87 430,47	112 354,03	92 719,62	85 479,27	85 476,84
Paraíba.....	80 746,12	79 077,57	98 915,36	82 310,05	76 931,31	76 817,53
Pernambuco.....	77 829,45	75 150,09	95 816,85	79 425,42	73 088,81	73 025,48
Alagoas.....	74 319,59	72 219,50	91 627,84	75 868,69	70 372,00	70 255,41
Sergipe.....	80 682,51	77 209,94	100 964,86	82 380,70	74 966,12	74 982,22
Bahia.....	77 087,32	74 758,06	94 711,55	78 580,29	72 167,78	71 975,49
Minas Gerais.....	74 059,33	71 998,76	90 778,75	75 452,09	69 609,61	69 460,11
Espírito Santo.....	75 516,44	72 985,61	92 702,62	77 136,91	70 438,46	70 279,20
Rio de Janeiro.....	91 320,75	89 041,41	110 871,77	93 069,54	85 914,37	85 638,19
São Paulo.....	90 067,21	87 383,66	109 761,21	91 726,63	84 445,40	84 263,24
Paraná.....	91 277,50	88 789,98	111 931,27	93 142,07	85 878,21	85 838,19
Santa Catarina.....	86 198,30	83 965,97	104 838,12	87 873,94	81 063,94	80 793,55
Rio Grande do Sul.....	84 645,98	82 827,30	102 458,02	86 272,95	80 072,38	79 938,77
Mato Grosso do Sul.....	72 093,44	70 569,29	87 222,03	73 522,41	68 271,07	68 076,45
Mato Grosso.....	72 998,30	71 462,82	88 497,79	74 484,57	69 031,30	68 951,06
Goiás.....	65 945,95	64 562,85	80 100,71	67 329,68	62 433,53	62 330,32
Distrito Federal.....	72 038,40	70 045,58	88 521,10	73 526,24	68 479,94	68 369,97

## 4 - CUSTOS DE PROJETOS NO PADRÃO MÍNIMO DE ACABAMENTO, SEGUNDO AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO - 1988

Mês de referência novembro-88

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS						
	R1 - 2Q (46)	R1 - 2Q (40)	R1 - 2Q (62)	R1 - 1Q (30)	R2 - 3Q (56)	R2 - 2Q (81)	R5 - 2QT (2 125)
Rondônia .....	68 088,23	71 830,51	65 632,09	84 761,44	53 479,10	50 794,10	50 222,21
Acre .....	69 741,51	73 695,13	66 932,31	84 715,08	55 124,67	51 970,47	51 562,22
Amazonas .....	78 920,97	83 231,85	75 446,92	97 678,75	63 403,90	59 651,69	62 441,69
Roraima .....	86 866,05	90 304,63	84 782,28	108 451,45	69 778,34	65 774,18	65 830,33
Pará .....	81 233,35	84 993,74	78 209,44	98 977,81	63 029,68	58 770,18	57 715,42
Amapá .....	77 497,66	81 424,23	74 439,66	94 943,43	62 076,06	58 119,45	59 950,70
Maranhão .....	70 585,57	73 781,63	68 465,21	85 981,45	56 787,30	54 093,58	55 691,72
Piauí .....	66 456,15	70 128,00	63 207,15	81 906,50	52 126,36	48 594,15	50 358,11
Ceará .....	67 412,91	71 073,88	64 005,28	82 795,13	53 904,94	50 535,27	54 298,12
Rio Grande do Norte .....	82 676,25	84 585,12	80 889,25	97 240,78	65 242,23	60 867,37	63 960,55
Paraíba .....	75 419,82	78 706,44	72 800,93	91 147,45	60 052,19	55 950,53	57 031,82
Pernambuco .....	70 496,09	73 663,13	67 848,31	86 477,02	55 748,20	52 192,97	54 139,31
Alagoas .....	67 827,99	71 079,68	65 638,02	82 696,85	53 792,19	50 480,95	51 165,16
Sergipe .....	73 468,46	76 046,42	71 696,53	91 347,39	58 156,22	54 775,96	55 380,85
Bahia .....	68 094,00	70 666,97	66 367,84	83 712,42	54 060,19	51 262,50	50 058,66
Minas Gerais .....	67 358,20	70 835,94	64 353,41	82 482,51	53 548,65	49 925,23	50 286,12
Espírito Santo .....	68 985,81	72 554,49	66 205,60	85 036,80	54 854,39	51 800,42	53 662,33
Rio de Janeiro .....	91 168,65	95 434,08	87 508,08	109 610,35	70 532,39	66 335,22	65 820,76
São Paulo .....	84 897,38	88 528,14	82 161,55	103 420,07	66 740,88	62 990,86	62 466,48
Paraná .....	81 891,54	85 408,33	79 267,35	100 118,41	65 207,62	61 016,43	61 618,09
Santa Catarina .....	82 443,47	85 986,78	79 808,45	98 660,20	63 787,08	60 587,42	60 370,30
Rio Grande do Sul .....	82 028,32	86 018,17	78 593,25	97 409,26	63 903,29	59 439,01	59 815,56
Mato Grosso do Sul .....	67 854,39	71 117,89	65 255,30	81 103,45	53 086,33	49 932,81	50 461,50
Mato Grosso .....	62 618,87	65 710,80	60 292,69	75 673,93	50 279,73	46 893,46	49 337,40
Goiás .....	56 696,54	59 582,87	54 656,38	68 383,44	45 774,74	42 861,43	44 717,93
Distrito Federal .....	67 746,92	71 784,46	64 772,42	83 485,60	54 185,76	50 158,81	50 887,15

### 5 – VARIÇÃO MENSAL DOS SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS, SEGUNDO OS MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS

Mês de referência: novembro-88

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	VARIÇÃO MENSAL DOS SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS (%)				
	Armador	Bombeiro hidráulico	Carpinteiro de esquadrias	Carpinteiro de formas	Eletricista
BRASIL .....	31,68	26,57	32,86	30,23	27,50
Porto Velho .....	30,99	15,99	19,72	33,33	15,99
Rio Branco .....	30,11	31,48	30,11	30,11	24,71
Manaus .....	27,34	35,56	37,15	38,21	33,78
Boa Vista .....	9,08	9,16	9,83	8,16	5,54
Belém .....	54,95	54,95	54,93	54,95	54,93
Macapá .....	21,40	21,40	29,37	21,42	21,39
São Luís .....	73,62	73,62	66,05	73,62	81,03
Teresina .....	23,41	29,96	24,22	24,22	19,68
Fortaleza .....	30,47	49,93	32,53	18,99	31,28
Natal .....	32,44	32,44	32,44	32,44	32,44
João Pessoa .....	83,55	83,55	84,07	79,37	69,09
Recife .....	21,39	21,37	21,38	21,39	21,39
Maceió .....	21,41	26,05	21,42	21,41	21,42
Aracaju .....	36,51	36,50	36,51	36,51	36,40
Salvador .....	32,42	32,40	32,41	32,42	26,66
Belo Horizonte .....	54,53	51,00	54,79	52,71	47,08
Vitória .....	48,57	39,92	58,23	48,56	57,79
Rio de Janeiro .....	32,42	27,22	32,43	32,42	30,88
São Paulo .....	26,18	18,63	26,36	24,54	20,21
Curitiba .....	39,06	35,81	41,93	32,96	38,03
Florianópolis .....	23,28	21,76	21,51	23,74	35,97
Porto Alegre .....	21,39	21,40	33,33	20,70	21,40
Campo Grande .....	26,77	26,30	33,92	26,77	12,63
Cuiabá .....	30,02	22,55	35,77	21,90	23,90
Goiânia .....	32,37	32,38	32,37	32,37	32,38
Brasília .....	33,41	34,68	33,39	33,41	26,46

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	VARIÇÃO MENSAL DOS SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS PROFISSIONAIS (%)				
	Ladriheiro	Mestre-de-obras	Pedreiro	Pintor	Servente
BRASIL .....	32,90	29,22	31,43	26,26	32,11
Porto Velho .....	29,09	38,90	29,23	29,09	30,32
Rio Branco .....	30,89	17,85	31,48	31,48	22,47
Manaus .....	22,19	26,14	38,97	29,89	21,39
Boa Vista .....	7,16	39,61	12,85	7,34	11,63
Belém .....	54,93	53,83	54,95	54,95	54,95
Macapá .....	21,41	26,81	21,40	21,41	21,40
São Luís .....	73,49	69,77	73,62	73,62	49,45
Teresina .....	24,22	24,13	24,22	30,00	29,85
Fortaleza .....	16,31	18,10	31,49	26,30	30,03
Natal .....	32,44	30,43	32,44	32,44	32,43
João Pessoa .....	83,55	84,15	79,35	83,55	84,12
Recife .....	21,39	21,30	21,39	21,39	21,39
Maceió .....	24,03	31,52	21,41	21,41	29,95
Aracaju .....	36,50	42,17	36,51	36,51	33,38
Salvador .....	32,41	19,20	32,42	32,42	41,77
Belo Horizonte .....	65,79	41,83	51,57	44,72	49,13
Vitória .....	56,67	32,72	48,64	48,57	50,41
Rio de Janeiro .....	24,88	15,60	32,42	32,42	32,42
São Paulo .....	30,79	33,53	26,42	16,56	27,36
Curitiba .....	40,59	45,77	33,25	37,06	34,61
Florianópolis .....	21,39	14,68	27,04	29,05	25,66
Porto Alegre .....	21,39	21,39	26,86	21,40	26,40
Campo Grande .....	19,19	26,51	26,72	27,43	20,89
Cuiabá .....	22,67	16,95	13,03	22,03	28,43
Goiânia .....	32,37	21,39	32,37	32,38	41,77
Brasília .....	33,40	37,01	33,41	33,39	32,60

## 6 – SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS, SEGUNDO OS MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS

Mês de referência: novembro-88

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS				
	Armador	Bombeiro hidráulico	Carpinteiro de esquadrias	Carpinteiro de formas	Eletricista
BRASIL .....	284,44	325,71	303,29	282,15	316,38
Porto Velho .....	186,00	166,00	170,00	178,00	166,00
Rio Branco .....	170,83	212,41	170,83	170,83	249,42
Manaus .....	259,03	264,20	259,03	269,37	272,13
Boa Vista .....	346,22	337,58	340,39	340,38	345,08
Belém .....	297,46	297,46	297,46	297,46	297,46
Macapá .....	243,12	243,12	243,12	243,15	243,10
São Luís .....	273,05	273,05	261,18	273,05	284,92
Teresina .....	179,25	179,17	179,21	179,21	179,25
Fortaleza .....	164,97	189,57	167,44	167,44	166,00
Natal .....	226,25	226,25	226,25	226,25	226,25
João Pessoa .....	313,01	313,01	300,98	272,73	272,73
Recife .....	189,51	189,52	189,51	189,51	189,52
Maceió .....	177,79	261,80	185,73	185,72	252,13
Aracaju .....	233,07	233,07	233,07	233,07	233,07
Salvador .....	276,50	276,50	276,50	276,50	276,50
Belo Horizonte .....	289,25	308,00	317,42	287,99	300,00
Vitória .....	239,80	230,51	255,51	239,81	254,59
Rio de Janeiro .....	310,37	310,38	319,26	310,37	310,38
São Paulo .....	321,87	428,95	359,95	318,08	401,73
Curitiba .....	330,97	336,81	340,60	315,25	350,00
Florianópolis .....	280,32	316,73	327,75	309,36	316,73
Porto Alegre .....	289,38	288,23	293,78	277,69	293,78
Campo Grande .....	204,74	221,02	215,86	204,74	236,00
Cuiabá .....	208,66	212,52	210,59	210,59	212,52
Goiânia .....	193,96	193,96	193,96	193,96	193,96
Brasília .....	256,65	278,60	274,14	256,65	278,60

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS				
	Ladrilheiro	Mestre-de- obras	Pedreiro	Pintor	Servente
BRASIL .....	313,01	797,40	285,46	298,03	183,73
Porto Velho .....	184,75	415,50	183,50	184,75	131,62
Rio Branco .....	151,11	401,83	212,41	212,41	146,04
Manaus .....	257,34	638,24	259,03	264,20	162,66
Boa Vista .....	337,58	651,24	337,58	337,58	128,38
Belém .....	297,46	725,86	297,46	297,46	172,72
Macapá .....	243,15	383,18	243,12	243,15	165,65
São Luís .....	273,05	642,54	273,05	273,05	147,58
Teresina .....	179,21	435,74	179,21	179,25	140,07
Fortaleza .....	167,44	434,69	166,00	158,75	128,40
Natal .....	226,25	763,00	226,25	226,25	154,51
João Pessoa .....	313,01	560,00	272,73	313,01	181,82
Recife .....	189,52	707,59	189,51	189,51	138,86
Maceió .....	185,68	415,38	177,79	177,79	134,75
Aracaju .....	233,07	608,92	233,07	233,07	144,65
Salvador .....	276,50	714,03	276,50	276,50	140,00
Belo Horizonte .....	344,17	796,00	287,99	292,12	179,23
Vitória .....	260,78	505,88	239,90	239,80	155,75
Rio de Janeiro .....	310,38	959,23	310,37	310,37	191,03
São Paulo .....	381,00	994,50	328,70	356,93	210,72
Curitiba .....	340,90	638,48	314,63	339,90	222,10
Florianópolis .....	316,73	610,86	314,32	296,82	184,44
Porto Alegre .....	318,06	538,94	274,23	293,78	189,92
Campo Grande .....	232,42	683,90	204,25	215,35	143,81
Cuiabá .....	210,67	550,00	208,66	209,75	142,93
Goiânia .....	193,96	534,86	193,96	193,96	140,00
Brasília .....	266,15	1 028,40	256,65	276,00	165,02















# ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

---

## ESTIMATIVA DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA EM 88 E 3º PROGNÓSTICO DA SAFRA 89

---

### Safra/88

Os resultados do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), de dezembro de 1988, não apresentam modificações significativas em relação aos dados obtidos em novembro, uma vez que a safra já se encontra praticamente concluída. Destacam-se, apenas, os acréscimos de 2,08% para o trigo, 1,22% para o tomate e 0,75% para o algodão herbáceo e, ainda, a queda de 2,04% para o fumo (Tabela 1). Neste caso, a redução deveu-se basicamente ao decréscimo de área (-3,14%), compensado em parte, pelo acréscimo do rendimento médio (+1,13%). No caso do

algodão, embora tenha-se verificado também um decréscimo de área (1,33%), o aumento de rendimento médio (2,09%) acabou por se refletir no avanço de produção mencionado. Para o tomate, o incremento de produção deveu-se, exclusivamente, ao acréscimo de área (1,53%) e, no caso do trigo, a uma combinação de aumento de área (0,71%) e de rendimento médio (1,38%).

Da mesma forma, as estimativas de dezembro em relação à safra/87 não diferem expressivamente das divulgadas em novembro (Tabela 2). Neste aspecto, praticamente, repetem-se as variações já conhecidas, com destaque para os seguintes produtos, com acréscimos significativos: feijão — 1ª safra (62,58%), algodão herbáceo (49,28%), mamona (36,27%), tomate (17,80%) e arroz (13,26%); com decréscimos: amendoim — 1ª safra (15,89%), cebola (11,66%), trigo (9,01%), milho (7,79%) e mandioca (8,07%). Os acrésci-

mos mais significativos, em termos de área, ocorreram para o algodão herbáceo (42,65%), feijão — 1.ª safra (19,04%) e soja (15,15%); e o decréscimo mais relevante para o amendoim — 1.ª safra (34,85%). Quanto ao incremento de rendimento médio, sobressaíram-se os seguintes produtos: feijão — 1.ª safra (+36,54%), mamona (+30,79%), amendoim — 1.ª safra (+29,04%) e arroz (+13,98%). Registraram declínio os seguintes produtos: trigo (8,61%), soja (7,69%) e cebola (5,53%).

Para o trigo, principal produto cuja safra ainda se encontrava em processo de colheita em dezembro, vale a pena mencionar que, não obstante os anúncios de quebra de safra na fase final de desenvolvimento da lavoura em colheita, o resultado final obtido pode ser considerado satisfatório. Tal fato, deve-se, notadamente, à performance da lavoura no Estado do Paraná, principal produtor do país. Nessa UF, a não colheita de cerca de 82 mil ha foi compensada pelo bom nível de rendimento médio alcançado (1 831 kg/ha), que ensejou um total de 3,25 milhões de t, ou seja, 58,9% da produção nacional. Ressalte-se, também, a boa qualidade do produto colhido no Paraná, de P.H. 81,55%. No Rio Grande do Sul, o desempenho da lavoura foi afetado mais intensamente pela seca e ataque de doenças fúngicas, repercutindo no seu rendimento médio, da ordem de 1 386 kg/ha, isto é, menos 22,4% do que o obtido em 1987. Desse modo, o resultado até dezembro, da ordem de 1,4 milhão de t, foi 21% inferior à produção gaúcha obtida em 87.

A safra de grãos, com esta estimativa de dezembro, situa-se em cerca de 65,6 milhões de toneladas, ou seja, 1,63% superior à safra anterior, valendo destacar o crescimento de 9,03% para as oleaginosas e o decréscimo de 1,32% para cereais e leguminosas (Tabela 3). É digno de nota a participação nordestina nesta safra de grãos (10,3%), contra 4,6% na safra anterior. Repetiu-se, por 2 anos consecutivos, portanto, o patamar dos 65 milhões de toneladas de grãos, nível bastante superior ao alcançado em safras pretéritas.

### Prognóstico para 89

O terceiro prognóstico da produção agrícola para o Centro-sul e Rondônia (Tabela 4)

indica uma queda acentuada na área plantada ou a ser plantada, sobre a área colhida em 88, para a maioria dos produtos considerados: algodão herbáceo (18,93%), feijão — 1.ª safra (14,95%), batata-inglesa (14,93%), mamona (14,52%), amendoim — 1.ª safra (10,61%) e arroz (9,86%). Com acréscimos significativos destacam-se apenas a soja (11,88%), o fumo (9,81%) e a cebola (4,03%).

Essas variações verificadas em termos de área refletem-se, obviamente, na produção a ser obtida que será, também, influenciada pelo rendimento médio esperado para cada cultura. Assim, prevê-se queda de produção na safra/89 (Tabela 5) para os seguintes produtos: amendoim em casca (18,62%), feijão — 1.ª safra (17,74%), algodão herbáceo (17,07%), mamona (16,94%), batata-inglesa — 1.ª safra (15,18%) e, ainda, para o arroz (2,39%). Espera-se aumento na produção de soja (26,77%), fumo (5,92%), cebola (3,04%), milho (2,97%), cana-de-açúcar (1,25%), mandioca (1,03%) e tomate (0,26%).

No caso da soja, o incremento previsto de produção deve-se, sobretudo, aos acréscimos esperados para o Rio Grande do Sul (74,5%) e estados do Centro-Oeste: Goiás (3,02%), Mato Grosso (23,2%) e Mato Grosso do Sul (10,1%). No Rio Grande do Sul esta expectativa baseia-se na recuperação do nível de rendimento médio, +63,8% em relação ao obtido na safra passada. Já para os estados do Centro-Oeste, o incremento estimado decorrerá principalmente do aumento de área plantada (17%).

Em se confirmando o volume de produção esperado para a soja (22,4 milhões de t), a safra de grãos em 89 superará os 70,0 milhões de t.

### Pecuária

Em novembro, os dados de abate de animais e produção de leite destinado às indústrias mostram-se (à exceção dos bovinos) negativos, ratificando a expectativa existente de que, nos meses finais do ano, o subsetor pecuário prosseguiria refletindo não só as adversidades climáticas (inverno rigoroso e seca prolongada) que assolaram a região Centro-sul, mas, também, a instabi-



lidade que caracterizou a economia durante todo o ano. Apesar da vigência do Pacto Social que estipulou o limite de 25,5% para incremento de preços em geral, os produtos ou subprodutos pecuários acusaram melhorias significativas, notadamente, o frango vivo (37,7%), ovos (38,1%), o suíno vivo (34,8%) e o leite (32,9%), em razão, provavelmente, da menor oferta verificada no mês.

No que concerne à pecuária de corte, a matança, em novembro, alcançou um total de 851 mil cabeças, correspondendo ao incremento de 7,7% em relação ao mesmo mês de 1987. Esse número pode ser considerado excepcional, tanto no que concerne à seqüência de dados mensais do ano (havia expectativa de queda em virtude da seca que assolou as principais regiões produtoras) como do ponto de vista histórico, já que foi apenas superado pelo abate de 883 mil cabeças, verificado em novembro de 1982. A explicação para o fato está na quantidade de vacas abatidas (299 mil cabeças, ou seja, mais 9,5% do que em novembro de 1987) e no aumento da oferta de bois confinados no mês. Desse modo, a oferta acumulada de carne bovina (2,25 milhões de t em carcaça) representou um acréscimo de 8,3% comparativamente aos onze primeiros meses de 1987.

A produção de leite destinada à indústria acusou queda pelo quarto mês consecutivo, indicando que a atividade foi mais intensamente afetada durante a estação fria que, na forma de geadas e seca prolongada, provocou perdas acentuadas na capacidade ali-

mentar das pastagens. O decréscimo de 10,1% verificado em novembro refletiu, também, o nível baixo de preços estabelecido pelo governo, medida que, diminuindo a rentabilidade dos criadores, impediu praticamente a suplementação de rações e forragens aos animais em lactação.

O abate de suínos alcançou 798 mil cabeças em novembro, configurando uma diminuição de 19,1% em relação ao mesmo mês de 1987. Esse declínio, o quinto consecutivo do exercício, fez com que a oferta acumulada de carne de porco alcançasse um total de 635,9 mil t em carcaça, isto é, menos 4,8% do que a verificada em igual período de 1987.

Na avicultura, o abate relativo a novembro registrou um total de 67,4 milhões de cabeças, 7,3% a menos do que em 1987. No acumulado, a oferta de carne avícola atingiu o montante de 1,15 milhão de t de carcaça, correspondendo a uma redução de 5,1% em relação aos onze primeiros meses de 1987.

As quedas de produção observadas nessas atividades deveram-se, sobretudo, às medidas de restrição do plantel tomadas pelos criadores, em razão da perda de rentabilidade das granjas, a partir do segundo semestre de 1987.

Os dados de dezembro para as lavouras e de novembro para produção animal levam a uma estimativa para o Produto Real de Agropecuária da ordem de -0,23% em 1988. As lavouras acusaram decréscimo de 1,70% e a produção animal um crescimento de 2,05%.

1 — ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO — CONFRONTO  
DAS ESTIMATIVAS NOVEMBRO/DEZEMBRO  
Brasil

Dezembro/88

PRODUTOS AGRÍCOLAS	ÁREA (ha)		
	Novembro	Dezembro	Varição (%)
Total .....	45 093 339	45 069 320	- 0,05
Algodão herbáceo (em caroço) .....	1 845 540	1 821 028	- 1,33
Amendoim (em casca) 1ª safra .....	71 646	71 646	-
Arroz (em casca) .....	5 960 842	5 961 378	0,01
Batata-inglesa — 1ª safra .....	105 922	105 932	0,01
Cana-de-açúcar (1) .....	4 141 650	4 128 865	- 0,31
Cebola .....	69 732	69 843	0,16
Feijão (em grão) 1ª safra .....	3 424 913	3 423 270	- 0,05
Fumo (em folha) .....	291 681	282 519	- 3,14
Mamona .....	274 060	274 060	-
Mandioca (1) .....	1 770 818	1 758 353	- 0,70
Milho (em grão) .....	13 142 183	13 152 801	0,08
Soja (em grão) .....	10 515 329	10 515 250	- 0,00
Tomate .....	61 932	62 877	1,53
Trigo (em grão) .....	3 417 091	3 441 498	0,71

PRODUTOS AGRÍCOLAS	PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)		
	Novembro	Dezembro	Varição (%)	Novembro	Dezembro	Varição (%)
Total .....	-	-	-	-	-	-
Algodão herbáceo (em caroço) .....	2 388 432	2 406 363	0,75	1 294	1 321	2,09
Amendoim (em casca) 1ª safra .....	129 280	129 266	- 0,01	1 804	1 804	-
Arroz (em casca) .....	11 803 913	11 807 242	0,03	1 980	1 981	0,05
Batata-inglesa — 1ª safra .....	1 408 894	1 409 192	0,02	13 301	13 303	0,02
Cana-de-açúcar (1) .....	259 761 308	258 560 233	- 0,46	62 719	62 623	- 0,15
Cebola .....	754 279	757 030	0,36	10 817	10 839	0,20
Feijão (em grão) 1ª safra .....	1 704 006	1 700 365	- 0,21	498	497	- 0,20
Fumo (em folha) .....	438 895	429 955	- 2,04	1 505	1 522	1,13
Mamona .....	145 547	145 547	-	531	531	-
Mandioca (1) .....	21 587 937	21 603 204	0,07	12 191	12 286	0,78
Milho (em grão) .....	24 708 581	24 700 904	- 0,03	1 880	1 878	- 0,11
Soja (em grão) .....	18 054 834	18 049 413	- 0,03	1 717	1 716	- 0,06
Tomate .....	2 377 688	2 406 781	1,22	38 392	38 278	- 0,30
Trigo (em grão) .....	5 436 485	5 549 466	2,08	1 591	1 613	1,38

FONTES — IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Agropecuária (Levantamento Sistemático da Produção Agrícola).  
(1) Área destinada à colheita.

2 – ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO – CONFRONTO  
DAS SAFRAS DE 1987 E DAS ESTIMATIVAS PARA 1988  
Brasil

Dezembro/88

PRODUTOS AGRÍCOLAS	ÁREA (ha)		
	Colhida (safra/87)	Plantada (safra/88)	Variação (%)
Total .....	43 387 232	45 069 320	3,88
Algodão herbáceo (em caroço).....	1 276 600	1 821 028	42,65
Amendoim (em casca) 1ª safra .....	109 968	71 646	- 34,85
Arroz (em casca) .....	6 000 016	5 961 378	- 0,64
Batata-inglesa – 1ª safra .....	99 214	105 932	6,77
Cana-de-açúcar .....	4 310 401	4 128 865	- 4,21
Cebola .....	75 364	69 843	- 7,33
Feijão (em grão) 1ª safra .....	2 857 819	3 423 270	19,04
Fumo (em folha) .....	298 169	282 519	- 5,25
Mamona .....	263 341	274 060	4,07
Mandioca .....	1 934 811	1 758 353	- 9,12
Milho (em grão) .....	13 499 445	13 152 801	- 2,57
Soja (em grão).....	9 131 621	10 515 250	15,15
Tomate.....	57 619	62 877	9,13
Trigo (em grão).....	3 454 844	3 441 498	- 0,39

PRODUTOS AGRÍCOLAS	PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)		
	Obtida (safra/87)	Esperada (safra/88)	Variação (%)	Obtido (safra/87)	Esperado (safra/88)	Variação (%)
Total .....	-	-	-	-	-	-
Algodão herbáceo (em caroço).....	1 611 994	2 406 363	49,28	1 263	1 312	4,59
Amendoim (em casca) 1ª safra .....	153 687	129 266	- 15,89	1 398	1 804	29,04
Arroz (em casca) .....	10 425 100	11 807 242	13,26	1 738	1 981	13,98
Batata-inglesa – 1ª safra .....	1 349 690	1 409 192	4,41	13 604	13 303	- 2,21
Cana-de-açúcar .....	268 584 836	258 560 233	- 3,73	62 311	62 623	0,50
Cebola .....	856 921	757 030	- 11,66	11 370	10 839	- 4,67
Feijão (em grão) 1ª safra.....	1 045 878	1 700 365	62,58	364	497	36,54
Fumo (em folha) .....	397 845	429 955	8,07	1 334	1 522	14,09
Mamona .....	106 809	145 547	36,27	406	531	30,79
Mandioca .....	23 499 957	21 603 204	- 8,07	12 146	12 286	1,15
Milho (em grão) .....	26 786 847	24 700 904	- 7,79	1 984	1 878	- 5,34
Soja (em grão).....	16 978 832	18 049 413	6,31	1 859	1 716	- 7,69
Tomate.....	2 043 177	2 406 781	17,80	35 460	38 278	7,95
Trigo (em grão).....	6 099 111	5 549 466	- 9,01	1 765	1 613	- 8,61

**3 – SAFRA DE CEREAIS E LEGUMINOSAS, E OLEAGINOSAS  
COMPARAÇÃO ENTRE A SAFRA/87 E AS ESTIMATIVAS PARA 1988  
Brasil, Centro-sul e Rondônia, e Norte-Nordeste**

PRODUTOS AGRÍCOLAS	PRODUÇÃO (1 000 t)		
	Centro-sul e Rondônia		
	Safra/87	Safra/88	Variação (%)
<b>CEREAIS E LEGUMINOSAS</b>			
Arroz .....	9 201	9 469	2,91
Feijão – 1ª safra .....	901	1 164	29,19
Feijão – 2ª safra .....	520	580	11,54
Feijão – 3ª safra .....	123	147	19,51
Milho .....	29 905	22 297	- 13,93
Trigo .....	6 099	5 549	- 9,02
Aveia, centeio e cevada .....	375	259	- 30,93
Sorgo .....	439	261	- 40,55
Total .....	43 563	39 726	- 8,81
<b>OLEAGINOSAS</b>			
Caroço de algodão (arbóreo e herbáceo) .....	1 037	1 343	29,51
Amendoim – 1ª safra .....	153	128	- 16,34
Amendoim – 2ª safra .....	36	35	- 2,78
Mamona .....	47	34	- 27,66
Soja .....	16 820	17 639	4,87
Total .....	18 093	19 179	6,00
Total Geral .....	61 656	58 905	- 4,46

PRODUTOS AGRÍCOLAS	PRODUÇÃO (1 000 t)					
	Norte-Nordeste			Total		
	Safra/87	Safra/88	Variação (%)	Safra/87	Safra/88	Variação (%)
<b>CEREAIS E LEGUMINOSAS</b>						
Arroz .....	1 224	2 338	91,01	10 425	11 807	13,26
Feijão – 1ª safra .....	144	537	272,92	1 045	1 701	62,78
Feijão – 2ª safra .....	317	346	9,15	837	926	10,63
Feijão – 3ª safra .....	-	147	-	123	294	139,02
Milho .....	882	2 404	172,56	26 787	24 701	- 7,79
Trigo .....	-	-	-	6 099	5 549	- 9,02
Aveia, centeio e cevada .....	-	-	-	375	259	- 30,93
Sorgo .....	14	36	157,14	453	297	- 34,44
Total .....	2 581	5 808	125,03	46 144	45 534	- 1,32
<b>OLEAGINOSAS</b>						
Caroço de algodão (arbóreo e herbáceo) .....	134	411	206,72	1 171	1 754	49,79
Amendoim – 1ª safra .....	0,5	1	100,00	154	129	- 16,23
Amendoim – 2ª safra .....	6	6	-	42	41	- 2,38
Mamona .....	59	111	88,14	106	145	36,79
Soja .....	159	410	157,86	16 979	18 049	6,30
Total .....	359	939	161,56	18 452	20 118	9,03
Total Geral .....	2 940	6 747	129,49	64 596	65 652	1,63

4 – PROGNÓSTICO PARA A SAFRA DE 1989 – COMPARAÇÃO ENTRE A ÁREA DA SAFRA DE 1988 E A ÁREA PLANTADA OU A PLANTAR DA SAFRA DE 1989

Centro-sul e Rondônia

PRODUTOS AGRÍCOLAS	ÁREA DA SAFRA/88	
	1 Plantada (ha)	2 Colhida (ha)
Total .....		
Algodão herbáceo (em caroço) .....	1 075 307	1 112 101
Amendoim (em casca) 1.ª safra .....	68 175	68 516
Arroz (em casca) .....	4 373 202	4 309 804
Batata-inglesa – 1.ª safra .....	98 318	105 678
Cana-de-açúcar .....	(1) 3 220 860	2 805 163
Cebola .....	58 950	58 393
Feijão (em grão) 1.ª safra .....	1 617 498	1 615 174
Fumo (em folha) .....	228 002	217 985
Mamona .....	28 584	28 584
Mandioca .....	(1) 600 135	532 420
Milho (em grão) .....	9 493 465	9 518 665
Soja (em grão) .....	10 622 385	10 245 894
Tomate .....	36 146	36 213

PRODUTOS AGRÍCOLAS	3 ÁREA PLANTADA OU A PLANTAR DA SAFRA/89 (ha)	4 VARIÇÃO (3/1) %	5 VARIÇÃO (3/2) %
Algodão herbáceo (em caroço) .....	901 525	- 16,16	- 18,93
Amendoim (em casca) 1.ª safra .....	61 248	- 10,16	- 10,61
Arroz (em casca) .....	3 885 064	- 11,16	- 9,86
Batata-inglesa – 1.ª safra .....	89 899	- 8,56	- 14,93
Cana-de-açúcar .....	(1) 2 818 402	- 12,50	0,47
Cebola .....	60 744	3,04	4,03
Feijão (em grão) 1.ª safra .....	1 373 678	- 15,07	- 14,95
Fumo (em folha) .....	239 375	4,99	9,81
Mamona .....	24 435	- 14,52	- 14,52
Mandioca .....	(1) 536 482	- 10,61	0,76
Milho (em grão) .....	9 337 975	- 1,64	- 1,90
Soja (em grão) .....	11 463 211	7,92	11,88
Tomate .....	36 057	- 0,25	- 0,43

(1) Área destinada à colheita.

5 – PROGNÓSTICO PARA A SAFRA DE 1989 – COMPARAÇÃO ENTRE A PRODUÇÃO OBTIDA EM 1988, E A ESPERADA EM 1989  
Centro-sul e Rondônia

PRODUTOS AGRÍCOLAS	PRODUÇÃO OBTIDA DA SAFRA/88 (t)	PRODUÇÃO ESPERADA DA SAFRA/89 (t)	VARIACÃO (%)
Algodão herbáceo (em caroço).....	1 918 264	1 590 831	- 17,07
Amendoim (em casca) 1ª safra.....	124 589	101 394	- 18,62
Arroz (em casca).....	9 468 972	9 243 027	- 2,39
Batata-inglesa — 1ª safra.....	1 404 964	1 191 667	- 15,18
Cana-de-açúcar.....	194 751 207	197 180 918	1,25
Cebola.....	629 907	649 053	3,04
Feijão (em grão) 1ª safra.....	1 066 082	877 009	- 17,74
Fumo (em folhal).....	379 876	402 352	5,92
Mamona.....	33 787	28 065	- 16,94
Mandioca.....	8 350 284	8 436 296	1,03
Milho (em grão).....	22 093 669	22 750 769	2,97
Soja (em grão).....	17 639 159	22 360 642	26,77
Tomate.....	1 466 531	1 470 381	0,26

FONTES — IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Agropecuária (Levantamento Sistemático da Produção Agrícola).

6 — ABATE DE ANIMAIS, PRODUÇÃO DE LEITE E DE OVOS  
Janeiro/Novembro de 1987 e de 1988

ABATE DE ANIMAIS, PRODUÇÃO DE LEITE E DE OVOS	QUANTIDADE				
	Novembro-87	Outubro-88	Novembro-88	Janeiro/novembro-87	Janeiro/novembro-88
LEITE (1) (2).....	912 419	661 098	812 899	7 913 726	8 123 556
<b>PASTEURIZADO</b>					
Vendido ao público.....	299 092	273 196	283 813	2 990 275	3 115 338
Industrializado na empresa.....	455 661	281 991	394 708	3 607 505	3 642 884
<b>RESFRIADO OU NÃO</b>					
Vendido ao público.....	140	143	143	1 641	1 403
Vendido a outras empresas.....	157 526	105 768	134 235	1 314 305	1 363 931
<b>ABATE (3)</b>					
Bovinos.....	158 553	161 483	169 836	2 078 352	2 251 712
Suínos.....	64 561	54 836	51 834	667 937	635 926
Aves.....	118 679	106 209	108 822	1 212 942	1 150 347
OVOS (4) (5).....	-	-	-	882 402	864 394

ABATE DE ANIMAIS, PRODUÇÃO DE LEITE E DE OVOS	TAXAS DE CRESCIMENTO (%)		
	Novembro-88/novembro-87	Novembro-88/outubro-88	Janeiro/novembro-88/Janeiro/novembro-88
LEITE (1) (2).....	- 10,9	23,0	2,7
<b>PASTEURIZADO</b>			
Vendido ao público.....	- 5,1	3,9	4,2
Industrializado na empresa.....	- 13,4	40,0	1,0
<b>RESFRIADO OU NÃO</b>			
Vendido ao público.....	2,1	-	14,5
Vendido a outras empresas.....	- 14,8	26,9	3,8
<b>ABATE (3)</b>			
Bovinos.....	7,1	5,2	8,3
Suínos.....	- 19,7	- 5,5	- 4,8
Aves.....	- 8,3	2,5	- 5,2
OVOS (4) (5).....	-	-	- 2,0

(1) Leite beneficiado e industrializado. (2) Mil litros. (3) Peso total das carcaças (t). (4) Quantidade produzida (mil dúzias). (5) Janeiro/setembro.

# DESEMPENHO DA INDÚSTRIA CATARINENSE NO PERÍODO DE 1981/88

Niló Lopes de Macedo\*

---

## INTRODUÇÃO

---

Dando continuidade à divulgação de indicadores regionais da produção industrial, a Diretoria de Pesquisa — DPE, através do seu Departamento de Indústria — DEIND, publica o presente estudo a respeito do comportamento da indústria de Santa Catarina, a partir de 1981, à luz dos resultados da Pesquisa Industrial Mensal — Produção Física.

A amostra definida para o local resume-se no levantamento de informações de quantidade produzida para 125 produtos (cerca de 90% deles, com cobertura acima de 70% — Anexo 1), coletadas em cerca de 320 estabelecimentos industriais. A representatividade dessa amostra atinge 49,3% do Valor da Produção total do setor e 57,6% se considerados somente o VP dos dezessete

gêneros pesquisados pelo IBGE. Destes, no entanto, apenas treze alcançaram cobertura adequada para divulgação no Estado (Anexo 3).

Os procedimentos metodológicos básicos da Pesquisa Industrial Mensal encontram-se no número anterior desta revista, junto ao estudo desenvolvido sobre o desempenho da indústria do Paraná e, ainda, na publicação ÍNDICES DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL — SÉRIES REVISTAS — 1975/85 (IBGE 1986).

---

## ESTRUTURA ECONÔMICA

---

Nas duas últimas décadas a indústria catarinense marcou um significado avanço no cenário industrial brasileiro, elevando a sua participação na produção nacional do setor de 2,7% em 1970 para 4,2% em 1980.

---

\* Economista do Grupo de Análise do Departamento de Indústria do IBGE.

Agradeço a colaboração dos demais colegas integrantes do Grupo de Análise do DEIND nas discussões das versões preliminares desse texto, o que, no entanto, não os responsabilizam pelas incorreções porventura constantes no mesmo: Ivan Gelabert Barbosa, José Leonídio Madureira Souza Santos, Paulo Gonzaga Mibielli de Carvalho, Reginaldo Bethencourt Carvalho, Rogério Studart, Silvío Sales de Oliveira e Tereza Cristina Mendes e ainda, Maria da Graça Silva e Neusa Bomfim pelos serviços, respectivamente, de secretaria e datilografia preliminar.

Atualmente esta representatividade deve estar mais elevada, considerando-se que de 1982 a 1988 (até julho) — período para o qual o IBGE dispõe de indicadores para o local — o Estado apresentou crescimento industrial superior à média brasileira, como mostra o Gráfico 1.

Outros indicadores também apontam para a evolução favorável da industrialização de Santa Catarina, especialmente na década passada. Entre 1970 e 1980, o setor saltou de 30,5% para 47,0% na composição do Produto Interno Bruto (PIB) estadual (Tabela 1), o que o coloca na liderança em ter-

### 1 – ESTRUTURA DO PIB DE SANTA CATARINA, SEGUNDO OS SETORES – 1970/80

SETORES	ESTRUTURA DO PIB (%)		
	1970	1975	1980
Agropecuária .....	25,2	22,0	16,5
Indústria.....	30,5	37,6	47,0
Serviços.....	44,3	40,4	36,5
Total .....	100,0	100,0	100,0

mos da formação do Valor Adicionado local, diferentemente do que ocorre no PIB brasileiro em que o Setor Serviços ostenta a maior participação. No mesmo período, o pessoal ocupado na produção industrial evoluiu de 13,6% para 20,4% da População Economicamente Ativa (Tabela 2). E,

### 2 – PESSOAL OCUPADO NA PRODUÇÃO “VERSUS” POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA DE SANTA CATARINA – 1950-1980

ANOS	PESSOAL OCUPADO NA PRODUÇÃO (A)	POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA (B)	(A/B) (%)
1950 .....	44 526	480 393	9,3
1960 .....	69 682	641 195	10,9
1970 .....	120 045	882 229	13,6
1980 .....	276 813	1 356 186	20,4

FONTES – Censos Industriais e Demográficos.

ainda, as exportações do Estado que no início da década de 1970 significavam pouco mais de 1,5% das exportações brasileiras, alcançaram, em média, na primeira metade da corrente década uma representatividade superior a 4,0%, sendo que no biênio 1986/87 mais de 60% das vendas externas

do Estado já correspondiam a produtos industrializados (Tabelas 3 e 4). Observa-se, no entanto, que nos anos de retração econômica (1982/83) a indústria catarinense, além de sofrer o impacto do desaquecimento do mercado interno, ainda foi atingida pelo retrocesso das suas vendas externas, o que provocou o declínio em mais de 10 pontos percentuais na participação das exportações do setor (Tabela 4).

### 3 – EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES TOTAIS DE SANTA CATARINA – 1973-86

ANOS	VALOR (1 000 US\$)	PARTICIPAÇÃO NAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS (%)
1973 .....	112 719	1,8
1974 .....	163 122	2,0
1975 .....	213 357	2,5
1976 .....	272 736	2,7
1977 .....	342 670	2,8
1978 .....	389 784	3,1
1979 .....	529 368	3,5
1980 .....	858 105	4,3
1981 .....	946 061	4,1
1982 .....	848 905	4,2
1983 .....	885 831	4,0
1984 .....	1 154 242	4,3
1985 .....	1 001 260	3,9
1986 .....	947 461	4,2

FONTE – Relatórios do Banco do Brasil – CACEX.

### 4 – EXPORTAÇÕES DE SANTA CATARINA – 1979-87

ANOS	EXPORTAÇÕES (1 000 US\$)		
	Total (A)	Industrializados (B)	Relação (B/A) (%)
1979 .....	529 368	291 466	55,1
1980 .....	858 105	508 802	59,3
1981 .....	946 061	514 595	54,4
1982 .....	848 905	375 816	44,3
1983 .....	885 831	385 350	43,5
1984 .....	1 154 242	643 529	55,6
1985 .....	1 001 260	512 137	51,2
1986 .....	947 461	570 024	60,0
1987 (1) ...	909 473	573 242	63,0

FONTE – Relatórios do Banco do Brasil – CACEX.

(1) Dados referentes a janeiro/novembro extraídos da Revista *Análise Conjuntural de Santa Catarina*, n.º 6; jul.-dez. de 1987.

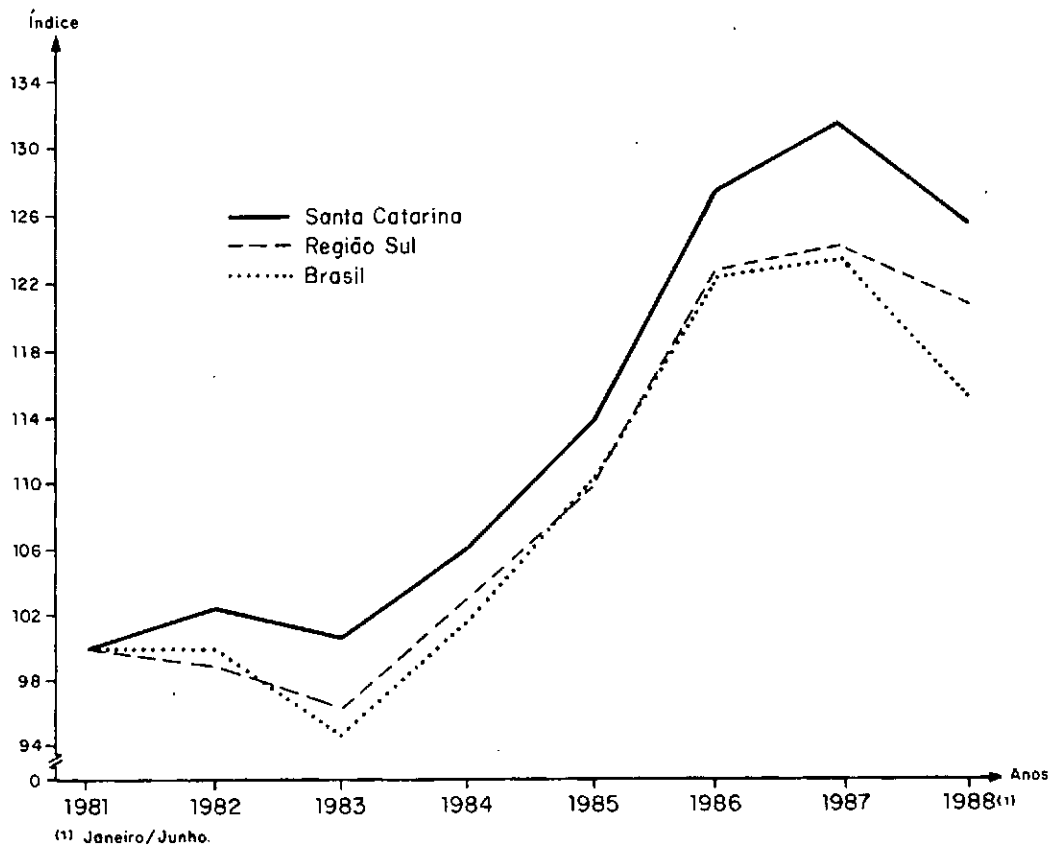
Como consequência natural da própria evolução das atividades industriais, o perfil do setor vem registrando modificações significativas, com os segmentos ditos tradicionais<sup>1</sup> perdendo peso em prol dos mais modernos. De 1970 para 1980, gêneros como extração de minerais, madeira, papel e papelão, têxtil, alimentares e bebidas reduziram sua representatividade, enquanto que metalúrgica, mecânica, material elétrico e química, por exemplo, vêm ganhando im-

<sup>1</sup> Destaca-se aqui como indústria tradicional aquela que, no todo, ainda mantém uma relação capital-produto comparativamente baixa.



GRÁFICO 1

NÍVEL DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL – 1981/88  
(Base: média de 1981 = 100)



portância (Tabela 6). Apesar disto, os gêneros mais significativos em termos de geração de valor adicionado ainda pertencem ao primeiro grupo, como são os casos de têxtil, alimentares, madeira e vestuário, que no conjunto respondiam em 1980 por mais de 45% do Valor da Transformação Industrial. É este aspecto que possivelmente venha explicar o fato do salário médio na indústria local situar-se bem abaixo da média nacional — em torno de 70% desta em 1980, conforme mostra a Tabela 5 — tendo em vista que os segmentos mais tradicionais ao requererem um grau menor de especialização da mão-de-obra acabam, assim, contemplando níveis de remuneração mais baixos.

#### 5 - EVOLUÇÃO DO SALÁRIO MÉDIO NA INDÚSTRIA - 1940-1984

ANOS	EVOLUÇÃO DO SALÁRIO MÉDIO (EM CRUZEIROS NOVOS)		
	Santa Catarina (A)	Brasil (B)	(A/B) (%)
1940 .....	1,7	2,3	73,9
1950 .....	8,4	10,5	80,0
1960 .....	58,9	80,7	73,0
1970 .....	3 115,9	4 680,8	66,6
1975 .....	10 699,4	15 539,7	68,9
1980 .....	108 010,6	151 182,8	71,4
1984 .....	2 991 802,0	4 293 889,3	69,7

FONTE — Censos Industriais.

Por fim, outra característica da indústria de Santa Catarina é o fato de ser relativamente mais diversificada que, por exemplo, a dos outros Estados da região: a participação dos cinco principais gêneros na formação do VTI global representa 54,4% em Santa Catarina, 60,9% no Rio Grande do Sul e 69,3% no Paraná, segundo o Censo de 1980. A estrutura, segundo os complexos industriais, também confirma esta particularidade (Tabela 11). Este fato pode conferir à indústria catarinense uma maior estabilidade relativa no seu processo evolutivo.

#### ANÁLISE DOS RESULTADOS

No período de 1982 a julho de 1988 a indústria de Santa Catarina, acompanhando o movimento geral da indústria brasileira, apresenta três fases distintas em termos de níveis de desempenho, que serão analisadas em detalhe a seguir:

#### Desempenho de 1982/83

No biênio em consideração a indústria deste Estado atingiu uma performance bastante tímida, com taxa média praticamente nula (0,7%) resultante de um crescimento de 2,5% em 1982, com relação ao ano anterior, e queda de - 1,8% em 1983. Apesar disto, este desempenho ainda superou o da indústria brasileira cuja média foi negativa em razão das taxas de 0% e - 5,2% obser-

#### 6 - ESTRUTURA DA INDÚSTRIA DE SANTA CATARINA, PELO VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS - 1970-1980

CLASSES E GÊNEROS	VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL (%)	
	1970	1980
Indústria geral .....	100,00	100,00
Extrativa mineral .....	6,03	3,62
Indústrias de transformação ..	93,97	96,38
Minerais não-metálicos ....	4,81	7,69
Metalúrgica .....	4,74	6,17
Mecânica .....	5,56	7,74
Material elétrico e de comu- nicção .....	1,19	2,14
Material de transporte .....	2,40	2,44
Madeira .....	18,36	11,55
Mobiliário .....	2,81	3,55
Papel e papelão .....	6,89	3,88
Borracha .....	0,23	0,19
Couro e peles .....	0,54	0,25
Química .....	2,02	4,19
Farmacêutica .....	0,55	0,18
Perfumaria .....	0,45	0,10
Matérias plásticas .....	5,77	5,60
Têxtil .....	17,58	14,44
Vestuário, calçados e ar- tefatos de tecido .....	1,15	8,55
Alimentares .....	14,26	12,09
Bebidas .....	1,07	0,58
Fumo .....	0,98	1,69
Editorial e gráfica .....	0,73	0,65
Diversas .....	1,88	2,01
Unidade auxiliar de apoio ..	-	0,70
Unidade auxiliar de admi- nistração .....	-	-

FONTE — Censo Industrial.

vadas, respectivamente, naqueles anos (Tabela 7).

7 - ÍNDICES ANUAIS DE DESEMPENHO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL - 1982-88  
(Base: ano anterior = 100)

ANOS	ÍNDICES ANUAIS DE DESEMPENHO		
	Santa Catarina	Região Sul	Brasil
1982.....	102,5	99,0	100,0
1983.....	98,2	97,2	94,8
1984.....	105,4	107,0	107,1
1985.....	107,2	106,5	108,5
1986.....	112,1	111,8	110,9
1987.....	103,1	101,2	100,9
1988(1).....	96,2	97,4	96,2

(1) Janeiro/julho.

Em 1982 os segmentos preponderantemente produtores de bens de consumo ainda revelaram, com exceção de bebidas, resultados positivos, como foram os exemplos de têxtil (2,7%), vestuário (4,6%), alimentares (6,9%) e fumo (24,9%). O mesmo ocorreu com aqueles que produzem basicamente bens intermediários: extrativa (11,0%), química (26,3%) e matérias plásticas (15,5%). Nesse caso a exceção ficou por conta de papel e papelão (-1,5%). Já os setores que estão relacionados a bens de capital e construção civil, que normalmente são os que mais se retraem nos períodos de crise econômica, revelaram acentuado decréscimo de produção, como ocorreu com a metalúrgica (-16,5%), material elétrico (-23,7) e minerais não-metálicos (-9,8%) e, ainda, a mecânica (0,3%) com resultado praticamente nulo (Tabelas 8 e 9).

O ano de 1983, que marcou o auge do processo recessivo do período para a indústria brasileira, representou para o setor em Santa Catarina um decréscimo de -1,8%. Ao contrário de 1982, os segmentos mais atingidos foram agora os de bens de consumo, com todos (exceto alimentares) apresentando resultados negativos. Isto refletindo, naturalmente, a forte retração

da massa de salários da economia, fruto tanto do crescimento do desemprego como da política salarial restritiva aplicada à época. As maiores reduções na produção do grupo ocorreram em bebidas (-19,5%), têxtil (-10,3%) e vestuário (-10,0%). Nos ramos eminentemente produtores de insumos, a química (-2,7%) e matérias plásticas (-16,7%) registraram queda, enquanto papel e papelão (3,6%) e extrativa (2,8%) tiveram performance positiva. O comportamento bastante distinto da química naqueles dois anos: 26,3% de crescimento em 1982 e declínio de -2,7% em 1983 relaciona-se, conseqüentemente, com o desempenho diferenciado do "complexo soja" no mesmo período, ramo mais importante do gênero no Estado. Os segmentos atrelados a bens de capital e formação bruta de capital fixo, entretanto, apresentaram crescimento, fato que pode ser atribuído aos reflexos de expectativas quanto à eminente retomada do crescimento econômico que viria a ocorrer já no ano seguinte. O gênero que apresentou recuperação mais expressiva foi material elétrico que passou de uma queda de 23,7% em 1982 para um crescimento de 8,1% no ano seguinte.

8 - ÍNDICE ACUMULADO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL DE SANTA CATARINA, SEGUNDO AS CATEGORIAS DE USO - 1982-88  
(Base: igual período do ano anterior)

CATEGORIAS DE USO	ÍNDICE ACUMULADO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL						
	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988 (1)
Bens de capital.....	83,0	110,9	132,3	114,5	130,3	113,9	95,9
Bens intermediários.....	102,6	99,2	111,6	107,6	107,7	101,0	101,8
Bens de consumo.....	104,9	96,7	97,1	105,7	112,9	104,3	89,8
Duráveis.....	107,8	99,3	97,9	135,0	140,6	110,3	75,1
Não-duráveis.....	104,6	96,4	97,0	102,5	108,9	103,2	92,6
Indústria geral.....	102,5	98,2	105,4	107,2	112,1	103,1	96,0

(1) Janeiro/julho.

### 9 – DESEMPENHO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, EM SANTA CATARINA, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS – 1982-88

CLASSES E GÊNEROS	DESEMPENHO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL							
	1982		1983		1984		1985	
	Índice	Compo- sição	Índice	Compo- sição	Índice	Compo- sição	Índice	Compo- sição
Extrativa mineral .....	110,96	0,40	102,75	0,11	100,90	0,04	109,43	0,37
Minerais não-metálicos .....	90,17	-0,97	101,96	0,17	111,19	1,00	106,24	0,60
Metalúrgica .....	83,53	-1,31	102,72	0,18	135,99	2,43	110,58	0,93
Mecânica .....	100,31	0,03	104,83	0,47	102,78	0,29	113,37	1,36
Material elétrico .....	76,25	-0,65	108,09	0,17	146,96	1,05	143,35	1,36
Papel e papelão .....	98,50	-0,08	103,59	0,17	111,91	0,59	110,23	0,55
Química .....	126,34	1,42	97,32	-0,18	107,24	0,47	99,47	-0,04
Matérias plásticas .....	115,51	1,12	83,27	-1,36	101,04	0,07	108,38	0,55
Têxtil .....	102,85	0,49	89,75	-1,91	93,63	-1,10	109,83	1,49
Vestuário .....	104,64	0,51	90,04	-1,15	100,09	0,07	99,53	-0,04
Alimentares .....	106,85	1,07	110,98	1,77	101,41	0,26	99,15	-0,15
Bebidas .....	86,85	-0,10	80,49	-0,12	104,85	0,03	119,56	0,10
Fumo .....	124,89	0,54	94,18	-0,15	109,34	0,24	104,90	0,13
Indústria geral .....	102,47	2,47	98,20	-1,80	105,44	5,44	107,21	7,21

CLASSES E GÊNEROS	1986		1987		1988(1)	
	Índice	Compo- sição	Índice	Compo- sição	Índice	Compo- sição
Extrativa mineral .....	88,15	-0,48	85,81	-0,45	127,83	0,65
Minerais não-metálicos .....	112,37	1,17	109,10	0,87	106,74	0,65
Metalúrgica .....	120,38	1,84	98,97	-0,10	92,10	-0,76
Mecânica .....	132,54	3,50	104,78	0,61	84,30	-2,01
Material elétrico .....	140,75	1,71	118,62	0,99	105,72	0,32
Papel e papelão .....	108,89	0,49	107,09	0,38	93,12	-0,39
Química .....	95,39	-0,64	94,95	-0,33	114,95	0,73
Matérias plásticas .....	116,94	1,13	99,56	-0,03	89,76	-0,72
Têxtil .....	112,08	1,87	97,30	-0,42	96,78	-0,47
Vestuário .....	97,20	-0,25	106,63	0,50	92,11	-0,63
Alimentares .....	110,81	1,77	106,14	0,99	91,94	-1,27
Bebidas .....	121,33	0,12	91,72	-0,05	100,83	0,00
Fumo .....	81,61	-0,47	104,12	0,08	97,43	-0,08
Indústria geral .....	112,12	12,12	103,11	3,11	96,03	-3,97

(1) Janeiro/julho.

### Desempenho de 1984/86

O triênio de 1984/86 marcou um expressivo avanço na produção industrial brasileira que teve início com a expansão das exportações sustentando-se, nos dois anos seguintes, pelo reaquecimento do mercado interno. Nesse movimento também se insere a indústria catarinense com favorável performance, ao se expandir, no período considerado, a taxas sucessivamente crescentes, cuja média anual atingiu a marca de 8,2%.

No crescimento de 5,4% em 1984, com relação ao ano anterior, foi determinante o desempenho dos bens de capital e bens intermediários — estimulados, respectivamente, pelo aumento dos investimentos e das exportações — já que os bens de consumo apresentaram resultado negativo em virtude da não recuperação ainda do mercado interno, o que se refletiu na baixa performance de têxtil, o gênero mais importante da categoria no local, com queda de -6,4%, bem como na de vestuário (0,1%) e alimentares (1,4%). No grupo, apenas fumo (9,3%) conseguiu crescer acima da taxa média global. Com relação aos bens de capital e intermediários, se destacaram os produtos oriundos de material elétrico (47,0%), metalúrgica (36,0%), papel e papelão (11,9%) e minerais não-metálicos (11,2%), respectivamente.

Vale frisar, mais uma vez, a importância das exportações nesse processo de retomada do crescimento. Em 1984 o valor das vendas externas totais do Estado aumentou em 30,3% com relação a 1983, sendo que os produtos industrializados se destacaram com crescimento de 67%, como mostra a Tabela 4.

Em 1985 a taxa de crescimento da indústria do Estado foi da ordem de 7,2%. Na determinação deste resultado destacou-se, novamente, o segmento de bens de capital, com material elétrico (43,4%) e mecânica (13,4%) sendo os principais responsáveis pelo desempenho da categoria. A queda de produção da química e redução do ritmo de crescimento da metalúrgica afetaram a performance dos intermediários naquele ano, com diminuição da taxa de crescimento. No que se refere aos bens de consumo, apesar de alimentares (-0,9%) e

vestuário (-0,5%) registrarem desempenho negativo, a categoria como um todo atingiu crescimento em função das expressivas taxas apresentadas por têxtil (9,8%) e bebidas (19,6%) e, ainda, sob a influência do bom resultado dos bens duráveis. Com relação ao comportamento desfavorável de alimentares, bem como o da química, a justificativa está, basicamente, na má safra de cana-de-açúcar no Estado, ao afetar, respectivamente, a produção de açúcar e álcool.

Finalmente, no último ano do ciclo expansivo em análise (1986), a indústria catarinense atinge a notável taxa de 12,1%. Mesmo assim, quatro gêneros ainda revelaram desempenho negativo: extrativa mineral (-11,9%), química (-4,6%), vestuário (-2,8%) e fumo (-18,4%). Por outro lado, todos os que registraram expansão revelaram expressivas taxas, sobressaindo-se material elétrico (40,8%), mecânica (32,5%), metalúrgica (20,4%), bebidas (21,3%) e matérias plásticas (16,9%). Os resultados desfavoráveis da extrativa e da química estão relacionados, em boa medida, às dificuldades no setor carbonífero, com o conseqüente declínio da produção de carvão mineral e coque metalúrgico, respectivamente.

Em suma, no período de 1984/86 a indústria de Santa Catarina experimentou acentuada expansão, alcançando no triênio um aumento acumulado de produção da ordem de 26,7%, resultado que, no entanto, ficou um pouco abaixo do de Brasil (28,9%) e do da própria Região Sul (27,4%).

### Desempenho de 1987/88

Após crescer a uma taxa média anual de 8,2% no triênio 1984/86, a indústria de Santa Catarina registra, na esteira das dificuldades que vêm atingindo a indústria de todo o país, desaceleração no ritmo de crescimento de suas atividades, ao se expandir em 3,1% em 1987 com relação ao ano anterior. Mesmo assim, este resultado ainda se situa bem acima da média brasileira, que atingiu tão-somente 0,9%. Muitos gêneros ainda apresentaram significativa expansão, como foram os casos de material elétrico (18,6%), minerais não-metálicos (9,1%), papel e papelão (7,1%), vestuário (6,6%) — praticamente o seu primeiro resultado

positivo desde 1983 — e alimentares (6,1%). As maiores retrações ocorreram em extrativa mineral (-14,2%), bebidas (-8,3%), química (-5,1%) e têxtil (-2,7%). Com relação à extrativa, foi responsável pela sua retração a queda da produção de carvão mineral, cujo setor vem enfrentando uma série de dificuldades que vão desde a falta de um programa governamental que viabilize o seu planejamento até a diminuição acentuada dos preços do produto, fatores que certamente muito contribuíram na determinação da auto-falência de algumas empresas no setor em 1987.

O processo de desaquecimento do ritmo de produção vem se agravando no decorrer de 1988, com a indústria do Estado apresentando nos primeiros sete meses do ano um decréscimo de 4,0% frente a igual período do ano anterior. Dos onze gêneros pesquisados, cinco revelaram expansão: extrativa (27,8%), minerais não-metálicos (6,7%), material elétrico (5,7%), química (15,0%) e bebidas (0,8%), sendo que as elevadas taxas de extrativa e da química resultam, em boa medida, do "efeito-base", um vez que esses segmentos apresentaram nos dois anos anteriores significativas quedas de produção. Com resultados negativos destacam-se mecânica (-15,7%), matérias plásticas (-10,2%), alimentares (-8,1%), vestuário (-7,9%) e metalúrgica (-7,9%). Observa-se, assim, que os segmentos envolvidos na produção de bens de capital, que vinham dando acentuada contribuição na formação da taxa global, apresentam, no conjunto, seu primeiro resultado negativo desde 1983, em função da forte retração da mecânica e da desaceleração do crescimento de material elétrico. Entretanto, foram os gêneros voltados para a produção de bens de consumo os que causaram maior impacto negativo na composição do resultado global. A fuga para as exportações como um meio de compensar o desaquecimento do mercado interno, não vem obtendo o mesmo sucesso como ocorre em outros estados. Basta verificar que em 1987, último dado disponível, enquanto as exportações brasileiras de produtos industriais cresceram a uma taxa de 21,1% com relação ao ano anterior, as de Santa Catarina se elevaram tão-somente em 8,2%. Observa-se, portanto, que este percentual

encontra-se muito abaixo do crescimento observado em 1984 (67,0% relativamente a 1983), base para a retomada do crescimento da indústria do Estado. Os produtos mais atingidos na redução das vendas externas foram açúcar, couro e calçados, e carne de aves.

---

## COMPLEXOS INDUSTRIAIS

---

Analisando o desempenho industrial pela ótica dos grandes complexos produtivos, constata-se que, no período 1982/83, a Agroindústria foi o único a apresentar resultados positivos naqueles dois anos, sendo o principal responsável tanto pelo crescimento da indústria em 1982 como por uma menor retração do setor no ano seguinte, ao se expandir, respectivamente, 12,7% e 4,9%. Se no primeiro ano o segmento de *trigo e soja* forneceu a maior contribuição para comportamento favorável do complexo, em 1983 foi o de *cana-de-açúcar* que desempenhou tal papel (Tabela 10).

Com desempenho negativo em 1982 encontram-se os complexos de Metal-mecânica (-10,2%) e de Construção Civil (-9,7%), sendo do primeiro o maior impacto na taxa global da indústria e a *siderurgia* o seu segmento de maior retração (-22,9%). Já em 1983, o complexo Têxtil, com declínio de produção da ordem de -10,1%, passou a ser o principal responsável pelo desempenho negativo da indústria como um todo.

A significativa expansão industrial que marcou o período de 1984/86 foi basicamente sustentada pelo comportamento altamente positivo do complexo Metal-mecânica, que se expandiu 21,2% em 1984, 16,8% em 1985 e 27,8% em 1986. No primeiro ano a *siderurgia*, com 40,3% de crescimento, gerou o principal impacto positivo, função que passou a ser exercida nos anos de 1985/86 pelo subcomplexo de *materiais e aparelhos elétricos*, com expansão de 17,8% e 31,4%, respectivamente.

Vale frisar, ainda, que no período em análise, a Agroindústria apresentou tímido desempenho (1,1% em 1984, 0,8% em 1985 e 5,8% em 1986), fato creditado à baixa

10 – ÍNDICE ACUMULADO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL DE SANTA CATARINA, SEGUNDO A  
ÓTICA DE COMPLEXOS INDUSTRIAIS – 1982-88  
(Base: igual período do ano anterior = 100)

COMPLEXOS INDUSTRIAIS	ÍNDICE ACUMULADO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL							
	1982		1983		1984		1985	
	Índice	Compo- sição	Índice	Compo- sição	Índice	Compo- sição	Índice	Compo- sição
Metal-mecânica.....	89,8	-2,20	104,0	0,76	121,2	4,24	116,8	3,87
Produtos metalúrgicos.....	103,0	0,05	77,1	-0,37	136,4	0,46	130,2	0,50
Metalurgia dos não-ferrosos.....	105,6	0,01	90,8	-0,01	117,7	0,02	100,9	0,00
Siderurgia.....	77,1	-1,63	109,3	0,50	140,3	2,41	108,3	0,66
Máquinas e equipamentos.....	93,6	-0,18	107,2	0,18	112,8	0,35	109,3	0,27
Materiais e aparelhos elétricos.....	95,6	-0,43	104,7	0,42	107,9	0,76	117,8	1,76
Eletrônico.....	96,1	-0,01	117,3	0,04	189,6	0,23	249,7	0,68
Têxtil.....	103,4	1,01	89,9	-3,03	96,1	-1,08	105,8	1,44
Agroindústria.....	112,7	2,79	104,9	1,19	101,1	0,28	100,8	0,20
Pecuária e derivados.....	109,1	0,98	104,4	0,51	103,6	0,44	109,3	1,12
Trigo e soja.....	133,5	1,46	93,5	-0,37	91,4	-0,47	107,8	0,37
Cana-de-açúcar.....	102,1	0,08	134,5	1,29	97,8	-0,11	70,4	-1,40
Outros.....	108,6	0,27	92,8	-0,24	113,0	0,41	103,3	0,11
Construção civil.....	90,3	-0,97	101,7	0,15	111,0	1,00	106,2	0,60
Outros.....	111,0	1,84	95,3	-0,87	105,7	1,00	106,2	1,10
Indústria geral.....	102,5	2,47	98,2	-1,80	105,4	5,44	107,2	7,21

COMPLEXOS INDUSTRIAIS	1986		1987		1988 (1)		Acumulado 1982/88
	Índice	Compo- sição	Índice	Compo- sição	Índice	Compo- sição	
Metal-mecânica.....	127,8	6,97	104,4	1,26	89,2	-3,17	157,3
Produtos metalúrgicos.....	126,4	0,53	108,0	0,18	72,0	-0,73	138,6
Metalurgia dos não-ferrosos.....	107,4	0,01	109,8	0,01	102,8	0,00	138,1
Siderurgia.....	115,4	1,24	93,7	-0,52	99,4	-0,05	137,6
Máquinas e equipamentos.....	130,1	0,91	103,1	0,11	86,8	-0,46	144,0
Materiais e aparelhos elétricos.....	131,4	3,41	108,9	1,13	90,3	-1,31	164,9
Eletrônico.....	183,7	0,89	119,9	0,35	70,1	-0,62	824,1
Têxtil.....	106,6	1,62	100,5	0,10	94,7	-1,18	95,9
Agroindústria.....	105,8	1,36	105,4	1,19	97,3	-0,61	130,7
Pecuária e derivados.....	107,2	0,89	105,6	0,66	104,0	0,46	151,8
Trigo e soja.....	101,1	0,05	102,7	0,11	117,2	0,68	149,7
Cana-de-açúcar.....	129,8	0,92	113,8	0,49	50,9	-1,59	71,1
Outros.....	84,5	-0,51	96,9	-0,08	96,0	-0,16	92,5
Construção civil.....	112,3	1,17	109,1	0,86	106,9	0,67	141,8
Outros.....	105,7	1,00	98,1	-0,30	98,4	-0,25	121,2
Indústria geral.....	112,1	12,12	103,1	3,11	95,5	-4,54	125,5

(1) Primeiro semestre.

### 11 – ESTRUTURA DA INDÚSTRIA DE SANTA CATARINA, SEGUNDO OS COMPLEXOS INDUSTRIAIS – 1985

COMPLEXOS INDUSTRIAIS	PARTICIPAÇÃO (%)
	(%)
Metal-mecânica .....	23,0
Têxtil .....	24,9
Agroindústria .....	24,8
Construção civil .....	9,6
Outros .....	17,1
Total .....	100,0

NOTA – Dados estimados a partir da Amostra da PIM-PF e atualizados para 1985 pela evolução da produção física.

### 12 – ESTRUTURA DO SETOR SERVIÇOS, NA PARTICIPAÇÃO DO PIB, SEGUNDO OS SETORES – 1980

SETORES	ESTRUTURA DO SETOR SERVIÇOS	
	Santa Catarina	Brasil
Serviços .....	36,50	51,70
Comércio .....	10,71	14,56
Transporte e comunicações .....	3,71	4,04
Instituições financeiras .....	4,15	7,95
Administrações públicas .....	4,57	6,36
Aluguéis .....	4,99	6,72
Outros .....	8,37	12,06

performance média dos segmentos de *trigo e soja* e de *cana-de-açúcar*. Da mesma forma, o complexo Têxtil, depois de retrair-se em  $-3,9\%$  em 1984, expandiu-se nos dois anos seguintes, porém, em níveis bem abaixo da taxa média global. Por outro lado, a Construção Civil foi, depois da Metal-mecânica, a que registrou as maiores taxas, embora a sua contribuição na determinação do resultado da indústria tenha sido superada pela de Outros.

Finalmente, os anos de 1987 e 1988 (até junho) marcaram um forte retrocesso no ritmo de expansão de todos os complexos que, com exceção de Construção Civil, pas-

saram a atingir resultados negativos no ano em curso. A Metal-mecânica que havia sido o principal sustentáculo do ciclo expansivo de 1984/86, quando atingiu taxa média anual de crescimento no período em torno de  $22\%$ , avança apenas  $4,4\%$  em 1987 e declina  $-10,8\%$  no primeiro semestre de 1988. O comportamento negativo da *siderurgia* no ano passado ( $-6,3\%$ ) e as retrações em *materiais e aparelhos elétricos* ( $-9,7\%$ ) e *produtos metalúrgicos* ( $-28,0\%$ ) no corrente ano foram básicos na determinação de tais resultados. Pior desempenho, porém, apresentou o complexo Têxtil, ao crescer somente  $0,5\%$  em 1987 e decrescer  $-5,3\%$  nos seis primeiros meses deste ano. Já a Agroindústria conseguiu expandir-se acima da média no ano passado, com taxa de  $5,4\%$ , graças ao bom desempenho da *pecuária e derivados* ( $5,6\%$ ) e do segmento de *cana-de-açúcar* ( $13,8\%$ ). Este último, entretanto, foi o principal causador da performance negativa do complexo este ano, ao decair  $49,1\%$ . A Construção Civil, por sua vez, é o único complexo a registrar comportamento positivo em 1988 ( $6,9\%$ ), depois de haver crescido  $9,1\%$  no ano anterior.

Em suma, o desempenho acumulado da indústria do Estado de Santa Catarina para o período de 1982 a 1988 (até junho) foi influenciado de forma significativa pelo comportamento dos complexos produtivos da Metal-mecânica, Agroindústria e Construção Civil, todos com performance acumulada acima do resultado global do setor industrial, enquanto os segmentos agrupados sob o título de Outros e o de Têxtil ficaram com desempenho abaixo, sendo que este último foi o único a apresentar, para o período observado, resultado negativo.



**ANEXO**  
**TABELAS REFERENTES À REPRESENTATIVIDADE DA AMOSTRA**

**1 – COMPOSIÇÃO DA TAXA DE CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA GERAL EM SANTA CATARINA(1)**  
**(Indicador Acumulado, segundo os Gêneros da Indústria)**

ANOS	GÊNEROS(2)	COMPOSIÇÃO DA TAXA	PRODUTOS RESPONSÁVEIS(3)
1982	Indústria geral	2,5	–
	Química	1,4	Farelo de soja peletizado Óleo de soja, em bruto
	Matérias plásticas	1,1	Mangueiras, canos, tubos e conexões de material plástico Sacos e sacolas de material plástico
	Produtos alimentares	1,1	Aves abatidas Rações e forragens para aves
	Outros	– 1,1	–
1983	Indústria geral	– 1,8	–
	Têxtil	– 1,9	Camisetas de malha Fios crus de algodão
	Matérias plásticas	– 1,4	Mangueiras, canos, tubos e conexões de material plástico Flocos e grãos de plástico
	Vestuário	– 1,1	Blusas e camisas esporte para homens Blusas, blusões e camisas esporte para crianças
	Outros	2,6	–
1984	Indústria geral	5,4	–
	Metalúrgica	2,4	Ferro e aço fundido em formas e peças Parafusos de ferro e aço
	Material elétrico	1,1	Caixas acústicas Motores elétricos de 1 a menos de 10CV
	Minerais não-metálicos	1,0	Azulejo decorado Azulejo liso – inclusive em cores
	Outros	0,9	–
1985	Indústria geral	7,2	–
	Têxtil	1,5	Tecidos acabados ou beneficiados de algodão Tecidos de malha
	Mecânica	1,4	Refrigeradores domésticos Compressores selados ou não para refrigeradores e semelhantes
	Material elétrico	1,4	Caixas acústicas Motores elétricos de 1 a menos de 10CV
	Outros	2,9	–
1986	Indústria geral	12,1	–
	Mecânica	3,5	Refrigeradores domésticos Compressores selados ou não para refrigeradores e semelhantes
	Têxtil	1,9	Tecidos acabados ou beneficiados de algodão Camisetas de malha
	Metalúrgica	1,8	Ferro e aço fundido em formas e peças Parafusos de ferro e aço
	Produtos alimentares	1,8	Açúcar refinado Aves abatidas
	Outros	3,1	–
1987	Indústria geral	3,1	–
	Produtos alimentares	1,0	Açúcar refinado Carne de bovino, verde
	Material elétrico	1,0	Quadros, painéis, cubículos e subestações de distr. e controle Caixas acústicas
	Minerais não-metálicos	0,9	Azulejo decorado Azulejo liso – inclusive em cores
	Outros	0,2	–
1988(4)	Indústria geral	– 4,0	–
	Mecânica	– 2,0	Refrigeradores domésticos Talhas e guinchos
	Produtos alimentares	– 1,3	Açúcar refinado Rações e forragens – exclusive para aves e bovinos
	Metalúrgica	– 0,8	Porcas e arruelas de ferro e aço Parafusos de ferro e aço
	Outros	0,1	–

(1)  $C = (I_G - 100) \cdot K$ , onde: C = Participação do gênero na formação do total da taxa de crescimento;  $I_G$  = Indicador do gênero; e K = Peso do gênero no total da indústria geral. (2) Foram destacados os principais gêneros (e com a mesma tendência do resultado do  $I_G$ ), na formação da taxa global. (3) Foram selecionados em cada gênero, os dois principais produtos responsáveis pelo indicador. (4) Acumulado janeiro/julho.

**2 – DISTRIBUIÇÃO DOS PRODUTOS SELECIONADOS, EM SANTA CATARINA,  
SEGUNDO FAIXAS DE COBERTURA DA RESPECTIVA AMOSTRA DE INFORMANTES  
CENSO INDUSTRIAL – 1980**

FAIXAS DE COBERTURA (% VP do produto)	PRODUTOS	
	Número	(%)
90   ____   100 .....	81	64,8
70   ____ 90 .....	32	25,6
60   ____ 70 .....	6	4,8
50   ____ 60 .....	6	4,8
Total .....	125	100,0

**3 – COBERTURA DA AMOSTRA EM SANTA CATARINA, POR VALOR DA PRODUÇÃO,  
SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS  
CENSO INDUSTRIAL – 1980**

CLASSES E GÊNEROS	VALOR DA PRODUÇÃO (Cr\$ 1 000)		(B/A) (%)
	Uníverson (A)	Produto/Informante (B)	
Indústria geral.....	381 526 265		49,3
Indústria geral (1).....	326 282 020		57,6
I – Seleccionados para divulgação (total).....	316 585 850	188 041 290	–
Extrativa mineral.....	7 411 191	5 351 027	72,2
Minerais não-metálicos.....	20 290 648	10 560 242	52,0
Metalúrgica.....	23 025 606	12 121 501	52,6
Mecânica.....	26 992 756	11 419 432	42,3
Material elétrico e de comunicações.....	9 005 875	5 932 389	65,9
Papel e papelão.....	18 800 944	14 436 242	76,8
Química.....	22 371 823	17 608 079	78,7
Produtos de matérias plásticas.....	19 215 642	10 688 995	55,6
Têxtil.....	62 548 022	36 907 959	59,0
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	25 667 948	11 850 722	46,2
Produtos alimentares.....	72 815 931	43 682 418	60,0
Bebidas.....	1 890 768	1 186 954	62,8
Fumo.....	6 551 696	6 295 330	96,1
II – Não seleccionados para divulgação (total).....	9 696 170	1 777 684	
Material de transporte.....	8 234 651	1 380 961	16,8
Borracha.....	592 691	–	–
Farmacêutica.....	480 477	194 913	40,6
Perfumaria, sabões e velas.....	388 351	201 810	52,0
III – Não pesquisados (total).....	55 244 245	–	–
Madeira.....	33 566 292	–	–
Mobiliário.....	10 810 055	–	–
Couro e peles.....	1 196 645	–	–
Editorial e gráfica.....	1 668 850	–	–
Diversos.....	5 406 400	–	–
Unidade auxiliar de apoio.....	2 596 003	–	–

(1) Excluído gêneros não pesquisados na PIM-PF.

**4 – ESTRUTURA DO VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL EM SANTA CATARINA,  
SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS  
CENSO INDUSTRIAL – 1980**

CLASSES E GÊNEROS	ESTRUTURA DO VALOR	
	Valor da transformação industrial (Cr\$ 1 000)	Participação do VTI dos gêneros na indústria (%)
Indústria geral .....	168 628 106	100,0000
Extração de minerais .....	6 112 748	3,6250
Indústrias de transformação .....	162 515 358	96,3750
Minerais não-metálicos .....	12 962 937	7,6873
Metalúrgica .....	10 410 981	6,1739
Mecânica .....	13 054 973	7,7419
Material elétrico e de comunicações .....	3 603 346	2,1369
Material de transporte .....	4 106 950	2,4355
Madeira .....	19 470 035	11,5461
Mobiliário .....	5 991 059	3,5528
Papel e papelão .....	6 540 586	3,8787
Borracha .....	322 759	0,1914
Couro e peles .....	422 174	0,2504
Química .....	7 065 053	4,1897
Farmacêutica .....	301 370	0,1787
Perfumaria, sabões e velas .....	175 646	0,1042
Produtos de matérias plásticas .....	9 438 638	5,5973
Têxtil .....	(1)(+) 24 356 169	14,4438
Vestuário, calçados e artefatos de tecido .....	(1)(-) 14 418 084	8,5502
Produtos alimentares .....	20 385 855	12,0891
Bebidas .....	974 094	0,5777
Fumo .....	2 845 258	1,6873
Editorial e gráfica .....	1 092 483	0,6479
Diversos .....	3 391 606	2,0113
Unidade auxiliar de apoio .....	1 185 302	0,7029
Unidade auxiliar de administração .....	-	-

(1) Valores modificados em razão da correção de um estabelecimento classificado no gênero 25 e que, na realidade, pertence ao gênero 24.

# PRODUÇÃO ANIMAL SITUAÇÃO RECENTE E PERSPECTIVAS

Bruno Marcus Rangel Pessanha \*

Até o mês de agosto, persistia a expectativa de que o Produto Real da Agricultura cresceria ainda este ano, na dependência do desempenho do subsetor animal, vez que a performance vegetal já era evidentemente negativa nos dois primeiros quadrimestres, quadro que, em razão da seca no Centro-sul, poderia acusar decréscimos mais acentuados para as lavouras de inverno.

A evolução do desempenho dos dois subsectores é bastante diferenciado ao longo do ano, no que concerne a influências de ordem ecológica ou econômica. Isto porque, diferentemente do que ocorre com a produção vegetal cujo *output*, uma vez definida a área de plantio, depende fundamentalmente do clima (seca ou enchente) ou do ataque de pragas e doenças, o desempenho do subsetor animal caracteriza-se por diferenças inerentes a cada atividade criatória específica, peculiaridades essas derivadas sobretudo do nível tecnológico com que são praticadas. Assim, se a pecuária bovina (corte ou leite) recebe a influência do clima de modo direto no período de entressafra, o mesmo não acontece com a avicultura e suinocultura, atividades que só expressam as manifestações climáticas *por tabela*, já

que dependem do comportamento das safras de milho, soja e trigo, produtos que fornecem os principais componentes das rações. Além disso, as reações dos criadores às mudanças de ordem econômica são muito mais intensas do que as dos produtores agrícolas, que só muito raramente, por razões mercadológicas, deixam de colher a produção. Neste ponto, deve ser ressaltado que o comportamento dos pecuaristas é também distinto, em função da flexibilidade da estrutura de produção, ditada, sobretudo, pela magnitude do ciclo biológico da espécie criada. Neste sentido, a capacidade de reagir com rapidez às variações do mercado é mais evidente nas granjas avícolas, do que nas suinícolas e nas fazendas de gado bovino, respectivamente. Assinala-se, contudo, que o pecuarista de corte ou de leite podem ter reações rápidas às oscilações do mercado (ou manifestações climáticas específicas), enviando mais animais (até fora do peso ou matrizes ainda férteis) para abate, ou retendo-os no pasto, ordenhando ou não as vacas.

O fato de que a produção vegetal tem épocas específicas para colheita e comercialização constitui característica distinta da atividade criatória que, de um modo mais ou menos contínuo, produz e comercializa

\* Engenheiro Agrônomo do DEAGRO/IBGE.

seus produtos durante o ano inteiro. Além disso, por se tratar de produtos altamente perecíveis, a armazenagem da produção animal é, em geral, mais onerosa, o que dificulta a sua inclusão numa política de garantia de preços mínimos, por exemplo, de modo a proteger os criadores em fases adversas de mercado.

Em função de todos os aspectos diferenciais mencionados, a análise do comportamento conjuntural do subsetor pecuário, bem como a tentativa de antever o seu desempenho futuro é tarefa bastante complexa, mormente se for considerado que duas importantes atividades — avicultura e suinocultura — dependem mais diretamente do desempenho da produção vegetal.

As relações de mercado dos próprios produtos de origem animal são também elementos essenciais à análise, já que mais do que complementares, são concorrentes entre si, na disputa dos consumidores. Assim, as carnes de frango e de porco competem com a carne bovina, produto que, em razão de seus preços elevados, tem perdido posição no mercado interno (e mundial) nas últimas décadas. Nesta linha de argumento, devem ser evidenciados os condicionantes econômicos que favorecem o desenvolvimento de uma ou outra atividade criatória. Assim, empiricamente, constata-se que a pecuária bovina, por necessitar de grandes investimentos e longo prazo de maturação, só prospera em fases de crescimento econômico. Em contrapartida, a expansão das granjas produtoras de frango, produto considerado substituto e de preço relativamente mais baixo, só se dá em fases não muito favoráveis da economia, isto é, quando a queda do poder de compra torna inacessível o consumo da carne bovina pela população. A respeito, deve-se assinalar que a competitividade das carnes substitutas está limitada pelo custo final de produção, limite esse determinado em grande medida pelo avanço tecnológico da atividade criatória. Dentro desta ótica, considerando-se o elevado nível tecnológico das granjas de frangos (e de ovos), observa-se que a atividade praticamente atingiu o limiar da eficiência econômica no momento, o que torna inviável a sua permanência no mercado sem o sacrifício da margem de lucro necessária. Note-se,

porém, que essa constatação não se restringe ao Brasil, sendo extensiva também aos países desenvolvidos, onde a participação das carnes de frango e de suínos, mercê da queda dos seus preços (baseada na incorporação de tecnologias redutoras de custos), cresceu fortemente nos mercados internos, nos três últimos decênios. No Brasil, o crescimento da produção e consumo das carnes substitutas, restrito praticamente à de frangos, deu-se mais recentemente (a partir do início da década de 70), tendo como base a sua competitividade mercadológica à carne bovina, cujos preços reais acusavam uma trajetória ascendente, desde os anos 50.

Em relação ao estágio atual de desenvolvimento tecnológico da avicultura e da bovinocultura de corte é interessante destacar que a última atividade apresenta alto nível de competitividade no âmbito internacional, embora os índices zootécnicos do rebanho nacional sejam ainda muito baixos. Daí, a constatação de que a pecuária de corte (e, por extensão, a de leite) dispõe de mais potencial para aumentar a sua eficiência do que a avicultura, desde que incorpore na prática as técnicas de baixos custos geradas pelos centros de pesquisa da EMBRAPA.

A instabilidade econômica (alternância de períodos de recessão — 1981/83 — com fases de pequenas — 1984/85 — e altas taxas de crescimento — 1986 — ou de estagnação — 1988) da presente década tem induzido desempenhos fortemente diferenciados das atividades criatórias, como forma de adaptarem-se às oscilações dos mercados interno ou externo.

---

## PECUÁRIA DE CORTE

---

Particularmente na pecuária bovina, os seus reflexos têm sido mais evidentes, tendo em vista a pouca flexibilidade da estrutura de produção, derivadas, sobretudo, do alongado ciclo biológico da espécie animal explorada. Em pleno período recessivo (1981/83), quando os preços atingiram níveis muito baixos, o abate foi intenso, em razão do aumento da oferta, como consequência da retenção de matrizes no biênio

1 - BRASIL - PREÇOS REAIS<sup>(1)</sup> DO BEZERRO, BOI MAGRO, BOI GORDO, SUÍNO VIVO, FRANGO VIVO, LEITE, OVOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES, E DE CARNE BOVINA NO VAREJO DA CIDADE DE SÃO PAULO - 1984-86 (MÉDIAS ANUAIS) E 1987-88 (MÉDIAS MENSAS)

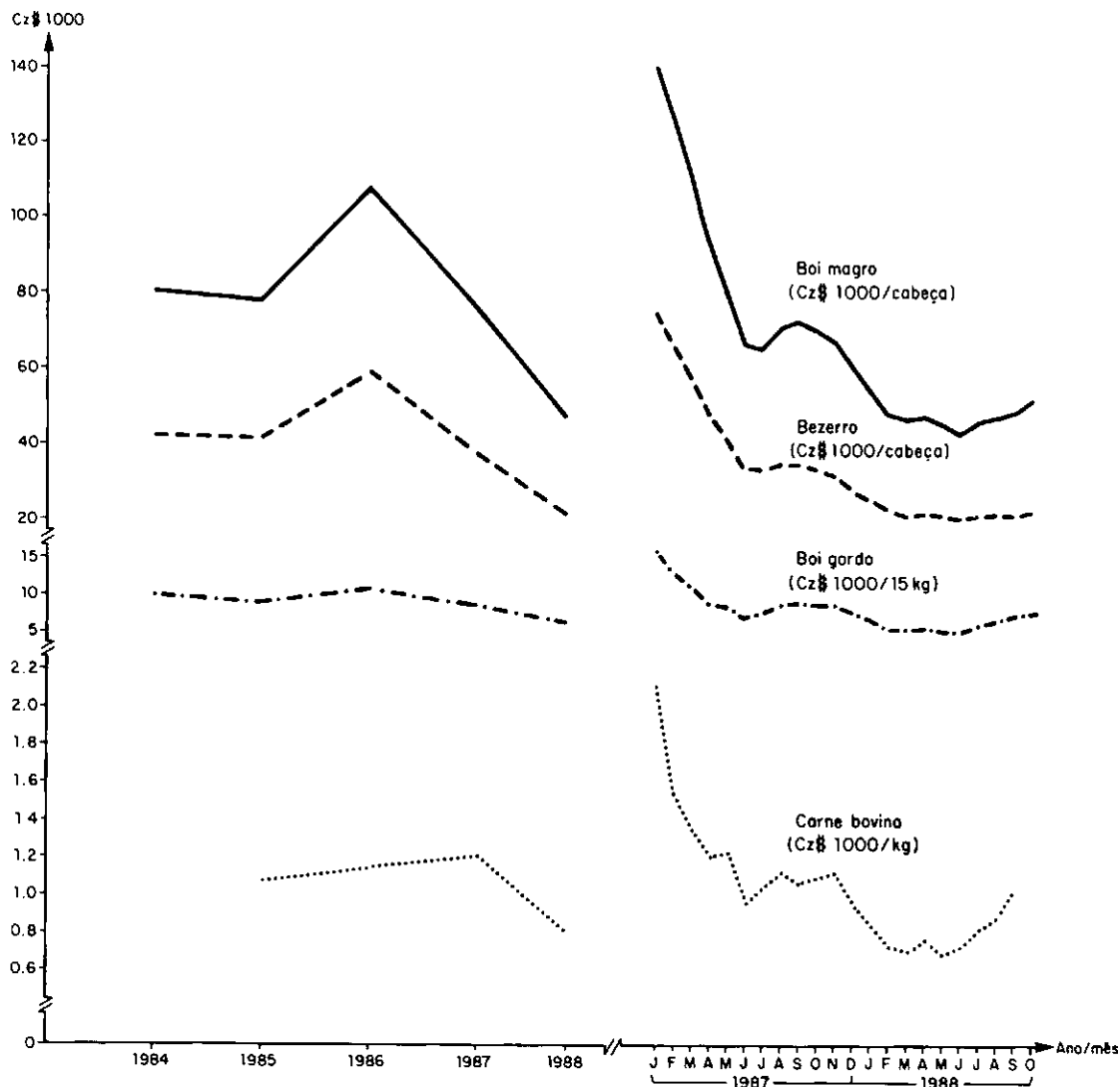
ANO/MÊS	Bezerro (Cz\$/ cabeça)	Boi magro (Cz\$/ cabeça)	Boi gordo (Cz\$/ cabeça)	Suíno/corte (Cz\$/ 15kg)	Frango/corte (Cz\$/ kg)	Leite (Cz\$/ litro)	Ovos (Cz\$/ dúzia)	Carne bovina (Cz\$/ kg)
Média 1984 .....	43 540	81 877	10 385	7 147	450	93	299	-
Média 1985 .....	43 111	79 226	9 225	6 567	405	89	226	1 081
Média 1986 .....	59 741	108 815	10 773	7 338	459	87	270	1 155
1987								
Janeiro .....	76 350	141 501	16 492	8 299	492	108	291	2 049
Fevereiro .....	67 645	128 397	13 074	6 573	449	102	296	1 530
Março .....	58 291	111 874	11 104	5 553	403	93	274	1 345
Abril .....	49 501	94 643	9 227	4 561	359	113	235	1 204
Maió .....	43 149	81 349	8 761	3 827	357	94	219	1 230
Junho .....	35 091	67 994	7 302	3 464	325	95	212	961
Julho .....	34 440	66 682	7 680	3 368	312	101	181	1 058
Agosto .....	35 991	71 830	8 714	3 848	323	113	173	1 125
Setembro .....	35 602	73 081	9 039	4 101	330	107	175	1 063
Outubro .....	34 733	71 622	8 714	3 956	328	102	174	1 088
Novembro .....	33 090	68 366	8 780	4 003	318	97	153	1 118
Dezembro .....	29 526	61 483	7 777	4 046	310	91	154	969
Média 1987 .....	38 885	77 083	8 955	4 219	339	100	191	1 212
1988								
Janeiro .....	26 476	54 369	6 945	3 764	282	84	140	846
Fevereiro .....	23 807	48 448	5 987	3 476	272	78	156	722
Março .....	22 537	47 146	5 685	3 854	276	75	201	708
Abril .....	23 068	47 433	5 901	3 899	272	72	202	776
Maió .....	22 163	45 591	5 350	3 787	256	73	193	680
Junho .....	21 682	43 627	5 296	3 655	252	73	179	722
Julho .....	22 071	46 629	6 122	3 997	263	74	186	813
Agosto .....	22 380	47 520	6 783	4 077	279	73	208	886
Setembro .....	22 315	49 126	7 270	4 051	291	71	176	1 010
Outubro .....	23 401	52 379	7 792	4 193	305	70	163	1 028
Média 1988 .....	22 747	48 530	6 627	3 967	280	73	181	819

FONTES - CEA-FGV - IEA-SP.

(1) Corrigidos pelo IGP-DI, da FGV, para outubro de 1988. (2) Até outubro.

GRÁFICO 1

BRASIL — PREÇOS REAIS<sup>(1)</sup> DO BEZERRO, BOI MAGRO E BOI GORDO RECEBIDOS PELOS PRODUTORES E PREÇOS REAIS<sup>(1)</sup> DA CARNE BOVINA NO VAREJO DA CIDADE DE SÃO PAULO 1984-86 (MÉDIAS ANUAIS) E 1987/88<sup>(2)</sup> (MÉDIAS MENSAIS)



FONTE — CEA-FGV e IEA-SP.

(1) Corrigidos pelo IGP-DI, da FGV, para outubro de 1988. (2) Até outubro.

1979/80, fase de pico de preços dos produtos pecuários (bezerro, boi magro e boi gordo). O período que se seguiu a partir de 1982 foi marcado por intenso abate de matrizes, interrompido apenas em 1986, justamente quando houve incremento da demanda, provocada pelo Plano Cruzado que, meteoricamente, dinamizou a economia. A coincidência do início de uma fase de menor oferta de animais para abate com o incremento da demanda desaguou num confronto entre o pecuarista e o governo, fato que, para muitos analistas do mercado, constituiu-se no principal fator de fracasso do Plano Cruzado. Com efeito, os preços

dos produtos da pecuária bovina, apesar do congelamento determinado pelo governo, registraram em 1986 as maiores altas da década, para logo em seguida, 1987 e 1988 (até agosto), voltarem aos níveis inferiores aos de 1984 (Tabela 1 e Gráfico 1).

O Censo Agropecuário de 1985 registrou o arrefecimento da expansão do rebanho bovino do país, que caiu de uma taxa de crescimento de 4,16% a.a. na década de 70, para 1,57% a.a. (abaixo do crescimento demográfico) no período 1980/85. É de se crer que essa mesma tendência venha persistindo na segunda metade da década, não obstante a retenção de matrizes que carac-

terizou o ano de 1986, período, por sinal, considerado muito curto para reverter o processo de liquidação do rebanho, predominante na década. As evidências da assertiva estão na retomada do abate de matrizes a partir de maio de 1987, fenômeno que se mantém intenso desde então mesmo na fase em que houve melhora dos preços, em razão do inverno intenso e prolongado que incidiu sobre a região Centro-sul do país.

No período de janeiro a setembro de 1988, a produção de carne bovina acusou um total de 1,92 milhões de t em carcaça, correspondendo a um incremento de 9,6% em relação a igual período do ano anterior. Essa produção proveio do abate de 9,3 milhões de cabeças das quais 3,4 milhões (36,8%) eram vacas (Tabela 2). No trimestre julho/setembro, quando a alta dos preços era evidente, a proporção de vacas abatidas manteve-se alta (36,4%), confirmando as expectativas pessimistas dos pecuaristas em relação à lucratividade futura da atividade no mercado interno. A respeito, é oportuno registrar que o sacrifício de matrizes é muito intenso, já que as estatísticas oficiais não incorporam a matança clandestina, que, como se sabe, abate preponderantemente vacas.

As perspectivas da pecuária bovina de corte não são, pois, favoráveis para 1989 e os anos iniciais da década de 90. O arrefecimento do ritmo da expansão numérica do rebanho, derivada da redução de investimentos e conjugada com o abate intenso de matrizes, deverá resultar na diminuição da

oferta de animais para abate nos próximos anos. Os seus reflexos no mercado interno serão de natureza altista, tornando a carne bovina cada vez mais inacessível a amplas camadas da população e levando o governo a intensificar as importações para reduzir a sua influência nos índices inflacionários. No mercado externo, antevê-se um quadro semelhante no que concerne à demanda que deverá voltar a crescer, em decorrência dos programas de redução dos rebanhos leiteiros postos em prática em anos recentes pelos EUA (*Dairy Termination Program*), CEE e Nova Zelândia. Neste sentido, prevê-se aumento da demanda no mercado internacional, oportunidade que a pecuária brasileira terá dificuldades em aproveitar, em razão da queda da produção e das prováveis medidas (contingenciamento) governamentais, para atender ao abastecimento interno. Isto sem se considerar o nível precário da sanidade do rebanho, questão que tem sido cada vez mais objeto de pressão dos países importadores, sobretudo dos membros da CEE.

O aperfeiçoamento do sistema criatório mediante a aplicação de técnicas de baixos custos geradas pela EMBRAPA, processo que vem sendo difundido no Brasil Central, pode contrabalançar a redução da oferta proveniente da amenização do ritmo de expansão do rebanho verificado na década. A intensificação do avanço tecnológico da pecuária está, contudo, condicionado à retomada do desenvolvimento econômico, de modo a ampliar a capacidade de compra

## 2 - ABATE DE BOVINOS - 1987/88 (Janeiro a setembro) Brasil

11 000 cabeças

MESES	TOTAL			BOIS			VACAS			VITELOS		
	1987	1988	Variação (%)	1987	1988	Variação (%)	1987	1988	Variação (%)	1987	1988	Variação (%)
TOTAL.....	8 082	9 255	14,5	5 640	5 817	3,1	2 411	3 410	41,4	31	28	- 9,7
Janeiro.....	655	949	44,9	489	615	25,8	164	331	101,8	2	3	50,0
Fevereiro.....	786	997	26,9	581	638	9,8	201	356	77,1	4	3	- 25,0
Março.....	1 015	1 070	5,5	788	646	- 12,5	273	421	54,2	4	3	- 25,0
Abril.....	948	1 077	13,6	661	659	- 0,3	284	415	46,1	3	3	-
Maio.....	978	1 164	19,0	673	742	10,3	302	419	38,7	3	3	-
Junho.....	996	1 100	10,4	674	684	1,5	318	412	29,6	4	4	-
Julho.....	943	1 030	9,2	617	642	4,1	322	385	19,6	4	3	- 25,0
Agosto.....	892	1 020	14,3	597	644	7,9	291	373	28,2	4	3	- 25,0
Setembro.....	869	848	- 2,4	610	547	- 10,3	256	298	16,4	3	3	-

FONTE - IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Agropecuária, Pesquisa Mensal de Abate de Animais.

NOTAS - 1. Dados obtidos a partir da amostra reformulada em janeiro de 1984.

2. Resultados preliminares de 1988.



**3 – EXPORTAÇÃO DE CARNE BOVINA – 1987/88**  
(Janeiro a agosto)  
Brasil

DISCRIMINAÇÃO	QUANTIDADE (t)		Variação (%)	VALOR (US\$ 1 000 FOB)		Variação (%)	PREÇO MÉDIO (US\$/t FOB)		Variação (%)
	1987	1988		1987	1988		1987	1988	
Carnes de bovino congelada, fresca ou resfriada	36 590	111 957	205,98	114 976	252 751	119,83	3 142,28	2 257,57	- 28,16
Carne de bovino industrializada.....	57 023	98 628	72,96	145 513	197 535	35,75	2 551,83	2 002,83	- 21,51
Total .....	-	-	-	260 489	450 286	72,86	-	-	-

FONTE – FUNCEX.

da população da carne bovina, produto de preços inacessíveis nas atuais condições do país.

No que concerne ao mercado internacional, deve-se assinalar que, depois de dois anos de desempenho pouco satisfatório em decorrência do Plano Cruzado, as exportações de carne bovina voltaram a crescer. Até agosto, as remessas para o exterior alcançaram 112,0 mil t de carne *in natura* e 57,0 mil t de carne industrializada, correspondendo acréscimos de 206,0% e de 73,0%, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano anterior. A receita total obtida alcançou um montante de US\$ 450,3 milhões, representando um aumento de, aproximadamente, 72,9% (Tabela 3).

### PECUÁRIA DE LEITE

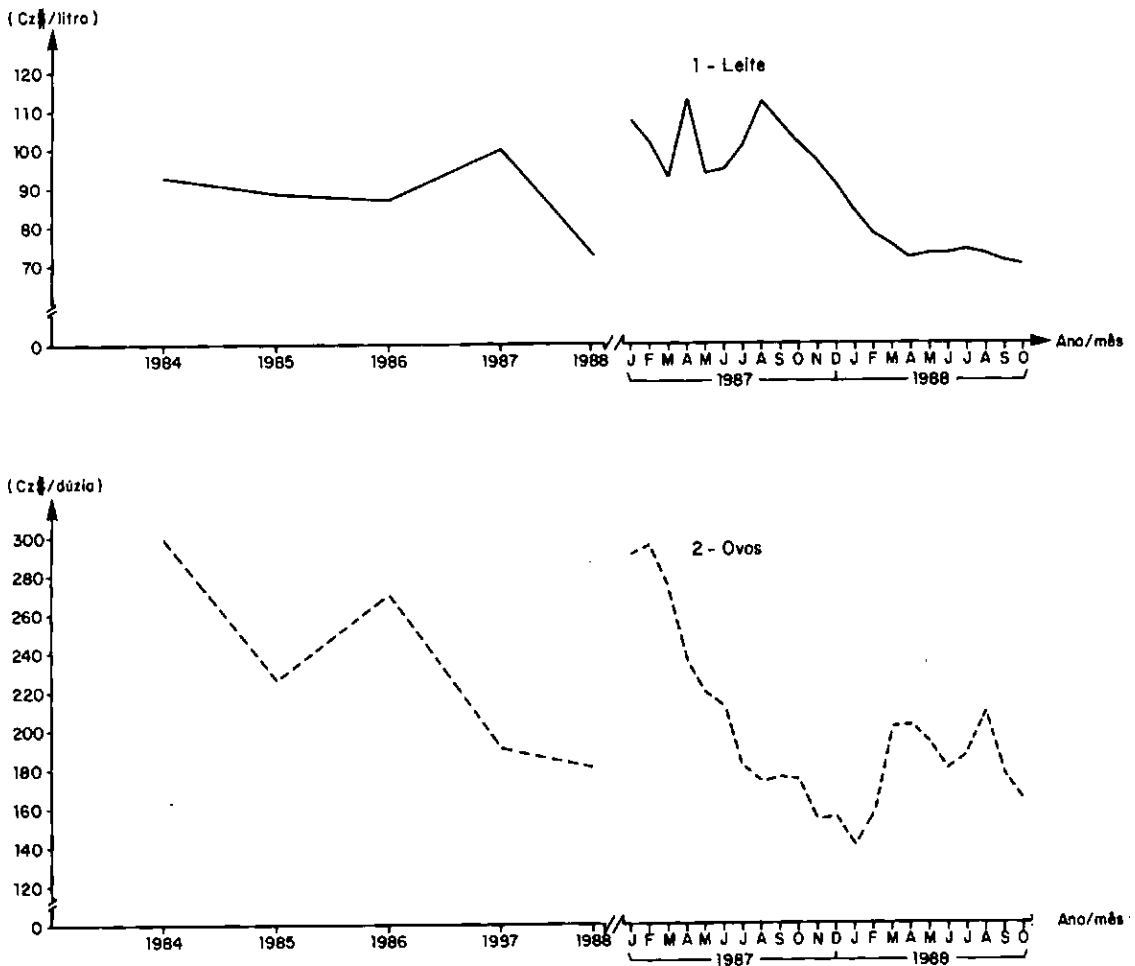
Manietada desde a década de 40, por uma política de controle de preços direcionada para o consumidor urbano, a pecuária leiteira nacional tem-se caracterizado por um desenvolvimento precário, bem abaixo do potencial do rebanho. Na primeira metade da década de 70, o governo implementou uma política de recuperação dos preços juntamente com um programa de assistência técnica e financeira ao pecuarista, de modo a reverter a queda da produção, bastante acentuada no período 1970/73. A retomada da produção só se configurou, porém, até 1978, ano em que voltou a prevalecer o controle intenso dos preços por parte do governo. Esta situação perdurou até 1985, tendo como exceção o exercício de 1981, quando em plena recessão da economia, o

governo autorizou um reajuste substancial dos preços do leite, acarretando um aumento quase imediato da produção. Naquela época, o escoamento do volume de leite produzido tornou-se difícil, em face do aumento do desemprego e da redução do poder de compra dos assalariados. Em consequência, a produção anual destinada à indústria laticinista persistiu estagnada em torno de 8,8 bilhões de litros no período de 1978/86.

Em 1986, a expectativa de que o governo tomaria medidas de estímulo à produção de leite foi desfeita com o Plano Cruzado que congelou os preços ao produtor em nível muito baixo, já que estava previsto um reajuste de 40%, a partir de 1º de março daquele ano. O subsídio de 30% concedido ao produtor a partir de junho, não se constituiu em estímulo suficiente para reverter o quadro de desânimo reinante no âmbito da produção, que fechou o ano com um decréscimo de 1,5%. Recorde-se que para atender a expansão da demanda, o governo teve que importar quantidades recordes de leite em pó (180 mil t) e derivados lácteos, despendendo US\$ 184 milhões em divisas.

Em face do desempenho insatisfatório da produção no ano anterior, o governo decidiu, em janeiro de 1987, implementar uma política de recuperação dos preços em nível do produtor. A partir de maio, por sugestão da Comissão Permanente do Setor Leiteiro, a sua implementação passou a ter como base a planilha de custos elaborada pelo Centro Nacional de Pesquisas de Gado Leiteiro, da EMBRAPA, que na sua metodologia incorporou uma visão de longo prazo para a atividade produtiva. A recuperação dos preços, que tinham descido a níveis inferiores a

GRÁFICO 2  
BRASIL — PREÇOS REAIS<sup>(1)</sup> DE LEITE E DE OVOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES  
1984-88<sup>(2)</sup> (MÉDIAS ANUAIS) E 1987/88<sup>(2)</sup> (MÉDIAS MENSAIS)



FONTE — CEA-FGV

(1) Corrigidos pelo IGP-DI, da FGV, para outubro de 1988. (2) Até outubro.

Cz\$ 80,00/l (cruzados de outubro de 1988), no período fevereiro a maio de 1986, foi evidente: em abril de 1987 alcançou Cz\$ 113,00/l e a média anual, Cz\$ 100,00/l, correspondendo a um aumento de 14,9% sobre a de 1986 (Tabela 1 e Gráfico 2). A resposta do setor produtivo foi imediata, ratificando o conceito empírico de que, em razão do potencial leiteiro do rebanho, a produção pode crescer substancialmente, mediante ligeira melhora da alimentação das vacas e intensificação da ordenha. Assim, em 1987, o volume de leite destinado às indústrias alcançou a cifra de 9,87 bilhões de litros, 13,5% acima do registro de 1986, facultando ao governo cancelar ainda naquele ano a importação de 35 mil toneladas de leite em pó, no valor de

US\$ 28 milhões, de um total previsto para 100 mil toneladas.

Não obstante o sucesso alcançado pela política de preços *realistas*, constata-se a sua interrupção, já a partir de dezembro de 1987, quando o preço do litro de leite voltou a declinar visivelmente, vindo a se situar, em fevereiro do ano passado abaixo dos Cz\$ 80,00, patamar que se manteve até outubro (Tabela 1). O aumento da produção da ordem de 7,1%, registrado nos primeiros nove meses, chega a ser surpreendente, tendo em vista que, desde o início do ano, o governo se restringiu a corrigir mensalmente o desgaste inflacionário. Desse modo, a queda da produção de 4,9%, verificada no bimestre agosto/se-

**4 – PRODUÇÃO DE LEITE DESTINADO ÀS INDÚSTRIAS – 1987/88**  
(Janeiro a setembro)  
Brasil

MESES	VOLUME (1 000 l)		
	1987	1988	Varição (%)
Total .....	6 209 393	6 648 645	7,1
Janeiro .....	823 109	931 900	13,2
Fevereiro .....	699 235	837 882	19,8
Março .....	706 849	844 360	19,5
Abril .....	689 947	738 956	7,1
Maió .....	684 044	725 058	6,0
Junho .....	636 489	659 397	3,6
Julho .....	658 753	664 020	0,8
Agosto .....	668 549	640 167	- 4,2
Setembro .....	642 418	606 905	- 5,5

FONTE – IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Agropecuária, Pesquisa Mensal de Leite.

tembro (Tabela 4), pode ter como causa não só o inverno rigoroso, mas também a manutenção dos preços em níveis pouco remuneradores da produção. Ademais, pode derivar também do abate de matrizes, fenômeno que prossegue intenso mesmo nos meses recentes, quando houve melhora relativa dos preços dos produtos pecuários (bezerro, boi magro, boi gordo e carne bovina). Constitui, porém, um alerta para o próprio governo para que tome as providências necessárias à reversão do quadro desalentador que se instaura novamente no âmbito da pecuária leiteira, cujos prejuízos são evidentes para a economia e para a população em geral.

### AVICULTURA DE CORTE

Na esteira da expansão da soja e da indústria de rações, a avicultura nacional teve um crescimento vertiginoso na década de 70, fazendo com que a carne de frango superasse a de suínos e passasse a ocupar a segunda posição no rol dos alimentos proteínicos sólidos de origem animal. De fato, a carne de aves<sup>1</sup>, que em 1975 representava 20% do peso total das carcaças dos bovinos abatidos, passou a 30% em 1979, chegando a mais de 50% em 1982.

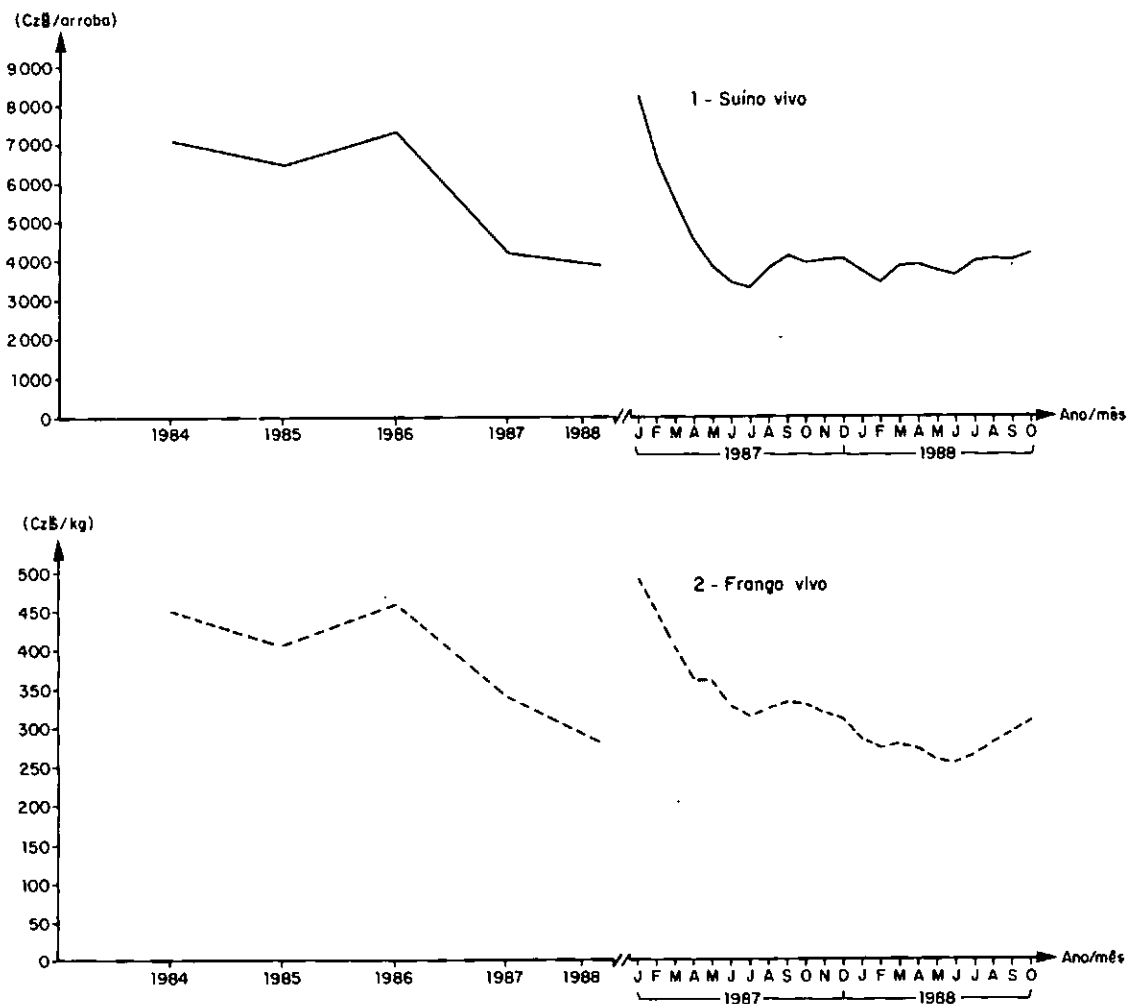
Ao par do domínio da tecnologia criatória e de gerenciamento das granjas comerciais,

contribuiu também para o desempenho da avicultura brasileira o grande desenvolvimento econômico da década de 70, processo que, permitindo uma expansão dos preços da carne bovina (produto que em razão da preferência dos consumidores, lidera o mercado de carnes no país), deu margem a que a carne de frango, sem perdas da rentabilidade do criador, conquistasse uma fatia maior do mercado. O outro elemento importante que contribuiu para a performance da atividade foi a expansão do sistema integrado de criação de aves, sobretudo nos Estados de Santa Catarina e Paraná, o qual possibilitou uma rápida assimilação por parte de pequenos criadores dos pacotes tecnológicos fornecidos por empresas industriais de vulto na região. Registre-se que essas empresas propiciavam também cobertura financeira aos criadores integrados, impondo, contudo, o compromisso de venda cativa da produção.

Nos anos 80, o desenvolvimento da produção avícola, que teve seu primeiro pico no biênio 1982/83 (cerca de 1,2 milhão de t), diminuiu de ritmo nos dois anos seguintes, para voltar a registrar impulso a partir de 1986, em conseqüência da escassez da carne bovina no mercado, provocada pelo Plano Cruzado. Neste período, a alta de preços do frango de corte, embora não tão expressiva quanto à do boi gordo (Tabela 1 e Gráfico 3), derivada do dinamismo da economia proveniente da intervenção governa-

<sup>1</sup> A carne de frango representa cerca de 97% do total de carne de aves produzida no país.

GRÁFICO 3  
BRASIL – PREÇOS REAIS<sup>(1)</sup> DE SUÍNO VIVO E DE FRANGO VIVO RECEBIDOS PELOS  
PRODUTORES  
1984-88<sup>(2)</sup> (MÉDIAS ANUAIS) E 1987/88<sup>(2)</sup> (MÉDIAS MENSAIS)



FORNTE – CEA-FGV  
(1) Corrigidos pelo IGP-DI, da FGV, para outubro de 1988. (2) Até outubro.

mental, constituiu-se no principal elemento propulsor das granjas avícolas, cuja produção chegou a representar 60% da de carne bovina. Em 1987, à semelhança do quadro mercadológico das carnes em geral, os preços da carne de frango passaram a registrar queda fulminante, em consonância com a contração abrupta da demanda, configurada na fase de *ressaca* do Plano Cruzado.

Em 1987, com a continuidade da erosão do poder de compra das classes assalariadas, os preços do frango atingiram o seu patamar mais baixo dos últimos quatro anos (Tabela 1), levando os avicultores a diminuir o ritmo criatório, mediante a redução do alojamento dos pintos de um dia, como forma de evitar prejuízos maiores. Na raiz da de-

cisão dos granjeiros, estava a deterioração dos preços relativos frango/milho, frango/ração e frango/farelo de soja, que se acentuou, no corrente ano, em razão também da majoração dos preços internos do cereal e da leguminosa, causada pela quebra de safra norte-americana de milho e soja e da produção nacional de milho. Ressalte-se que esse quadro desfavorável aos granjeiros completou-se com a virtual impossibilidade de repasse da alta dos preços dos insumos básicos da atividade ao consumidor urbano, às voltas com um processo de perda do poder de compra, ditado por correções salariais menores do que o ímpeto inflacionário. Registre-se, também, a queda abrupta dos preços do boi gordo (e por con-

5 — ABATE DE AVES — 1987/88  
(Janeiro a setembro)  
Brasil

(1 000 cabeças)

MESES	TOTAL <sup>(1)</sup>			PERUS			GALOS E GALINHAS			FRANGOS E FRANGAS			PATOS, MARRECO E GANSOS		
	1987	1988	Variação (%)	1987	1988	Variação (%)	1987	1988	Variação (%)	1987	1988	Variação (%)	1987	1988	Variação (%)
Total.....	609 334	581 159	-4,6	5 391	5 750	6,7	12 023	9 028	-24,9	591 249	565 418	-4,4	671	963	43,5
Janeiro.....	70 342	70 977	0,9	398	570	43,2	1 263	1 403	11,1	68 591	68 903	0,5	90	101	12,2
Fevereiro...	63 597	60 693	-4,6	417	547	31,2	1 680	827	-50,8	61 435	59 230	-3,6	65	89	36,9
Março.....	66 488	65 616	-1,3	346	521	50,8	1 604	820	-48,9	64 458	64 135	-0,5	80	140	75,0
Abril.....	67 430	58 850	-8,0	356	548	53,9	1 906	504	-73,6	65 095	57 715	-11,3	73	83	13,7
Maió.....	66 237	63 663	-3,9	446	609	36,5	1 278	736	-42,4	64 454	62 224	-3,5	59	94	59,3
Junho.....	58 447	67 793	-1,0	606	577	-4,8	1 069	1 414	32,3	56 722	65 712	-1,5	50	90	80,0
Julho.....	71 621	65 176	-9,0	870	615	-29,3	1 338	998	-25,4	69 343	63 443	-8,5	70	120	71,4
Agosto.....	66 454	65 665	-1,2	937	846	-9,7	866	924	6,7	64 563	63 767	-1,2	88	128	45,5
Setembro.....	68 718	62 726	-8,7	1 015	917	-9,7	1 019	1 402	37,6	66 588	60 289	-9,5	96	118	22,9

FONTE — IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Agropecuária, Pesquisa Mensal de Abate de Animais.

NOTAS — 1. Dados obtidos a partir da amostra reformulada em janeiro de 1984.

2. Resultados preliminares de 1988.

(1) Não estão incluídos os abates de codornas.

seqüência, da carne bovina) como fator de depressão do preço do frango (Tabela 1 e Gráfico 3). A alta dos preços do boi gordo, a partir de junho, em virtude do inverno longo e rigoroso, não propiciou condições para *puxar* os preços das carnes substitutas em nível suficiente para viabilizar economicamente a atividade criatória. Em outubro, o preço do frango vivo (Cz\$ 305,00/kg) registrou uma alta de 21,0% sobre o de junho, mas ainda assim persistiu 10,0% e 33,6% abaixo das médias alcançadas, respectivamente, em 1987 e 1986 (Tabela 1). Neste contexto, o abate de frangos alcançou um total de 60,3 milhões de cabeças, no período de janeiro a setembro de 1988, correspondendo à queda de 4,4% em relação a igual período do ano passado (Tabela 5).

## AVICULTURA DE POSTURA

A produção de ovos do tipo comercial em 1987, foi recorde, alcançando a cifra de 1,18 bilhão de dúzias, cerca de 5,25% acima da do ano anterior. Este desempenho resultou da expansão do alojamento de poedeiras em 1986, durante a vigência do Plano Cruzado, período em que, em razão do aumento da demanda e da escassez das carnes em geral, os preços dos ovos acusaram uma alta da ordem 19,5% em relação à

média de 1985 (Tabela 1 e Gráfico 2), não obstante o *congelamento* estabelecido pelo governo durante o Plano Cruzado.

O incremento da produção verificado em 1987 coincidiu, porém, com o novo *congelamento* de preços determinado pelo Plano Bresser, que trazia em seu bojo a extinção do *gatilho* e medidas de arrocho salarial. Em consequência, os preços que, com o malogro do Plano Cruzado, vinham declinando de modo gradativo, praticamente *despencaram*, caindo da média Cz\$ 254,50/dz no primeiro semestre para Cz\$ 168,33/dz, no segundo (Tabela 1). Em 1988, depois de alcançar o seu ponto mais baixo (Cz\$ 140,00/dz) em janeiro, os preços dos ovos começaram a acusar uma leve alta, mas persistindo em níveis muito baixos (janeiro a setembro: média de Cz\$ 181,00/dz), correspondentes a menos 39,5% do preço médio alcançado no país, em 1984 (Tabela 1).

A defasagem entre o custo de produção e o preço recebido, que persistiu acentuada durante todo o ano de 1987, atingiu seu ponto máximo em janeiro de 1988, levando os avicultores a diminuir de 68,5 milhões de cabeças o plantel de poedeiras, alojadas mensalmente no país, para 60,6 milhões em maio<sup>2</sup>. O reflexo dessa decisão é evidenciado pela queda de 2,6% na produção de ovos no

<sup>2</sup> Dados da Associação Paulista de Avicultura — APA.

6 - PRODUÇÃO DE OVOS DE GALINHA - 1987/88  
(Janeiro a setembro)  
Brasil

MESES	QUANTIDADE (11 000 dúzias)		
	1987	1988	Varição (%)
Total .....	882 402	859 625	- 2,58
Janeiro .....	98 135	93 893	- 4,32
Fevereiro .....	91 804	90 493	- 1,42
Março .....	98 915	97 290	- 1,64
Abril .....	97 778	95 760	- 2,06
Maió .....	97 940	98 548	0,62
Junho .....	96 716	95 968	- 0,77
Julho .....	100 996	95 461	- 5,48
Agosto .....	100 621	96 931	- 3,67
Setembro .....	99 494	95 281	- 4,23

NOTA - Dados preliminares. Os dados acima não correspondem às produções totais das Unidades da Federação, uma vez que são pesquisados somente os estabelecimentos com 10 000 ou mais cabeças de galinhas poedeiras e produção de ovos.

país, no período de janeiro a setembro do ano passado (Tabela 6).

## SUINOCULTURA

Nos anos 70, o desenvolvimento do rebanho suíno foi pequeno quando comparado ao de bovinos e ao das granjas avícolas comerciais. No final da década, houve ainda o surto da peste suína africana que, além dos prejuízos diretos advindos do sacrifício compulsório de animais em determinados estados, acarretou um retrocesso na atividade, interrompendo o programa de exportações de carne suína, elaborado pelo governo, à semelhança da avicultura, para ser implementado na época.

Os danos causados pela doença repercutiram no início da década de 80, quando o número de animais abatidos continuou intenso, coincidindo praticamente com a fase recessiva da economia (1981/83). Mas nesse mesmo período, começou a ser intensificado um programa de renovação do plantel, com a introdução de novas raças do tipo carne e técnicas modernas de criação, apoiado financeiramente pelo governo. Os resultados desse processo de renovação do rebanho tornaram-se mais evidentes a partir de 1985, atingindo o seu auge no ano passado, quando o abate de suínos alcançou a cifra de 10,85 milhões de cabeças, número equivalente aos do princípio da década. Destaque-se, porém, que a taxa de desfrute

(cerca de 35%) ainda é muito baixa, revelando os precários índices zootécnicos do rebanho e a heterogeneidade dos sistemas criatórios, tendo em vista que as tecnologias avançadas de criação estão restritas aos Estados de Santa Catarina, Paraná e São Paulo.

A produção recorde de carne suína em 1987 resultou da expansão do alojamento de matrizes no ano de 1986, medida tomada pelos criadores, no *embalo* do crescimento da demanda provocada pelo Plano Cruzado. A rentabilidade do produtor foi, no entanto, prejudicada pela queda de preços e pela colocação no mercado interno de 70 mil t de carne suína importada, no início de 1987, em razão do atraso de sua chegada no país. Em consequência, os preços da arroba de suíno que em 1986 haviam alcançado a média de Cz\$ 7.338,00, declinaram para menos da metade em junho e julho de 1987 (Tabela 1 e Gráfico 3), refletindo a retomada da política de arrocho salarial, embutida no *Plano Bresser*.

Em 1988, constata-se a manutenção em patamar baixo dos preços em nível do criador (no período janeiro/outubro, a média de preço foi de Cz\$ 3.967,00/arroba de suíno), deprimindo tremendamente a rentabilidade da atividade, tendo em vista que, diferentemente do ano anterior, o milho e outros componentes da ração vêm registrando altas sucessivas. Razão porque, observa-se nos meses recentes uma queda visível nos abates (no trimestre junho/setembro, sacrificaram-se menos 274 mil cabeças, isto é, 7,1% abaixo do registro de igual período).

7 – ABATE DE SUÍNOS – 1987/88  
(Janeiro a setembro)  
Brasil

(1 000 cabeças)

TOTAL	TOTAL			PORCOS			LEITÕES		
	1987	1988	Variação (%)	1987	1988	Variação (%)	1987	1988	Variação (%)
Total .....	7 831	7 973	1,8	7 745	7 881	1,8	86	92	7,0
Janeiro .....	768	920	19,8	760	909	19,6	8	11	37,5
Fevereiro .....	747	831	11,3	739	821	11,1	8	10	25,0
Março .....	788	915	16,1	780	905	16,0	8	10	25,0
Abril .....	763	809	5,3	758	799	5,4	10	10	-
Maió .....	891	903	1,3	881	893	1,4	10	10	-
Junho .....	949	915	- 3,6	940	904	- 3,8	9	11	22,2
Julho .....	982	901	- 8,2	970	891	- 8,1	12	10	- 16,7
Agosto .....	942	915	- 2,9	932	905	- 2,9	10	10	-
Setembro .....	996	864	- 13,3	985	854	- 13,3	11	10	- 9,1

FONTE – IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Agropecuária, Pesquisa Mensal de Abate de Animais.

NOTAS -- 1. Dados obtidos a partir da amostra reformulada em janeiro de 1984.

2. Resultados preliminares de 1988.

do do ano passado) (Tabela 7). Caso essa tendência se mantenha até dezembro, é provável que o registro final para 1988 seja negativo, confirmando o quadro de desânimo que prevalece no âmbito dos criadores. Na verdade, a queda recente na produção de carne suína, provém de medidas tomadas pelos criadores desde o final do ano passado, que através do abate maciço de matrizes, previram o contexto atual de dificuldade do mercado.

## CONCLUSÃO

Em resumo, os dados relativos a setembro mostraram-se uniformemente negativos, confirmando a expectativa (fundamentada nos fatores adversos de ordens climática e econômica) de que o ritmo de crescimento da produção se arrefeceria no segundo semestre. De fato, a seca prolongada que, caracterizou o inverno de 1988, prejudicou fortemente as pastagens, fazendo com que diminuíssem a produção de leite e o fluxo de bovinos erados para abate. Por outro lado, o desempenho dessas atividades, bem como as de criação de suínos e de

aves de corte e poedeiras, foi influenciado pelos baixos preços que prevaleceram no mercado desde o final de 1987 até o mês de junho do ano passado. Nos casos específicos da avicultura e suinocultura, a alta dos preços da soja e do milho foi o outro fator a acarretar a queda da rentabilidade das granjas produtoras e, conseqüentemente, a determinar a diminuição da produção. Em conseqüência, a expectativa é de que a contribuição do subsector pecuário para o Produto Real da Agricultura decresça de modo acentuado até o fim do ano, levando a crer que a taxa de crescimento do setor fique abaixo da unidade, em 1988.

Do que foi exposto, conclui-se que não são nada alentadoras as perspectivas para o subsector animal. A consciência de que esta situação não constitui fenômeno isolado no contexto da economia do país, não pode transformar-se em obstáculo (ou pretexto) para não se pôr em evidência o fato de que a área dos produtos proteínicos de origem animal (carnes, peixe, leite e ovos) está a merecer um programa comum de longo prazo, que considere a capacidade de substituição mercadológica de cada um, de modo a evitar as grandes crises de abastecimento que tem caracterizado os últimos decênios.